

CADERNOS DE NEGAÇÃO Nº 15

NOTAS SOBRE SEXO E GÊNERO

Link: <https://cuadernosdenegacion.blogspot.com/2021/08/nro15-notas-sobre-sexo-y-genero.html>

<u>APRESENTAÇÃO</u>	2
<u>Aviso: esta não é uma caixa de ferramentas.</u>	7
<u>INTERSEXUALIDADE E QUANTIFICAÇÃO SEXUAL</u>	11
<u>Ciência e sociedade</u>	16
<u>Padronização e reprodução</u>	18
<u>SEXO E GÊNERO</u>	20
<u>O fetiche por gênero</u>	22
<u>Sobre diferença e igualdade</u>	24
<u>Natureza e cultura</u>	25
<u>Imagem: Abstração do ser humano</u>	29
<u>Dissociação entre corpo e mente</u>	30
<u>Retornando ao sexo, gênero e sexualidade</u>	32
<u>Gênero e tecnociência</u>	35
<u>"O PESSOAL É POLÍTICO</u>	38
<u>O pessoal...</u>	40
<u>... e política</u>	42
<u>CONSTRUÇÃO?</u>	44
<u>Origens do conceito</u>	46
<u>O capitalismo não é um texto</u>	47
<u>Ideologia</u>	48
<u>Dados posteriores</u>	49
<u>CRÍTICA DO FEMINISMO COMO IDEOLOGIA</u>	51
<u>O perigo de criticar o feminismo</u>	56
<u>Pós-feminismo / Queer</u>	57
<u>NOTAS FINAIS</u>	59
<u>Divisão sexual e força de trabalho</u>	59
<u>Cidadania</u>	63
<u>Interclasismo</u>	64
<u>Contra o sexismo, o Estado e o capital!</u>	68

APRESENTAÇÃO

A "ideologia de gênero" é o que os setores reacionários chamam de forma errônea, desdenhosa e inquisitorial de crítica e atualização das tradições, usos e costumes em relação à sexualidade. Com essa definição, eles tentam atacar o movimento de mulheres, aqueles que não se conformam com a heterossexualidade, a educação sexual nas escolas e fora delas, bem como qualquer expressão, seja reformista ou revolucionária, que vá contra seu terrorismo antissexual, normalizador, familiar e heterossexista.

Ironicamente, são justamente aqueles que a apontam como um perigo que defendem algo que poderia ser chamado mais precisamente de "ideologia de gênero"... Aqueles que fazem campanha "não mexa com meus filhos", aqueles que distribuem balões rosa ou azul claro nas ruas e outros personagens intimamente relacionados ao cristianismo, tanto católicos quanto evangélicos, cada vez mais poderosos.

A definição dada por uma autoridade católica pode ser muito ilustrativa dos debates atuais: "A teoria de gênero é uma ideia que sustenta que não há diferença biológica entre homens e mulheres determinada por fatores inerentes ao corpo, mas que homens e mulheres são iguais em todos os aspectos; que existe essa diferença morfológica, mas ela não conta. Assim, a diferença homem/mulher é uma diferença exclusivamente cultural, ou seja, os homens são homens porque são educados como homens, as mulheres são mulheres porque são educadas como mulheres. Se não fosse por essas construções culturais, não haveria diferença entre homens e mulheres e a raça humana seria formada por pessoas iguais. Dessa forma, a sexualidade é dissociada da personalidade, não está ligada à construção de uma pessoa". (Girolamo Furio, *L'ideologia del "gender": se la conosci la eviti*)

Bem, existem diferenças biológicas, morfológicas e hormonais. Mas isso não implica, como afirmam os setores conservadores ou mesmo as correntes do feminismo, que em todas as sociedades elas signifiquem ou representem a mesma coisa. **Ser homem ou mulher não é a mesma coisa em todas as sociedades, porque são categorias históricas e sociais.**

Ao longo desta edição dos CUADERNOS DE NEGACIÓN, abordaremos as noções de sexo e gênero e tentaremos relacioná-las à divisão sexual no capitalismo, buscando aprofundar ainda mais nossa compreensão das maneiras pelas quais o capital articula e intervém nas diferenças sexuais para a produção e reprodução dessa sociedade.¹ Os dois números anteriores desta publicação foram dedicados à análise histórica e atual do sexism, do patriarcado, da família, da sexualidade, da reprodução da força de trabalho e do trabalho doméstico, bem como de outras questões relacionadas, abrangendo muitos aspectos da divisão sexual do trabalho, da opressão e da exploração específicas das mulheres no capitalismo. Em outras palavras, refletimos bastante sobre a opressão específica dos sexos, incluindo a dissidência, nesta sociedade. E fizemos isso sem que fosse essencial nos aprofundarmos nas definições de gênero e em sua implementação. Isso não significa que não demos atenção aos estudos de gênero e às diferentes abordagens dessa categoria, mas sim que consideramos que, em termos gerais, eles trazem consigo uma forma de conceber e, portanto, de transformar a realidade que questionamos. É por essa razão que não propomos aqui uma definição acabada ou uma contribuição para esses estudos, mas sim uma abordagem crítica. **Entendendo as teorizações de gênero principalmente em relação às transformações na**

¹ Referimo-nos ao nº 13: *Notas sobre o patriarcado* e ao nº 14: *Notas sobre o trabalho doméstico*. Esse bloco de CUADERNOS está em desenvolvimento e continuará com pelo menos duas edições.

produção e reprodução da sociedade capitalista nas últimas décadas. Embora nas duas edições anteriores tenhamos nos concentrado na compreensão dessas questões a partir de uma perspectiva radical, nesta edição também daremos maior ênfase à crítica das abordagens predominantes a essas questões e sua influência nas lutas atuais.

Fica claro, então, que abordamos a categoria relativamente nova e difundida de *gênero* com desconfiança. Muitas das questões que mencionamos foram abordadas antes do surgimento desse "grande avanço nas ciências sociais" na década de 1970. E não apenas em pesquisas e desenvolvimentos teóricos, mas também em lutas sociais que não eram inferiores ou uma prefiguração dos *estudos de gênero*. O que esses estudos tentam tornar visível como ponto de partida já era conhecido antes de a categoria ser cunhada: não existe uma natureza intrinsecamente feminina ou masculina. O que, acrescentamos, não é o mesmo que desconsiderar as diferenças.

Quando uma determinada perspectiva é repetida e celebrada em escritórios estatais, bancos e empresas, deve ser porque ela não é muito perigosa. Tampouco se trata de uma recuperação que a tenha despojado de seus aspectos radicais. Como se sabe, **os estudos de gênero surgiram principalmente e indiscutivelmente nas universidades de prestígio onde são produzidos os intelectuais da sociedade burguesa.**

Devemos ressaltar que muitos desses intelectuais nem sequer se preocupavam com essas questões até poucas décadas atrás. Hoje, muitos deles, homens, culpados por seu atraso nos estudos culturais e de "gênero", encontram um nicho em seu trabalho: a possibilidade de obter benefícios na forma de cargos políticos ou universitários, fama, prestígio ou simplesmente salário. É paradoxal, para dizer o mínimo, que aqueles que se dedicam a apontar dogmas, tradições, micropoderes e "dispositivos de poder" o façam reforçando os bastiões institucionais a partir dos quais eles são exercidos: escritórios estatais, universidades, laboratórios e vários setores da indústria cultural.

"Opor a identidade social sexuada ("gênero") à diferença biológica ("sexo") quase se tornou um hábito, se não uma obrigação, no discurso dominante, na política, na mídia, na universidade e na escola, quase até na rua e, cada vez mais, nos círculos radicais. O consenso e a crítica social raramente andam bem juntos".² (Gilles Dauvé, *Conversa com Constance...*)

Estrategicamente, o igualitarismo forçado **ignora cada vez mais o conceito de sexo, que vem de sexar (diferenciar), e o substitui pelo de gênero, que se refere ao genérico (o supostamente igual).** Fala-se de uma igualdade meramente formal, democrática e, portanto, mercantil. A forte ligação atual entre o feminismo, as teorias de gênero e o igualitarismo não é acidental. Ela é inseparável das transformações nas relações de produção, na crescente participação das mulheres no trabalho assalariado, bem como na crescente indiferenciação dos trabalhos a serem realizados como resultado do desenvolvimento tecnológico. Se não prestarmos atenção aos fatores condicionantes biológicos e culturais e à sua inter-relação, cairemos na ilusão de que cada indivíduo é homem ou mulher porque quer, assim como tentamos nos impor que todos são trabalhadores ou empresários por opção.

De nossa parte, não procuramos as causas da violência e da opressão sexista simplesmente nas diferenças, mas na instrumentalização capitalista dessas diferenças. As diferenças óbvias por si só não dizem nada sobre a brutalidade, a dominação ou as hierarquias que produzem e sobre as quais a ordem social se apóia. Na sociedade capitalista, uma sociedade global e totalitária, é precisamente o

² *Quarenta anos depois... Conversa com Constance* é o título dado a uma entrevista incluída no livro *El feminismo ilustrado o el complejo de Diana*, Lazo Ediciones, 2018, que recomendamos para ampliar as questões discutidas aqui.

Capital que organiza a divisão sexual que a precede, mas não a excede, porque não existe fora do capitalismo.

Começamos com a intersexualidade para refletir sobre um exemplo extremo do bisturi da divisão sexual sendo aplicado àqueles que não se encaixam na norma. Uma norma que tem muito a ver com a divisão sexual do trabalho discutida na edição anterior. O capital encontra no ser humano seu desenvolvimento, mas ao mesmo tempo um obstáculo. A classificação sexual estabelecida em nossa sociedade é mantida à custa da intervenção e do controle dos corpos que estão fora da norma, aqueles cuja própria existência enfraquece e demonstra a arbitrariedade da divisão sexual considerada um fato natural.

Como dissemos, abordaremos diferentes aspectos e conceituações de gênero tomando várias referências como ponto de partida. Compreendendo a amplitude do tema e as dificuldades de abordá-lo, colocamos alguns eixos que consideramos necessários colocar em tensão a partir de uma perspectiva emancipatória: sexo e gênero, a dicotomia natureza/cultura, a divisão corpo/mente, os debates feministas sobre igualdade e diferença e a sexualidade.

Outro ponto que encontramos **quando começamos a analisar o que está por trás da noção de gênero é a relação íntima que ela tem com a tecnociência como condição de possibilidade de uma indeterminação de gênero.** Isso parece deixar de lado a possibilidade de colocá-la sob crítica. Não há suspeita nem das consequências mais ou menos imediatas que isso possa trazer nem do aumento do poder conferido à mega-máquina, ou seja, a convergência de tecnologia, ciência, economia e política.

De acordo com a crescente individualização dos seres humanos, o conflito social é abordado como pessoal e é automaticamente traduzido como político. Apontar que o pessoal é político, a fim de tornar visível como essa sociedade opera nos aspectos mais íntimos da vida, não se traduz necessariamente em uma intervenção ainda maior do Estado na intimidade das pessoas. Entretanto, essa é a proposta do feminismo institucional, e necessariamente institucionalizante.

Tomando como ponto de partida que "o pessoal é o político" e "o gênero é uma construção social", nos últimos anos o conceito de desconstrução tem sido usado como um procedimento específico para aqueles que se identificam com o feminismo, queer ou alguma variante do movimento LGBTTIQ+. Mas não é uma novidade atribuível a essas correntes, nem é uma originalidade do pensamento pós-moderno propor que, a partir da consciência individual ou grupal, modificando o próprio comportamento, as construções sociais podem ser derrubadas. Algo semelhante foi proposto por aqueles que, reconhecendo-se como consumidores, modificam seu comportamento como tal na tentativa de combater uma injustiça, justamente transformando seus hábitos de consumo, como no exemplo dos produtos regionais, agroecológicos, cooperativos, veganos etc. Há algum tempo, as mudanças ocorridas na classe proletária e na forma como ela se reproduz contribuíram para que muitos deles se percebessem simplesmente como consumidores.

Se tentamos entender essas e outras questões e colocar em prática maneiras diferentes de nos vincularmos, é porque não nos recusamos a nos questionar e a modificar o que está ao nosso alcance. Entretanto, acreditamos que a emancipação social não é uma soma de "desconstruções" individuais. E é importante ressaltar que criticamos a noção de desconstrução em relação à emancipação social. Fora dessa perspectiva, nossa crítica não tem sentido. O mesmo se aplica à crítica do feminismo como uma ideologia, à qual chegamos no final de nossa jornada. Sua crítica não faria sentido se não pensássemos que ela é necessária para revolucionar este mundo. Se criticamos o feminismo como tal, é porque consideramos que há um denominador comum entre

todos os "feminismos": não apenas a exaltação do feminino, mas também uma resposta parcial a um problema social concebido como um problema particular. E também porque consideramos que as rupturas já estão se desenvolvendo dentro do próprio movimento feminista, e estas páginas são alimentadas por essas rupturas e buscam se relacionar com elas.³

Aqueles que omitem a exploração capitalista como estruturante dessa sociedade consideram o machismo, assim como o racismo, uma questão moral, e os moralistas sempre trazem consigo uma estratégia pedagógica e/ou de culpabilização que se esquia e condena a abolição da sociedade capitalista. Seu otimismo pedagógico reside no fato de que consideram o racismo ou o machismo como um sistema de crenças e uma série de comportamentos aprendidos na escola, na televisão e nas redes sociais e, portanto, presumem que podem ser revertidos a partir daí. Esquecem-se de que eles também existem lá, mas que são principalmente "aprendidos" no modo de produção capitalista, não de forma consciente e discursiva, mas com base nos atos cotidianos que constituem a rotina capitalista. Ou seja, na forma como a espécie vive e se relaciona, como produz e reproduz sua vida na sociedade atual.

A esse otimismo pedagógico, devemos acrescentar o otimismo informacional. A circulação em massa de informações pela Internet aprofundou a perda da centralidade da escola como provedora de doutrinação, que já havia começado com a televisão e os produtos culturais de massa.

Supõe-se que a falta de informação signifique ignorância e sofrimento, portanto, propõe-se acumular informações e gerenciá-las de cima para baixo por meio de escolas e do Estado, multimídia e "redes sociais".⁴ É verdade que muitos problemas podem ser resolvidos com as informações corretas, mas isso não significa que as informações em si, em maior volume e circulação mais rápida, sejam uma solução.

O direito de acesso à informação não nos diz muito sobre a saturação da informação e o quanto estamos desamparados diante dela, nem nos diz muito sobre sua principal fonte: a informação como mercadoria e propaganda, tanto para empresas quanto para governos. Porque, da mesma forma que algumas informações são legitimadas e outras deslegitimadas nas escolas, cada governo faz o mesmo em suas campanhas, e os algoritmos fazem o que querem com as informações recebidas pelas telas de smartphones e computadores.

O racismo e o chauvinismo nada mais são do que a legitimação ideológica das condições de exploração que os tornam possíveis. Portanto, essas ideologias não podem ser destruídas sem destruir também o modo capitalista de produção e reprodução.

A parte mais longa da história humana foi completamente diferente do que vivenciamos hoje, do que se supõe ser eterno. De acordo com a imagem idealizada deste mundo, sempre houve homens e mulheres de acordo com os estereótipos atuais. Estereótipos que, na realidade, não podem ser cumpridos por milhões de seres humanos. Nesse imaginário automático, em todas as sociedades há homens e mulheres, há famílias e lares. Sejam eles "homens das cavernas", camponeses da Idade

³ Para ilustrar um exemplo de "racismo": quando a mão de obra dos funcionários de um determinado capitalista se torna muito cara, ele muda sua empresa, migra para um local onde pode contratar "negros" a um custo menor. Se não puder se mudar geograficamente, ele contratará "negros" locais (imigrantes, jovens não qualificados ou proletários que vivem em extrema pobreza). O capitalista reduziu seus custos e também explora e administra essas situações como um método eficaz de provocar a concorrência e o ódio entre aqueles que precisam vender sua força de trabalho, endurecendo nossa divisão, alimentando o mito de que nossos interesses como classe são diferentes de acordo com o setor ou a nacionalidade. Se nós, proletários, não lutarmos contra a burguesia, acabaremos lutando uns contra os outros.

⁴ As redes sociais são gerenciadas gratuitamente por cada usuário, é verdade, mas a forma impõe uma sociabilidade de cima para baixo da qual é impossível escapar porque a forma determina o conteúdo.

Média ou tribos não contatadas da Amazônia, se sua existência for lembrada, eles geralmente são retratados sem uma história.

Obviamente, você não nasce mulher ou homem, você se torna um. Em que momento um menino se torna homem ou uma menina se torna mulher? A sociedade simplesmente precisa inventar algum marco para essa passagem. O fato de que, quando uma menina tem sua primeira menstruação, considera-se que ela "se tornou uma mulher" diz muito. Isso indica que a categoria de *mulher* é uma construção social e que está intrinsecamente ligada à maternidade.

A mulher, portanto, no singular, é uma construção social. A categoria em si é organizada dentro e por meio de um conjunto de relações sociais, inseparáveis das quais está a divisão sexual da humanidade em dois, feminino e masculino (e não apenas feminino e masculino). Dessa forma, a diferença sexual recebe um significado social específico que, de outra forma, não possuiria. A diferença sexual recebe esse significado fixo nas sociedades de classe quando a categoria de mulher é definida pela função que a maioria das mulheres humanas (mas não todas) desempenha, durante um período de suas vidas, na reprodução sexual da espécie. Assim, a sociedade de classes confere aos corpos um propósito social: como algumas mulheres "têm" bebês, todos os corpos que possivelmente "produzem" bebês estão sujeitos à regulamentação social.⁵

Uma construção social não pode ser destruída individualmente. A redução dos problemas sociais a situações pessoais ou de grupo decorre exatamente da ideologia dominante e, por sua vez, a promove e consolida. Porque **uma ideologia não são as ideias que podemos ou queremos ter em nossas cabeças**. Ideologia é o conjunto de ideias com as quais cada sociedade explica o mundo de acordo com seu modo de produção da vida. E as ideias dominantes são as da classe dominante, que **quanto mais domina, mais afirma que não existe**. Isso significa que ela apresenta seus interesses como os interesses da sociedade como um todo, e que o que é bom para ela é bom para todos. Mas não se trata apenas de ideias, trata-se de uma prática social, inseparável dessas ideias, que somente na análise podemos separar.

Entender que o que é designado como homem ou mulher é determinado por cada sociedade não implica abrir a porta para um acúmulo de propostas imediatistas típicas das necessidades atuais do Capital: obsessão e, ao mesmo tempo, falta de definição diante do poder, identitarismo, integração de classes, falta de posicionamento diante do antagonismo social ou maior interesse em mudar a linguagem do que as relações sociais.

A fluidez é cada vez menos um atributo subversivo e cada vez mais uma das características dessa sociedade que precisa de mudança e adaptabilidade permanentes. Da mesma forma, a insaciabilidade permanente é característica da necessidade de valorização.⁶ Poderíamos dizer que o que é apresentado como cultural ou politicamente oposicionista é economicamente cúmplice. Em todo caso, as supostas diferenças que fazem com que indivíduos ou grupos se considerem tão particulares são politicamente esmagadas pela Lei e pelo Direito sob a pesada figura do cidadão, tão intimamente relacionada à mercadoria e à venda individual da força de trabalho.

⁵ Maya Andrea González, *Communisation and the Abolition of Gender* (*Comunização e abolição do gênero*).

⁶ Anselm Jappe, em *The Autophagous Society*, resgata um antigo mito que fala de um rei que se devorou porque seu castigo era a fome. "Uma fome que cresce com a alimentação e que nada satisfaz. Nenhum alimento é capaz de apaziguá-la. Nada concreto, nada real responde à necessidade que Erysichthon sente. Não há nada de natural em sua fome e, portanto, nada de natural pode satisfazê-la. É uma fome abstrata e quantitativa que nunca poderá ser satisfeita. No entanto, sua tentativa desesperada de satisfazê-la o leva a consumir alimentos em vão, até mesmo alimentos muito concretos, destruindo-os e, assim, privando aqueles que precisam deles. Dessa forma, o mito antecipa de maneira extraordinária a lógica do valor, das mercadorias e do dinheiro".

Os conservadores antiquados da ordem moral, por sua vez, tentam continuar a traficar o histórico como natural, acusando toda tentativa de desmantelar parte da ideologia dominante dessa sociedade como ideológica ("ideologia de gênero"). Embora essas tentativas, na maioria das vezes, limitem-se a apontar que os chamados papéis de gênero não são determinados "biologicamente" e/ou simplesmente uma repulsa a todas as atitudes conservadoras, tanto políticas quanto de outra natureza. (Veja o quadro).

Mas a sociedade capitalista, ou mais precisamente O Capital, não se trata da perpetuação desses papéis, mas da acumulação e do lucro. Entretanto, esses últimos não são e não teriam sido possíveis sem essa imposição, vamos chamá-la por enquanto, de gênero. **Denunciar os papéis de gênero como um evento isolado não explica como a sociedade funciona, como ela muda e, acima de tudo, como ela poderia ser revolucionada para acabar com isso de uma vez por todas.**

Portanto, é necessário abordá-los em relação à divisão sexual no modo de produção capitalista.

A divisão sexual capitalista e suas respectivas alocações de comportamento dentro da classe explorada não são, portanto, apenas o que deve ser superado no curso da revolução, mas também uma fonte dessa superação. A emancipação de mulheres e homens também significa a liberação dos mandatos de ser mulher ou homem, o que não seria uma simples consequência da revolução, mas uma condição para a revolução.

Não podemos esperar até depois da revolução. Pelo contrário, a revolução implica uma luta contra as alocações que essa sociedade nos dá, mas também contra o casamento, a família e a herança, portanto contra o dinheiro, a propriedade privada e o Estado, ou seja, contra o capital, não apenas como acumulação, mas como a relação social que ele é.⁷

TABELA:

"Conservador" é uma palavra ruim para qualquer democrata *de direita*. Essa palavra é imediatamente associada ao "conservadorismo", o que representa uma ligação estreita com "a direita", "os fachos", "os golpistas". Isso tem um significado muito claro. **A burguesia, no curso da história, é e tem sido a classe da mudança.** Conforme expresso no manifesto comunista de 1848: "Onde quer que ela se estabeleça, ela derruba todas as instituições anteriores".

Mas a mudança só pode ser apreciada em relação ao que é preservado, ao que é imutável. Os conservadores e os promotores do progresso têm muito mais em comum entre si do que aquilo que seus discursos enunciam. **Todos eles são conservadores no sentido de uma obsessão em preservar uma ordem social, uma estrutura que garanta o domínio.** A ordem conservadora é uma ordem estática e tradicional que afirma ser eterna. A ordem moderna é (por outro lado) uma ordem ativa, dinâmica e nova. **A modernidade entendeu que, em um mundo dinâmico, a melhor maneira de se preservar é mudar.** A estrutura rígida de dominação do conservadorismo é contraposta pela estrutura flexível da modernidade capitalista. O rótulo de "dinossauro", "medieval", para o conservador tradicional é imposto pelo espírito moderno que condena o passado, pois para a ideologia do progresso "o amanhã é melhor". Ambos escolhem um comportamento temporal diferente para colocar sua promessa aos despossuídos e explorados: os tradicionalistas no passado, os burgueses no futuro, enquanto disputam o domínio do presente.

O capitalismo é uma relação social que consiste em expansão e crescimento ilimitados. A esquerda do Capital, então, se orgulha de ser a representante do progresso e o "Partido da mudança" (ou das

⁷ Para esta *apresentação*, tomamos como ponto de partida o artigo *¿Ideología de género?* publicado em *La Oveja Negra* nr. 60.

mudanças, hoje o plural é mais popular). Assim, eles abraçam o novo só porque é novo e rejeitam o velho só porque é velho, independentemente do conteúdo social de qualquer coisa. "Quando "ser absolutamente moderno" se tornou uma lei especial proclamada pelo tirano, o que o escravo honesto mais teme é ser suspeito de estar ancorado no passado", escreveu Guy Debord em seu *Panegyric*.

La Oveja Negra nr. 67, *Progre-extractivism*

FIM DO QUADRO

Aviso: esta não é uma caixa de ferramentas.

"Todos os meus livros são pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas quiserem abri-las, usar tal frase ou tal análise como uma chave de fenda ou um alicate para causar um curto-círcuito, desqualificar ou quebrar os sistemas de poder, incluindo aqueles dos quais meus livros eventualmente emergem.... E bem, tanto melhor!" (Michel Foucault, entrevista no *Le monde*, 1975). Durante anos, divulgamos textos importantes, deixando claro que não se tratava de bíblias. Com a intenção de apontar uma verdade óbvia: nenhum texto é infalível. No entanto, eles são priorizados em relação a outros e colocados em comum para serem debatidos, discutidos, transformados em nossos próprios textos e até mesmo confrontados com outros. E, embora não queiramos escrever bíblias, queremos apresentar um bloco coerente contra as concepções que afirmam que os textos são "uma espécie de caixa de ferramentas onde os outros podem remexer para encontrar uma ferramenta que possam usar como quiserem em sua própria área", como defendia o filósofo Foucault. **Não concordamos com a suposta neutralidade das ferramentas, nem dos textos entendidos como tal.** Uma ferramenta também expressa a sociedade que a produz, pois é socialmente determinada. Da mesma forma que o Estado moderno não é um instrumento neutro, mas uma expressão coerente da dominação capitalista, a universidade também não é uma esfera neutra de conhecimento.⁸

A citação na epígrafe é completada com: "Não escrevo para um público, escrevo para usuários, não para leitores".⁹ Um usuário é, de acordo com a RAE, "alguém que normalmente usa algo, que tem o direito de usar algo de outra pessoa com uma certa limitação". Uma definição bastante apropriada.

A atual devoção a um Foucault é repulsiva. Quando algum intelectual está na sopa, é por algum motivo. Isso não significa que não o citamos na edição 5 desta publicação, é claro, sobre a questão da prisão. Embora nos pareça necessário criticar sua maneira instrumentalista de ver a teoria, é

⁸ Um capítulo separado deve ser dedicado à noção de *dispositivo*, um conceito usado por Foucault e Deleuze e atualmente usado pelo Estado. Para os governos, os dispositivos são uma relação entre diferentes componentes institucionais. A chegada da artilharia pós-moderna ao poder tem sido de grande utilidade.

⁹ Deve-se lembrar que ele também estava escrevendo para os opressores, seja na França ou no Irã. Alguns podem até ficar desapontados ao saber que o autor de *Vigiar e Punir* procurou colaborar com novas formas de vigilância e punição.

Jean-Marc Mandomio, em *A longevidade de uma impostura: Michel Foucault*, lembra como o filósofo, em uma entrevista datada de 1984, na qual ele fala sobre uma eventual reforma do sistema penitenciário, adverte inequivocamente: "não temos soluções. Estamos em uma situação realmente difícil. Algumas modificações possíveis dos sistemas de punição foram planejadas, como a substituição da prisão por formas muito mais inteligentes. Mas isso não é suficiente; e se eu sou a favor de um certo radicalismo, não é para poder dizer: "Qualquer sistema de punição será catastrófico de qualquer maneira; não há nada a fazer, o que quer que você faça estará errado", mas sim para dizer: dados os problemas que surgiram e ainda surgem hoje a partir do que nossas práticas de punição têm sido por mais de um século, como podemos pensar hoje sobre o que a punição deveria ser? Agora, essa seria uma tarefa para várias pessoas".

ainda mais importante criticá-lo além do indivíduo e apontar para uma dimensão histórica: as condições da luta de classes dos anos 70 e 80 do século passado. Ou seja, a lacuna deixada pelo recuo prático e, portanto, teórico do proletariado em luta, e a ocupação por referentes intelectuais. Mas, acima de tudo, direcionamos nossas críticas para as condições gerais que dão sentido ao que esses autores disseram. Os chamados pós-modernistas não inventaram as condições da pós-modernidade. **Esses escritores não triunfaram intelectualmente, nem simplesmente exploraram a derrota do proletariado a seu favor; eles conseguiram expressar de forma coerente as condições de sua época.**

A onda de lutas internacionais que eclodiu na década de 1960 questionou não apenas aspectos do trabalho e da administração da produção sob o capitalismo, mas também diretamente a reprodução social como um todo, abrangendo diferentes aspectos como o sexismo, a família, a sexualidade, os hábitos de consumo, a relação com a natureza, etc. Essas transformações na vida e na luta do proletariado eram inseparáveis do esgotamento de várias formas de produção e administração econômica, que começaram a se desenvolver em grande parte do mundo naqueles anos como resultado dos próprios limites da dinâmica de valorização e que se consumariam a partir da década de 1970. As lutas foram reprimidas pela força e por meio de diferentes canais, assimilando muitas de suas questões à normalidade capitalista. Assim, o declínio do movimento operário, do marxismo oficial, das estruturas clássicas partidárias e sindicais da social-democracia, gradualmente, deu lugar aos "novos movimentos sociais" e a uma explosão de identidades e lutas específicas, com forte cunho interclassista e acadêmico, aos quais retornaremos no final desta publicação.

"A ideologia pós-moderna baseia-se na suposição de que uma emancipação radical do proletariado teria sido um pesadelo ruim que só poderia gerar monstros totalitários (...) Por baixo de sua aparente radicalidade, ela nada mais é do que uma renúncia a qualquer tentativa de transformar real e globalmente este mundo. Daí o recuo para a micropolítica e a política de identidade. O pequeno é bom e o total é totalitário, nos dizem. Como a derrota contrarrevolucionária sofrida pelo proletariado na década de 1970 adia a mudança revolucionária necessária que está por vir, a necessidade se torna uma virtude e a derrota uma condição naturalizada. É por isso que o pessimismo e a renúncia são inseparáveis e, ao mesmo tempo, estão ligados a uma concepção exultante das diferenças, da particularidade cultural e da escolha individualista, do diverso e do heterogêneo, do molecular e do esquizoide, do instável e do indeterminado, do ceticismo em relação a qualquer critério de verdade e relação com a objetividade e a totalidade social. O mundo é estranho e cruel. Ele nos subjuga e nos aliena, mas a razão de seus fundamentos materiais não é compreendida e apenas uma explicação ideológica é dada, típica daqueles que fazem do pensamento isolado sua profissão, como se o caráter total do capital fosse simplesmente um problema mental e bastasse não pensar em sua dinâmica impessoal e total para evitar que ele subjugasse nossas vidas". (Barbaria, *Postmodernity or the Imposture of a False Radicality*)

A desconfiança muito saudável e necessária da academia e de suas produções não nos priva de lê-las, tomá-las nota e criticá-las. Essa é uma forma de colocar a academia em seu devido lugar, de combater a autopercepção de ser a única esfera autorizada a tratar determinados assuntos com seriedade e a concepção generalizada de que tudo deve ser tratado como a universidade indica. Por outro lado, talvez tenhamos surpresas agradáveis em meio a tanto derramamento compulsivo de tinta.

Esta edição baseia-se em grande parte nas teorias sobre sexo e gênero de três estudiosos, como Lucía González-Mendiondo, Anne Fausto-Sterling e Gayle Rubin, assim como a edição 13 deve

muito a Gerda Lerner e a edição 14 a outros estudiosos, como Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya, Nancy Fraser e Silvia Federici.

Fausto-Sterling, na introdução do livro *Cuerpos sexuados. A política de gênero e a construção da sexualidade*, que citaremos em detalhes, ilustra muito bem o que estamos discutindo: "Estou envolvido em debates sobre sexo e gênero como biólogo e como ativista social. Minha vida está imersa no conflito sobre a política da sexualidade e a criação e o uso do conhecimento sobre a biologia do comportamento humano. A tese central deste livro é que as verdades sobre a sexualidade humana criadas pelos intelectuais em geral e pelos biólogos em particular fazem parte dos debates políticos, sociais e morais sobre nossas culturas e economias. Ao mesmo tempo, os ingredientes de nossos debates políticos, sociais e morais são, em um sentido muito literal, incorporados ao nosso ser fisiológico. Minha intenção é mostrar a dependência mútua dessas afirmações, em parte abordando questões como a forma como os cientistas (por meio de suas vidas diárias, experimentos e práticas médicas) criam verdades sobre a sexualidade; como nossos corpos incorporam e confirmam essas verdades; e como essas verdades, esculpidas pelo meio social em que os biólogos praticam, por sua vez, remodelam nosso ambiente cultural."

Com outros autores, essa é uma atividade mais árdua. Principalmente quando sua pesquisa é uma função de colaboração com empresas, governos e partidos políticos. Isso não significa que eles não possam ser lidos, pois não há livros proibidos, mas significa que é preciso saber de onde vêm esses estudos, números e reflexões.

E o mesmo pode acontecer com a produção de textos fora das universidades ou de pesquisas financiadas. Nenhum texto está isento de ser determinado pelos ditames dominantes, e isso pode significar tanto uma busca por dinheiro quanto por aceitação, seguidores, prestígio ou mera inércia. E quando se trata de ganhar dinheiro, assim como prestígio, é preciso atender às demandas do nicho de mercado procurado. A capacidade de modificar o próprio discurso de acordo com o público-alvo está em voga há décadas, vende bem e também permite que não seja necessário se comprometer com o que está sendo dito. Afinal de contas, o importante é que a retórica tenha precedência sobre a verdade.

Para escritores e leitores pós-modernos, a verdade é considerada uma tirania. Tudo é relativo, exceto o discurso pós-moderno absolutista e totalitário que relativiza tudo.

"O sujeito ético da pós-modernidade exibe sua ambiguidade como uma virtude, quando na verdade é uma necessidade peremptória: não resta nenhuma forma de regulação social que possa assumir as consequências nocivas do processo de industrialização, portanto ele deve ser capaz de assumir qualquer uma delas (mesmo as mais autoritárias, que são de fato as que estão no horizonte próximo). Ao se chamar genericamente de "cidadão", ele pode reivindicar seus direitos sem precisar questionar as relações de opressão e dependência. A ética pós-moderna é, em suma, o óleo que lubrifica o mecanismo da vida gerenciada". (*Cul de sac nr.3-4, Postmodernity: From Critique to Imposture*)

INTERSEXUALIDADE E QUANTIFICAÇÃO SEXUAL

"Uma criança nasce em um grande hospital metropolitano. O obstetra, tendo notado que os órgãos genitais do recém-nascido não são nem masculinos nem femininos, ou ambos, consulta um endocrinologista pediátrico (especialista em hormônios) e um cirurgião. É declarado um estado de emergência médica. De acordo com os padrões atuais de tratamento, não há tempo para reflexão silenciosa ou consulta com os pais. Não há tempo para que os novos pais consultem outras pessoas que tiveram filhos de sexo misto antes deles ou conversem com pessoas intersexuais adultas. Dentro de vinte e quatro horas, o bebê deve deixar o hospital com apenas um sexo e os pais devem estar convencidos de que a decisão foi a correta." (Anne Fausto-Sterling, *Sexed Bodies. The politics of gender and the construction of sexuality*).

Está em *Gênesis*, o primeiro livro do *Antigo Testamento*, e na *Torá*, onde está escrito: "E Deus criou o homem à sua imagem. Ele o criou à imagem de Deus. Homem e mulher ele os criou". Mas a história não acontece dessa forma. Foram milhões de anos de evolução e, se nos referirmos apenas aos últimos séculos, passamos por fortes transformações sociais, de modo que "ser homem" ou "ser mulher" também não tem os mesmos significados em diferentes épocas e espaços geográficos. Somente nas explicações bíblicas os eventos ocorrem de um momento para o outro, e um mundo pode ser criado em seis dias de acordo com os caprichos de um único indivíduo, representado em Deus.

Enquanto isso, na Terra, a ablcação do clitóris é a mutilação parcial ou total do tecido dos órgãos genitais das mulheres para eliminar o prazer sexual. "Considerando razões culturais, religiosas ou outras razões não médicas", diz a sacrossanta Organização Mundial da Saúde. Essa prática, considerada uma violação dos direitos humanos, causa horror na sensibilidade ocidental e serve para apontar o atraso dos não ocidentais, sua falta de conhecimento científico. É por isso que aqui **no Ocidente há outras formas de combater a sexualidade e há razões médicas para amputar recém-nascidos, razões científicas e não a arrogância dos países subdesenvolvidos**:

"Quando a genitália é rudimentar, deve-se dar preferência ao sexo feminino; uma vez estabelecida a identidade sexual (por volta dos 18 meses de idade), essa identificação deve ser preservada. (...) Medidas cirúrgicas são indicadas para melhorar a aparência dos órgãos genitais. No caso de feminização, a abertura do seio urogenital e a amputação do clitóris devem ser realizadas antes dos 18 meses de idade. (...) Concluindo, deve-se enfatizar a importância do diagnóstico precoce, bem como a adoção de medidas terapêuticas corretas em tempo hábil, a fim de conferir características o mais próximo possível do sexo adotado e, assim, melhorar o prognóstico social desses indivíduos, bem como seu convívio familiar e social." (*Intersex States: diagnosis and treatment*, citado no livro *Migrant Sexualities. Gênero e transgênero*)

As pessoas que são submetidas a essas mutilações diariamente são as chamadas pessoas *intersexuais*. **Em nossa sociedade, o sexo funciona principalmente como uma classificação. O aspecto comunicativo e prazeroso da sexualidade é relegado ou assumido como um problema técnico.** Essas intervenções cirúrgicas dificultam seriamente esse aspecto, se não o impedem diretamente. Tampouco se considera que, sem os órgãos genitais supostamente adequados, uma pessoa possa compartilhar prazer, comunicar-se, amar e ser amada. Como os órgãos genitais estão obviamente associados a uma série de normas e comportamentos sociais que devem ser cumpridos, se você tem uma vagina, deve ser assim, se tem um pênis, deve ser de outra forma, parece não haver outras possibilidades.

Estamos nos referindo a normas que têm a ver com a divisão sexual do trabalho que discutimos na edição anterior. O capital encontra no ser humano seu desenvolvimento, mas ao mesmo tempo um obstáculo. O controle dos corpos não é apenas um exercício de normalização, ele visa consolidar a divisão sexual dessa sociedade, com o bisturi na mão, se necessário. Ele **combate aqueles que considera anormais e, na mesma operação, reforça nos normais a ideia de que eles são de fato anormais**, que tudo é como deveria ser, tudo corre como deveria.

Também nos referimos à normalização dos corpos em relação à reprodução da espécie, à sua capacidade reprodutiva, que classifica e modifica os corpos humanos principalmente com base na genitália. Pois essa é a manifestação externa com a qual a sociedade capitalista tende a identificar se eles irão procriar ou não. Essa é sua concepção miserável dos seres humanos, fazendo com que a mera aparência seja suficiente para manter a rígida divisão sexual. Para manter essa normalidade, é uma questão de produzir bebês que possam se adaptar de forma padrão a essa divisão sexual. Em relação à reprodução do proletariado, a "vida" não é produzida em um sentido abstrato e a-histórico, a vida é produzida e reproduzida como portadora da mercadoria força de trabalho.

Embora tenha caído em desuso, as pessoas intersexuais têm sido historicamente chamadas de *hermafroditas*. As pessoas intersexuais foram consideradas de diferentes maneiras em diferentes culturas ao longo da história.

Atualmente, a intersexualidade descreve a particularidade de pessoas que possuem características genéticas e fenotípicas tanto masculinas quanto femininas, em graus variados. Alguém pode ter, por exemplo, uma abertura vaginal, que pode ser parcialmente fundida com um órgão erétil mais ou menos desenvolvido (por assim dizer, entre o pênis e o clitóris) e ovários ou testículos, que geralmente são internos. A combinação de órgãos genitais, cromossomos, gônadas, hormônios e sistema reprodutivo interno dos indivíduos é única para cada ser humano e, portanto, as possibilidades são infinitas.

Embora aproximadamente 1 em cada 2000 seres humanos nasça com genitália que não é facilmente reconhecível, ou melhor, aceitável, isso não ajuda a aceitar as diferenças sexuais existentes. Em vez de **admitir a natureza social dos julgamentos sexuais, técnicas médicas sofisticadas permitem que esses corpos se tornem masculinos ou femininos e insistem que somos, por natureza, homens ou mulheres**, independentemente do fato de que os nascimentos intersexuais são notavelmente frequentes e podem até estar aumentando.

"Com que frequência nascem bebês intersexuais? Juntamente com um grupo de estudantes da Universidade de Brown, vasculhamos a literatura médica em busca de estimativas da frequência de várias formas de intersexo. (...) O número a que chegamos no final (1,7% de todos os nascimentos) deve ser considerado apenas como uma ordem de magnitude e não como uma estimativa precisa. Mesmo que o tivéssemos ultrapassado em um fator de dois, isso ainda significaria que milhares de crianças intersexuais nascem todos os anos. Em uma taxa de 1,7%, por exemplo, em uma cidade de 300.000 habitantes, haveria 5.100 pessoas com graus variados de intersexualidade. Compare essa proporção com o albinismo, outra condição humana relativamente rara, mas que a maioria dos leitores provavelmente se lembrará de ter observado em algum momento. Bem, os albinos são muito menos comuns do que os intersexuais: apenas 1 em 20.000 nascimentos. (...) O número de 1,7% foi obtido pela média de uma ampla gama de populações. O intersexo não é distribuído de forma homogênea em todo o mundo. Muitas formas de intersexo são devidas a alterações genéticas e, em algumas populações, os genes envolvidos são muito mais prevalentes do que em outras. Além disso, a incidência de intersexo pode estar aumentando. Já existe um caso documentado de um recém-nascido com ovário e testículos, cuja mãe o concebeu por meio de fertilização in vitro. (...)

Há também a preocupação de que a presença de contaminantes ambientais que imitam o estrogênio esteja começando a causar um aumento generalizado na incidência de formas de intersexualidade, como a hipospádia [ou seja, quando o orifício peniano está na parte inferior e não na ponta]." (Faust-Sterling)

Sem dúvida, a indústria médica tem uma grande responsabilidade pela ocultação dessa realidade, pois realiza cirurgias sem demora em recém-nascidos antes que eles saiam de seus hospitais e clínicas assépticas. É por isso que as estatísticas sobre o assunto são muito difíceis de corroborar. As chamadas pessoas intersexuais geralmente são amputadas ao nascer, muitas vezes com a cumplicidade de seus pais.

"Isso acontece porque a pressão social para determinar um único sexo para cada um de nós é muito forte, e então se decide escolher um dos dois que a pessoa intersexo já tem, geralmente o feminino porque, como sabemos, é mais fácil remover do que inserir, extirpar do que reconstruir, e a leveza do bisturi é prodigiosa". (Ferran Pereda, *El cancaneo*)

Essas intervenções normalizadoras, portanto, tendem a ordenar essas "falhas" incompreendidas dos dois sexos como mulheres.

"Eles mutilam a diversidade de nossos corpos; mutilam nossa sensibilidade genital e nossa capacidade de prazer sexual, nossa identidade e, em muitos casos, nossa capacidade de optar por cirurgias desejadas quando adultos. Elas mutilam nosso direito de decidir aspectos centrais de nossas vidas e nosso senso de merecimento de sermos amados e aceitos mesmo sem cirurgia". (Mauro Cabral, *Pensando a intersexualidade, hoje*)

Usamos as categorias homem e mulher para nos referirmos a seres humanos diferentes, o que pode causar espanto e desconforto em algumas pessoas versadas ou obcecadas por essas questões. Bem, estamos nos **referindo à forma como somos designados como seres humanos em nosso tempo, sem menosprezar aqueles que não gostam disso**. Mas, da mesma forma, nos referimos àqueles que são *explorados* como explorados ou *oprimidos* como oprimidos. Quer estejam cientes disso ou não, quer se percebam como tal ou não, quer queiram se chamar assim ou não.

Também é importante entender que **não somos apenas explorados e oprimidos especificamente como homens ou mulheres**, o que é inegável apenas observando a divisão sexual do trabalho, as causas de morte ou os homicídios. **Também somos oprimidos porque temos de ser homens ou mulheres.**

Supõe-se que afirmar que há dois sexos é afirmar que cada pessoa deve aceitar um papel e uma conduta de acordo com seu sexo anatômico e cromossômico. E que tudo o que escapar disso será combatido com o bisturi e a cruz, com a caneta e a palavra. Isso não é verdade. Se afirmamos que há dois sexos, não é necessariamente para classificar cada pessoa em um deles. Podemos pensar que uma pessoa intersexual tem uma combinação desse "binômio", mas isso não significa que ela tenha um terceiro sexo ou que existam quantos sexos você quiser. ([Veja o quadro](#)).

/ CAIXA:

Nossos corpos biológicos coletivos, entretanto, não compartilham a determinação do Estado e da legislação de manter apenas dois sexos. Machos e fêmeas situam-se nos extremos de um contínuo biológico, mas há muitos outros corpos que combinam componentes anatômicos convencionalmente atribuídos a um polo ou a outro. (...) começamos a insistir na dicotomia homem-mulher em idades cada vez mais jovens, o que contribuiu para que o sistema de dois sexos se tornasse mais profundamente implantado em nossa visão da vida humana e parecesse inato e

natural. Hoje, meses antes de o feto deixar o conforto do útero, a amniocentese e o ultrassom identificam seu sexo. Os pais podem então escolher com antecedência o papel de parade para o quarto do bebê: padrões esportivos (em azul) se estiverem esperando um menino e padrões florais (em rosa) se estiverem esperando uma menina. Os pesquisadores quase concluíram o ajuste fino da tecnologia que possibilita a escolha do sexo do bebê no momento da fertilização.

Anne Fausto-Sterling, *Sexed Bodies. Política de gênero e a construção da sexualidade.*

*

Somos sexuados como homens ou como mulheres durante toda a nossa existência. Ou seja, nós nos construímos como sujeitos sexuados. Um sexo é feito em referência ao outro, o que nos leva a afirmar que os problemas de um sexo não podem ser resolvidos sem o outro, de modo que a superação das desigualdades exige a compreensão das diferenças.¹⁰ A compreensão das diferenças pressupõe o abandono do dimorfismo sexual, a partir do qual o masculino e o feminino nos são apresentados como duas realidades estanques e opostas, em favor do continuum sexual e da intersexualidade: "Ao lado das características puramente masculinas e femininas, há também outras que não são nem masculinas nem femininas, melhor dizendo, são tanto masculinas quanto femininas" (Magnus Hirschfeld). (Magnus Hirschfeld) (...)

De fato, a partir dessa abordagem, podemos afirmar que somos todos intersexuais: nós nos construímos como esse homem ou essa mulher em particular dentro do continuum sexual; ambos os sexos coexistem não apenas em nível social, mas também dentro de cada indivíduo.¹¹

O caráter patológico associado ao termo intersexo é o resultado, mais uma vez, da determinação de manter o sexo atribuído à esfera genital e de considerar que homens e mulheres são, e devem ser, estruturas perfeitamente diferenciadas e mutuamente exclusivas. (...)

Não há dois modos exclusivos e excludentes de sexuação, o orgânico e o ginástico, mas sim um processo complexo em vários níveis: a sexuação de cada um dos elementos sextantes - genéticos, gonadais, hormonais, anatômicos, sociais e um longo etc. - que ocorrem em cada indivíduo em uma ou outra direção, ou em ambas ao mesmo tempo. A construção de sua própria identidade sexual é, portanto, em todos os casos, um processo intersexual.

Ao entender que os sexos fazem parte de um continuum, renunciamos à superioridade de um sobre o outro, mas também à sua igualdade.

Lucía González-Mendiondo, *El género y los sexos. Repensando a luta feminista*

FIM DA TABELA

Gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para lembrar àqueles que abusam das referências matemáticas e insistem em "acabar com o binômio masculino/feminino" que, em álgebra, um binômio é a soma ou a diferença de dois termos ou monômios. Por sua vez, o sistema binário,

¹⁰ Nota de CUADERNOS DE NEGACIÓN: Acrescentamos que é necessária uma profunda transformação das condições materiais de vida que sustentam a diferenciação sexual e as desigualdades existentes entre os sexos. Preferimos chamar essas últimas de formas particulares de opressão dos sexos, já que a igualdade é um ideal democrático que questionamos, cuja base material está na troca mercantil. Sobre esse assunto, consulte a seção "*Liberté, égalité, propriété*" na edição 9 desta publicação, bem como a caixa "*Abstraction of the human*" nesta edição.

¹¹ Nota dos CUADERNOS DE NEGACIÓN: Da mesma forma, poderíamos dizer que somos seres humanos e não mercadorias. Infelizmente, o capital nos reduz, como proletários, a mercadorias, assim como nos reduz a homens ou mulheres (e às novas identidades que ele aceita). Essa intersexualidade que todos nós temos não é assumida porque o que é dominante é a imposição de um ou outro sexo, a repressão sexual e social.

fundamental na ciência da computação, é um sistema de numeração no qual os números são representados usando apenas dois dígitos: zero e um. Se formos abusar das metáforas, podemos pensar que não somos zeros ou uns, mas que, com zeros e uns, podemos simplesmente obter combinações infinitas. E para nos afastarmos dos exemplos matemáticos, gostaríamos de nos lembrar de que, embora o dia e a noite existam, a existência do pôr e do nascer do sol não pode ser negada, nem o eclipse ocasional.

Os mamíferos, sejam eles machos ou fêmeas, são anatomicamente idênticos no estado embrionário e produzem os mesmos hormônios, apenas em quantidades diferentes. Somente se o cromossomo Y estiver presente, fornecido pelo macho, o embrião será transformado em macho, mas na ausência desse cromossomo, o embrião continuará sua gestação em seu estado natural, que é o de ser uma fêmea. Como uma punhalada no ego masculino, poderíamos dizer que os machos nada mais são do que "fêmeas geneticamente alteradas".

Entretanto, não devemos nos esquecer de que não podemos perceber o processo de gestação do embrião como a ciência o faz, como algo sequencial. O processo é muito mais complexo e seus diferentes saltos qualitativos não correspondem necessariamente ao sequencial. Ou seja, só porque o cromossomo Y sinaliza uma transformação, não significa que esse fator seja o determinante. A ciência é propensa à estreiteza de visão, a separar tudo, a analisar cada partícula sem levar em conta o movimento do processo. A presença do cromossomo Y responde a todo um processo de gestação, e determinar tudo pelo Y, como algo qualitativo que vem de fora, é no mínimo questionável.

Anne Fausto-Sterling, em *Sexed Bodies*, problematiza esse fato: "O modelo científico de desenvolvimento sexual que prevaleceu foi o que mais se inspirou nas ideias conservadoras que caracterizavam a feminilidade pela passividade e pela carência, e o que melhor se adequou a elas, mas fez mais do que simplesmente reforçar as opiniões conservadoras. De fato, a ideia de que todos os embriões começam como femininos, que o "estado fundamental natural" é a feminilidade e que a masculinidade é um mero complemento, agradou a muitas feministas. Por exemplo, a escritora científica e feminista Natalie Angier escreve que "de uma perspectiva biológica, as mulheres não são a segunda, mas a condição original. Somos o primeiro capítulo, o primeiro parágrafo, descendentes dos verdadeiros fundadores do Éden". Assim como a metáfora de um estado fundacional feminino tem apelo cultural no âmbito da política de gênero, ela abriu as portas para importantes percepções científicas. Evolutivamente, por exemplo, a ideia sugere que as mulheres precederam os homens na vinda ao mundo, que o homem é derivado da mulher (o oposto da costela de Adão). Essa ideia tem alimentado pesquisas fascinantes sobre tópicos que incluem a evolução do cromossomo Y e a variedade de sistemas sexuais no mundo animal. Mas a metáfora deu e a metáfora tirou. Pense nos dualismos que ela gera. Se o plano feminino é o natural, isso significa que a natureza é feminina e, portanto, a cultura é masculina? E se a feminilidade pode contaminar ou minar a masculinidade, isso significa que a manutenção da masculinidade exige a supressão do feminino? Quando Jost, um conhecido endocrinologista, escreveu que "tornar-se um homem é uma aventura prolongada, angustiante e arriscada; é uma espécie de luta contra a tendência inerente à feminilidade", ele construiu uma narrativa na qual a aventura, o risco e o heroísmo pertencem ao sexo masculino". Como podemos ver, o uso dessas metáforas pode ser politicamente vantajoso para um ou para outro, portanto, vamos voltar aos fatos.

A designação médica de sexo é, obviamente, uma designação quantificável. Se o clitóris tiver menos de 0,9 cm, é normal e se o pênis tiver entre 2,5 e 4,5 cm, é normal. Os médicos insistem em duas avaliações funcionais completamente arbitrárias da adequação do tamanho fálico: as crianças devem ser capazes de urinar em pé para "se sentirem normais" na frente de seus colegas, e

os adultos se sentiriam normais com um pênis grande o suficiente (de acordo com os mesmos médicos) para a penetração vaginal na relação sexual. Em nível institucional, médicos, psicólogos e cientistas respondem a diretrizes abertamente normalizadoras. Mas mesmo em nível individual, eles optam por uma ou outra recomendação de acordo com algum aspecto da vida que lhes é familiar, e sabemos que o mais familiar é o normalizado. Se o clitóris exceder os critérios estabelecidos pela medicina e não atingir o tamanho que um pênis deve ter, o ser humano recém-nascido é amputado; se não tiver uma vagina, uma é feita para ele, e depois terá de ingerir hormônios para desenvolver seios. Na sala de cirurgia, é sempre mais fácil construir uma vagina do que um pênis ou, pelo menos, seus substitutos.

As pessoas classificadas como intersexo não são um problema, o problema é nossa sociedade que ordena e reprime de acordo com sua funcionalidade ou com as tradições que carrega consigo. E talvez seja em favor da funcionalidade e contra as antigas tradições que essas classificações estão começando a ser criticadas. Porque, mesmo do ponto de vista do Estado, qual é a contribuição da categoria "sexo" nas carteiras de identidade, passaportes, permissões etc.? Por que é necessário identificar a genitália ou os cromossomos se o policial não pode verificar isso enquanto segura nossos documentos? Outras características mais visíveis, como altura ou cor dos olhos, seriam mais úteis para o controle e a segurança. No entanto, é necessário que a sociedade nos lembre permanentemente de uma de suas divisões mais importantes: a divisão sexual, e essa é a utilidade da categoria "sexo" em várias identificações.

Por meio da prática médica e familiar, a luta contra a intersexualidade e, portanto, contra a sexualidade, envolve a manutenção da normalidade. Uma normalidade que ainda está em conformidade com a divisão sexual entre mulheres e homens, mesmo que alguns seres humanos não se encaixem nessa divisão sem recurso cirúrgico.

¹²Por que deveríamos nos importar com o fato de uma "mulher" (com seus seios, vagina, útero, ovários e menstruação) ter um "clitóris" grande o suficiente para a penetração? Por que deveríamos nos importar com o fato de haver pessoas cujos órgãos genitais lhes permitem ter relações "naturais" tanto de penetração quanto de envolvimento? Por que deveríamos amputar ou ocultar cirurgicamente um clitóris ofensivamente grande para fins medicinais? A resposta: para manter a divisão sexual, para controlar e intervir em corpos que se desviam da norma. **Como as pessoas intersexuais literalmente incorporam ambos os sexos, sua existência enfraquece as convicções sobre a divisão sexual como um fato natural.**

E também enfraquecem a alocação sexual com base na capacidade de ter filhos e na necessidade do capital de controlar a reprodução e os corpos das mulheres. Para o capital, a classificação sexual se baseia na capacidade de se reproduzir ou não. Como resultado, ela normaliza e classifica, pois é necessário que todo ser humano seja enquadrado nessa divisão normalizada, cirúrgica e que consome hormônios, se necessário. Esses estereótipos são impostos apesar do fato de que há pessoas que não exercem as funções reprodutivas designadas, o que é aceito como uma anomalia desse sujeito, e não como um problema da classificação em si.

Acabar com essa sociedade significa acabar com os papéis atribuídos ao que chamamos de homens e mulheres. Embora existam características físicas comuns que podemos notar de relance, não existe um homem ou uma mulher universal. Da mesma forma, é falso acreditar que alguém é

¹² Entende-se o que queremos dizer com penetração, porém, é impreciso. Poderíamos substituí-la pelo conceito de *envolvimento* e, assim, transferir o papel ativo do ato para a vagina, a boca ou o ânus que envolve, em vez do falo que penetra. É um exercício de conceber que a questão está no encontro, na combinação e no movimento, e não apenas nas partes do corpo que nomeamos.

heterossexual ou homossexual só porque gosta de homens ou mulheres. Ninguém gosta de todas as mulheres ou de todos os homens, assim como uma pessoa com preferência por homens pode se sentir atraída por uma determinada mulher ou vice-versa. Com essa simples crítica, as mentiras que a sociedade conta a si mesma são expostas.

Por outro lado, ser homem ou mulher, heterossexual ou homossexual, não se trata apenas do objeto de desejo erótico, mas também de uma série de hábitos e comportamentos.

De acordo com os órgãos genitais com os quais nascemos, de acordo com a combinação de cromossomos, a sociedade decidiu que devemos agir de uma determinada maneira (maneiras, vestimentas, sentimentos etc.). Presume-se que, se você não é feminino, deve ser masculino e aceitar sem reclamar tudo o que vem com isso. Se uma menina não gosta de cozinhar, comprar cosméticos e se recusa a ser mãe, é provável que ela queira ser um menino, porque os meninos não são afetados por essas exigências. Se um menino quiser usar saia e maquiagem, ele vai querer ser uma menina para poder fazer isso, pois geralmente isso não é apenas permitido, mas imposto a eles.

Ciência e sociedade

Especialistas em pesquisa e medicina já argumentaram cientificamente no passado que os corpos de diferentes "raças" não eram apenas diferentes, mas plausíveis de serem hierarquizados. O mesmo fez o famoso criminologista italiano Cesare Lombroso, há mais de cem anos, quando explicou que a criminalidade, a prostituição e até mesmo o anarquismo estavam relacionados a causas físicas e biológicas. Isso tinha um propósito explícito: "Para criminosos adultos natos não há muitos remédios: é necessário sequestrar-los para sempre, no caso dos incorrigíveis, ou suprimi-los, quando sua incorrigibilidade os torna perigosos demais".

Mas essa explicação da natureza inata e inalterável de nosso comportamento não é apropriada em um estado governado pelo estado de direito, e é por isso que aqueles que escrevem as leis contra nós também fazem de bobo o criminologista estúpido. Em uma **época em que não é mais necessário justificar cientificamente a escravidão e o colonialismo, muito menos religiosamente, não é mais necessário invocar "desigualdades" biológicas ridículas**. Afinal de contas, somos todos cidadãos livres e iguais.

Entretanto, alguns cidadãos são mais iguais do que outros. E nossa sociedade intervém violentamente nos corpos dos recém-nascidos para reforçar e impor a divisão sexual capitalista, para produzir seres humanos à sua imagem e semelhança, para impor a premissa técnica que nos diz: "se pode ser feito, deve ser feito" e tudo isso, segundo nos dizem, para o nosso próprio bem.¹³

A concepção dominante da natureza da diferença sexual constitui e reflete a composição de nossa sociedade. E também constitui e reflete a compreensão de nossos corpos. Para produzir seres humanos normais, nossa sociedade não se limita a mutilar os órgãos genitais ou administrar hormônios. Nossa sociedade recorre à amniocentese (punção abdominal para extrair o líquido amniótico) e ao aborto seletivo para reduzir a frequência da síndrome de Down e, em algumas partes do mundo, o aborto seletivo de fetos do sexo feminino é realizado.

¹³ "Se for tecnicamente possível fazer uma coisa, ela deve ser feita. Se for possível fabricar armas nucleares, elas devem ser fabricadas, mesmo que corram o risco de destruir a todos nós. Se for possível ir à Lua ou a outros planetas, isso deve ser feito, mesmo que ainda haja muitas necessidades insatisfeitas na Terra (...) O que quer que a tecnologia torne possível, ela traz consigo a obrigação de fazê-lo" (Maximilien Rubel, *Against Nuclear Pacifism*).

Ao entrar nos estudos de gênero, mas principalmente de intersexualidade, é impossível não se deparar com o famoso psicólogo especializado em sexologia John Money (1921-2006). Foi ele, nada mais nada menos, que transferiu o termo *gênero* das ciências da linguagem para as ciências da saúde quando pesquisava questões de hermafroditismo no Departamento de Psiquiatria e Pediatria do Hospital Universitário Johns Hopkins (EUA). Ele dedicou sua carreira a defender a ideia da independência da atribuição e da criação do sexo em relação ao sexo biológico. Ele concluiu que as gônadas, os hormônios e os cromossomos não determinam automaticamente o que designa sexualmente um menino ou uma menina: "Da soma total dos casos de hermafroditismo, a conclusão que se segue é que o comportamento e a orientação masculina ou feminina não têm uma base instintiva inata.

Esse homem de ciência e sua equipe não deduziram que as categorias "masculino" e "feminino" não tinham base biológica, mas escolheram hermafroditas como objeto de estudo para "provar" que a natureza, nesses casos, não importava e, em seguida, extrapolaram para qualquer situação, sem nunca questionar a suposição fundamentalmente social de por que existem apenas dois sexos. A intersexualidade era, segundo eles, o resultado de processos fundamentalmente anormais e, portanto, seus pequenos pacientes precisavam de tratamento médico porque deveriam ter nascido homens ou mulheres.

Em oposição ao determinismo biológico, para Money, o comportamento seria governado pela educação como homem ou mulher e não pelo sexo biológico dado no nascimento. Parece muito contemporâneo, não é? Na visão de Money, o objetivo do "tratamento" era garantir o desenvolvimento psicossexual correto, atribuindo à criança de sexo misto o gênero apropriado e, em seguida, fazendo o que fosse necessário para garantir que a criança e seus pais acreditassesem no sexo atribuído. Esses experimentos tiveram um resultado desastroso no famoso caso de David Reimer.

Em 1966, uma circuncisão malfeita deixou David Reimer, de 8 meses, sem pênis. Com base na recomendação de Money, 14 meses depois, Reimer foi transferido para o sexo feminino, seus testículos foram removidos e uma vulva foi criada artificialmente, o que acabou mudando seu nome para Brenda. Money também prescreveu tratamento com hormônios, que foi realizado. Ele instruiu a família a nunca contar a ele sobre sua mudança de sexo e a criá-lo como uma menina normal, o que a família fez. Money publicou uma série de artigos relatando que a mudança de sexo foi bem-sucedida e a exibiu como prova irrefutável de sua teoria. Em 1997, Milton Diamond relatou que a redesignação havia sido um fracasso; Reimer nunca se identificou como mulher nem se comportou de maneira tipicamente feminina após ser redesignado como mulher. Aos 14 anos, após anos de terapia e várias tentativas de suicídio, Reimer foi informado do que havia acontecido e decidiu se submeter a tratamentos hormonais, mudou seu nome de volta para David na adolescência e se submeteu a uma série de cirurgias que lhe permitiram recuperar o pênis. Em 2002, o irmão gêmeo de David, Brian, foi encontrado morto devido a uma overdose de medicamentos usados para tratar a esquizofrenia. Em 5 de maio de 2004, David Reimer cometeu suicídio e, em seguida, seu pai também cometeu suicídio devido a sentimentos de culpa.

Considere, como outro exemplo, o caso mais recente de Angela Moreno. Em 1985, quando ela tinha 12 anos de idade, seu clitóris aumentou para 3,8 cm. Sem nenhuma outra referência, ela achou que era normal. Mas sua mãe percebeu a mudança e, alarmada, levou-a às pressas a um médico que lhe disse que ela tinha câncer de ovário e precisava de uma hysterectomy. Seus pais lhe disseram que, independentemente do que acontecesse, ela continuaria sendo a filhinha deles. No entanto, quando ela acordou da anestesia, seu clitóris havia desaparecido. Foi somente aos 23 anos que ela descobriu que seu genótipo era XY e que tinha testículos, não ovários. Ela nunca teve câncer. Atualmente,

Moreno é membro da Intersex Society of North America. Quando se trata de definir a si mesma, ela escreve: "Se eu tivesse que me rotular como homem ou mulher, eu diria que sou um tipo diferente de mulher.... Não sou um caso de um sexo ou de outro, ou uma combinação de ambos. Nasci hermafrodita e, do fundo do meu coração, gostaria de ter tido permissão para continuar assim". De fato, as organizações intersexuais de hoje dizem a mesma coisa: "Conte-nos tudo. Não insulte nossa inteligência com mentiras. Quando conversar com crianças, dê a elas informações adequadas à idade. Mas mentir nunca funciona e pode destruir tanto o relacionamento paciente-pais quanto o relacionamento paciente-médico".¹⁴

Padronização e reprodução

Nossa espécie, pelo menos até agora, tem sido dependente da reprodução sexual. Em nossa sociedade, uma grande parte da responsabilidade por isso foi delegada à ciência médica. **A maneira como percebemos o sexo está completamente relacionada à nossa reprodução, sabendo que o sexo para os seres humanos é muito, muito mais do que fertilização e gestação.** O erotismo, o prazer e a comunicação relacionados ao sexo não são da alçada dos médicos, mas sim da nossa alçada. No entanto, **nossa sociedade entrega toda a complexidade sexual em um pacote para os escritórios secos e higienizados da ciência.**

Com o passar dos anos, nossa fisiologia sexual muda, os corpos mudam. Até mesmo a "função reprodutiva" que determina a divisão sexual desta sociedade muda com o tempo, mas nossa sociedade tem uma visão estática do sexo anatômico. Assim, uma mãe que, em uma certa idade, começa a ter relações sexuais com outras mulheres é considerada como se tivesse "finalmente descoberto que era lésbica", como se fosse uma essência oculta que ela possuía.

Devido às rígidas categorizações em torno da reprodução sexual, muitas lésbicas não se consideram mulheres, e isso ocorre porque "ser mulher" é determinado pela maternidade. "Ser mulher" nessa sociedade não é simplesmente ter uma vagina, mas está associado a uma série de deveres, "ser mulher", como veremos a seguir. Monique Wittig, por exemplo, em seu livro *Heterosexual Thought (Pensamento Heterossexual)*, argumenta que "lésbicas não são mulheres", uma vez que a heterossexualidade não é apenas uma prática sexual.

Nossos corpos devem atender aos padrões de produção, como mercadorias a serem oferecidas ao mercado, ou melhor, como portadores individuais da mercadoria força de trabalho. Especificações técnicas contidas em documentos que descrevem detalhadamente as características mínimas que devemos cumprir, daí as medidas que apontamos que um clitóris ou um pênis devem cumprir. De acordo com esses padrões, qualquer nascimento fora da expectativa dominante deve ser corrigido, sofrer intervenção. De acordo com eles, não há possibilidade de que existam experiências de vida por meio de corpos que não se encaixam na norma.

Nesse sentido, o intersexo pode ser comparado a uma "deficiência", pois a sociedade, em última análise, trata de corpos defeituosos. A deficiência agrupa os seres humanos em termos do que eles são ou não são capazes de fazer: ver, concentrar-se, andar, falar, etc. Nesse sentido, as pessoas com deficiência são deficientes porque são incapazes de fazer algo que é muito importante para esta sociedade, como o resto de nós faz, que geralmente é principalmente trabalhar e, no caso das pessoas intersexuais, ter filhos.

¹⁴ Para ler os detalhes do caso acima, recomendamos consultar o livro acima mencionado de Anne Fausto-Sterling.

No artigo *Communism: The Real Movement to Abolish Disability* (*Comunismo: O verdadeiro movimento para abolir a deficiência*), de RedEd, publicado no site libcom.org, destaca-se que tanto a eugenia quanto as fantasias tecnológicas imaginam que, com o avanço da ciência médica, ninguém no futuro será portador de deficiência. Em outras palavras, eles não buscam acabar com a deficiência, eles desejam acabar com as pessoas com deficiência. A deficiência não é simplesmente um conjunto de indivíduos, mas uma caracterização feita com base nas exigências da sociedade atual.

Em suma, se não abordarmos essas questões, continuaremos a entregar nossa sexualidade em uma bandeja estéril a uma medicina que, na maioria esmagadora dos casos, decide o sexo de cada recém-nascido com base na reprodução sexual ou, pelo menos, à imagem de Adão e Eva. Se não a uma série de filósofos pagos que são uma parte fundamental do estado das coisas. Essas são as condições atuais para combater o que é imposto.

SEXO E GÊNERO

Conforme indicamos na *Introdução*, percorremos um longo caminho em torno de vários aspectos da divisão sexual capitalista, sem partir de conceituações de gênero. Entretanto, tivemos de chegar a essa categoria que ouvimos com tanta frequência nos últimos anos.

Uma definição vulgar, tomada ao acaso, mas muito representativa dos debates atuais, nos diz que: "O sexo é determinado pela natureza, uma pessoa nasce com o sexo masculino ou feminino. Por outro lado, o gênero, masculino ou feminino, é aprendido, pode ser educado, mudado e manipulado. O gênero é entendido como a construção social e cultural que define as diferentes características emocionais, afetivas e intelectuais, bem como os comportamentos que cada sociedade atribui como próprios e naturais ao homem ou à mulher".

No verbete da Wikipedia, lemos: "A distinção entre sexo e gênero, no contexto dos estudos de gênero, diferencia o biológico do cultural. Assim, "sexo" refere-se à anatomia do sistema reprodutivo e às características sexuais secundárias, enquanto "gênero" é usado para papéis sociais baseados no sexo de uma pessoa (papel de gênero) ou identificação pessoal (identidade de gênero)".

Acrescentar *gênero* (como uma identidade social sexuada) ao *sexo* (como uma diferença biológica) tornou-se um hábito, uma saída fácil. **O que a maioria das pessoas está tentando nos dizer com o conceito de gênero é que não existe uma natureza humana monolítica e que, portanto, nem o que é considerado masculino ou feminino é um fato da natureza. Isso não é novidade.** Antes da generalização desse conceito por governantes e governados, bem como por médicos e doutores em medicina, até mesmo um autor famoso havia dito: "Você não nasce mulher, você se torna uma".

"O feminismo radical há muito concorda com isso, sem usar a palavra *gênero*. O que ela designa (sexo social) foi pensado muito antes do surgimento da palavra. Mas se uma palavra se impõe, e com ela uma percepção do mundo, é porque ela responde a uma necessidade. Nossa época produziu o conceito de gênero para racionalizar um problema que é incapaz de enfrentar (...) No passado, as pessoas falavam da *natureza* para se conformar com a desigualdade dos sexos, agora falam de "gênero" para acreditar que ela pode ser reduzida (...) **Não é neutro referir-se ao gênero. Um conceito reúne elementos ao separá-los de outros, inevitavelmente diminuídos.** Por exemplo, falar de classe é atribuir um papel secundário a um indivíduo, estrato, categoria, etnia etc. Falar de gênero é considerar uma atividade social como prioritária com base em critérios sexuais (impostos ou escolhidos) e, assim, colocar as relações de produção em segundo plano. (...) Se a noção de gênero ajuda a viver menos mal a desordem da moralidade contemporânea e, em particular, a crise da família, isso não significa que ela resolva tudo ou para todos. Às vezes ela ajuda. Às vezes, também atrapalha. (Gilles Dauvé, *Conversa com Constance...*)

Deve-se observar, então, que gênero não é sinônimo de sexo, muito menos que uma categoria possa ser substituída pela outra. É somente pela divisão das características humanas que se pode falar de forma tão direta com essas categorias para se referir a algo. Mesmo que aceitemos essa categoria, podemos nos perguntar se faz sentido falar de gêneros, no plural, quando se trata mais de uma questão de relações histórico-sociais e não de um atributo individual. Não foi isso que o Estado argentino entendeu quando criou o Ministério da Mulher, Gênero e Diversidade em dezembro de 2019. Isso ocorre porque o Estado pode abordar a questão como uma soma de identidades a serem reconhecidas e direitos a serem concedidos. O institucional está limitado ao que é possível dentro de sua própria estrutura, à superfície dos problemas.

O "gênero", argumentam alguns sociólogos, "é uma conquista localizada (...) não um mero atributo individual (...) mas algo alcançado na interação com os outros". não é um mero atributo individual, mas algo que é alcançado na interação com os outros". Por meio de feedback direto, crianças e adultos aprendem a "fazer gênero". Colegas de classe, pais, professores e até mesmo estranhos na rua avaliam as roupas das crianças. Um menino que usa calças estará em conformidade com as normas sociais, enquanto um menino que usa saia não estará. E ele perceberá isso rapidamente! Portanto, o gênero nunca é meramente individual, mas envolve interações entre pequenos grupos de pessoas. O gênero envolve regras institucionais. Se um homem gay sair na rua vestido de mulher, ele logo perceberá que se desviou de uma norma de gênero. O mesmo homem em um bar gay receberá elogios se participar de uma subcultura que é regida por outras diretrizes." (Anne Fauto-Sterling)

Também podemos pensar que **a motivação para muitas das expressões atuais sobre essas questões está no fato de que cada indivíduo determina seu gênero ou identidade sexual por si mesmo e é reconhecido pela sociedade. Até agora, havia apenas uma maneira, e de forma inversa, de resolver isso: a sociedade determinava o gênero do indivíduo, e o indivíduo tinha de aceitar o mandato.** Essa é a relação entre o indivíduo e a sociedade. Mas, em última análise, é o Estado que legitima a existência ou não de uma identidade, quer os cidadãos queiram aceitá-la ou não. E é aí que reside a luta das pessoas com identidades sexuais diversas, que buscam a aprovação da sociedade e, portanto, do Estado.

Outro uso do gênero é torná-lo sinônimo de uma luta contra o machismo e, portanto, às vezes uma luta contra os homens, uma luta de gêneros (plural) contra o masculino. Mas a masculinidade e a feminilidade são mutuamente determinadas. E aqui é necessário perguntar por que o masculino é tão frequentemente marcado com características negativas, enquanto o feminino é tão bem visto a ponto de se fazer dele um *ismo* (feminismo), vendo e considerando que os dois são inseparáveis. Como em todas as ocasiões, insistimos que nenhuma separação opressiva pode ser destruída pela tentativa de preservar e tomar partido de um de seus dois polos. Na verdade, qualquer um deles não é nada sem o outro.

Pode acontecer de a noção de gênero estar diretamente associada a "questões femininas". Ou "questões de gênero" podem ser entendidas como relacionadas apenas a mulheres e pessoas que se enquadram na categoria LGBTTQI+.

Há décadas, a "questão das mulheres" começou a ofuscar a "questão sexual". Como resultado, os problemas dos diferentes sexos começaram a ser abordados de forma isolada. Hoje, a "questão de gênero" aprofunda essa tendência, concentrando o debate na identidade individual. Obviamente, não há universalmente uma "mulher" e um "homem", há mulheres e há homens (e não somente). Esquece-se que, na realidade, mulheres e homens não estão apenas ligados, mas estão ligados em uma sociedade específica.

Nesse sentido, **"a questão de gênero" em abstrato tende a ofuscar os problemas particulares das mulheres proletárias:** a intensificação do trabalho doméstico em tempos de crise econômica, o conflito do trabalho na gravidez e na criação dos filhos, o não pagamento de pensão alimentícia após o divórcio, o assédio no local de trabalho e tantas outras questões que não são simplesmente problemas de gênero. Esses não são fatos únicos ou extraordinários, mas de milhões e milhões de mulheres proletárias, o que é especialmente evidente na questão da maternidade e do trabalho, seja ele assalariado, informal ou não. A esse respeito, há poucas demandas dos movimentos oficiais, mesmo que esse seja um problema mais massivo do que outros. Acontece que essa não é a realidade das universidades e dos parlamentos, mas dos bairros, favelas ou locais de trabalho. Até mesmo a

questão do aborto, seguindo essa crítica, é abordada a partir da "questão de gênero" e não da "questão das mulheres".¹⁵

Gênero também não é sinônimo de feminismo, embora a perspectiva de gênero seja hoje predominante no movimento feminista.

Esse termo não existe apenas nos *estudos de gênero*. Na biologia, o gênero é uma categoria taxonômica que fica entre a família e a espécie, assim como na linguagem é uma categoria gramatical ou na arte é usada para ordenar diferentes obras em diferentes ramos.

Do inglês, *gender* surgiu na segunda metade do século XX. Um dos primeiros autores a usar esse termo foi o polêmico e já mencionado psicólogo John Money, em 1955, em *Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: Psychologic findings*. Esse psicólogo e pediatra americano, especializado no tratamento de crianças com morfologia genital indeterminada, usou o termo para se referir à possibilidade cirúrgica e hormonal de transformar os órgãos genitais durante os primeiros 18 meses de vida. Money entrou para a história como o autor desse termo, bem como do "acidente" descrito na seção anterior.

"Gênero como categoria de análise, que permite investigar e interpretar as diferenças entre homens e mulheres em seus contextos sociais, econômicos, culturais e históricos específicos e visualizar as diferentes concepções que homens e mulheres têm de si mesmos e de suas atividades. 2. gênero como um sistema de relações, aludindo ao sistema de relações sociais, simbólicas e psíquicas em que as mulheres e tudo o que é considerado feminino são colocados de forma diferente e desfavorável em relação aos homens e ao que é considerado masculino. Portanto, quando falamos de gênero, nos referimos a um sistema de relações sociais que estabelece normas e práticas para homens e mulheres e a um sistema de relações simbólicas que fornece ideias e representações". (Lucía González-Mendiondo, *El género y los sexos. Repensando a luta feminista*)

Certas discussões que estão ocorrendo atualmente em torno da noção de gênero permitem aprofundar a análise e a reflexão sobre o que significa ser homem e o que significa ser mulher nesta sociedade. Isso nos permite questionar o mundo e transformá-lo, ou não. Não nos permite fazer isso quando esse conceito, que se torna excessivo, pretende definir toda interação entre homens e mulheres como uma relação de dominação ou quando é colocado antes de qualquer análise.¹⁶

Se partirmos da premissa de que qualquer interação entre os sexos é determinada principalmente por relações de gênero que não são apenas desiguais, mas também dominadoras, inevitavelmente concluiremos que as mulheres são vítimas dos homens. É absurdo e insultante pensar que na história das mulheres tudo foi e é opressão e subordinação, apesar da importância insuperável de assumir essa violência como uma realidade constitutiva de sua história. Essa concepção não apenas oculta a contribuição das mulheres na história, mas também dificulta a compreensão de como as mulheres e os homens proletários vivenciam e vivenciam sua condição de classe. Uma história e uma classe composta de sujeitos sexuados.

¹⁵ Entendemos que o conceito de maternidade se ampliou e que, portanto, não são apenas as mulheres que têm a capacidade de dar à luz. Até mesmo o Estado entende isso. Na Argentina, o Ministério da Saúde está usando o termo "mulheres grávidas" desde 2015. "É uma forma de honrar os direitos humanos de todas as pessoas, para que as diversas identidades de gênero se sintam incluídas", diz o diretor executivo da Equipe Latino-Americana de Justiça e Gênero (Equipo Latinoamericano de Justicia y Género). No entanto, essa ênfase na igualdade e no particular contrasta com uma situação em que as mulheres são amplamente majoritárias.

¹⁶ Não estamos propondo a aplicação da teoria interseccional a esse problema. Consulte CUADERNOS DE NEGACIÓN no.13: *Intersectionality?*

O dualismo entre sexo e gênero está na base da maioria das contribuições teóricas feitas pelo feminismo. É uma decisão política: demonstrar a opressão das mulheres nos termos que a própria sociedade opressora exige. É uma conclusão alcançada com base em uma agenda política que busca mudanças nos sistemas representativo, judicial, educacional e trabalhista. É por isso que ela vê problemas de educação, desigualdade ou injustiça (em termos de justiça burguesa), porque busca remediá-los dentro desse sistema. Porque não busca destruir um problema estrutural, mas reformar, remodelar a estrutura existente.

E de forma alguma, nem nesse nem em qualquer outro problema do modo de produção capitalista, podemos propor mudanças graduais até alcançarmos a emancipação humana. A reforma e a revolução não seguem o mesmo caminho, apenas uma delas seria mais apressada do que a outra, são dois caminhos diferentes com conclusões diferentes.

O fetiche por gênero

Aqui está um trecho de *The Logic of Gender* publicado no número 3 da revista *Endnotes*, que consideramos extremamente sugestivo para pensar sobre a dualidade sexo/gênero no capitalismo e suas transformações, embora não compartilhemos totalmente de sua abordagem. Nos CUADERNOS DE NEGACIÓN não tivemos a intenção de definir a categoria de gênero, e até mesmo seu uso ainda nos causa muitas dúvidas pelas razões que já apontamos. Nesta edição, refletimos sobre a categoria e suas aplicações, sobre o que ela procura explicitar e até mesmo sobre o que procura articular em lutas e movimentos sociais. Poderíamos dizer, então, que grande parte desta edição é sobre gênero e não a partir de uma intencionalidade taxonômica. O título e o negrito desta seção são nossos. Agora estamos prontos para enfrentar a questão do gênero. O que é gênero? **Para nós, gênero é a ancoragem de um determinado grupo de indivíduos a uma esfera específica de atividades sociais.** O resultado desse processo de ancoragem é, ao mesmo tempo, a reprodução contínua de dois gêneros distintos.

Esses gêneros se materializam como um conjunto de características ideais que definem o "masculino" ou o "feminino". Entretanto, como uma lista de qualidades psicológicas e comportamentais, essas características estão sujeitas a mudanças no decorrer da história do capitalismo; elas pertencem a períodos específicos; correspondem a determinadas partes do mundo; e mesmo dentro do que poderíamos chamar de "Ocidente", elas não são necessariamente atribuídas da mesma forma a todas as pessoas. No entanto, como uma dualidade, os gêneros existem em relação recíproca, independente do tempo e do espaço, mesmo que seus modos de aparência estejam sempre em constante fluxo.

O sexo é o outro lado do gênero. Seguindo Judith Butler, criticamos o par de termos gênero/sexo como aparece na literatura feminista antes da década de 1990. Butler demonstra, corretamente, que tanto o sexo quanto o gênero são construídos socialmente e que, além disso, foi a "socialização" ou a vinculação do "gênero" à cultura que relegou o sexo ao polo "natural" da dualidade natureza/cultura. Da mesma forma, argumentamos que essas são categorias sociais binárias que desnaturalizam o gênero e naturalizam o sexo. Para nós, o sexo é a naturalização da projeção binária do gênero nos corpos que incorpora diferenças biológicas em aparências discretas e naturalizadas.

Enquanto Butler chegou a essa conclusão por meio de uma crítica à ontologia existencialista do corpo, nós o fizemos por meio de uma analogia com outra forma social. O valor, assim como o gênero, precisa de seu outro polo "natural" (ou seja, sua manifestação concreta). Na verdade, a relação de dualidade entre sexo e gênero, como dois lados da mesma moeda, é semelhante aos aspectos duplos da mercadoria e ao fetichismo inerente a ela. Como explicamos acima, toda

mercadoria, inclusive a força de trabalho, é simultaneamente valor de uso e valor de troca. A relação entre as mercadorias é uma relação social entre coisas e uma relação material entre pessoas.

Seguindo essa analogia, **o sexo é o corpo material que se liga ao gênero como o valor de uso se liga ao valor (de troca).** *O fetiche do gênero* é uma relação social que age sobre esses corpos de tal forma que aparece como uma característica natural dos próprios corpos. Embora o gênero consista na abstração da diferença sexual de todas as suas características concretas, essa abstração transforma e determina o corpo ao qual está ligado, assim como a abstração real do valor transforma o corpo material da mercadoria. O gênero e o sexo combinados dão àqueles inscritos nessa dualidade uma aparência natural ("com uma objetividade espectral"), como se o conteúdo social do gênero estivesse "escrito na pele" de indivíduos concretos.

A trans-historicização do sexo é comparável a uma crítica limitada do capital que argumenta que o valor de uso é trans-histórico e não historicamente específico do capitalismo. Essa crítica considera o valor de uso como aquilo que permanece positivamente após a revolução, que é pensada como a liberação do valor de uso do revestimento do valor de troca. Em relação à nossa analogia com sexo e gênero, devemos dar um passo adiante e dizer que **tanto o gênero quanto o sexo são historicamente determinados. Ambos são totalmente sociais e só podem ser abolidos juntos, assim como o valor de troca e o valor de uso terão de ser abolidos simultaneamente no processo de comunicação.** A partir dessa perspectiva, nossa análise feminista inspirada na teoria do valor reflete a crítica de Butler na medida em que consideramos a dualidade sexo/gênero como socialmente determinada e produzida por meio de condições sociais específicas da modernidade.

Mas o gênero não é uma forma social estática. **A abstração do gênero é cada vez mais desnaturalizada, fazendo com que o sexo pareça ainda mais concreto e biológico.** Em outras palavras, se sexo e gênero correspondem a dois lados da mesma moeda, a relação entre o gênero e sua contraparte naturalizada não é estável. Há uma discrepância potencial entre eles, que alguns chamaram de "problema" e nós chamamos de "desnaturalização".

Com o passar do tempo, o gênero se torna cada vez mais abstrato e define a sexualidade de forma cada vez mais arbitrária. A comercialização e a mercantilização do gênero parecem desnaturalizar progressivamente o gênero dos elementos biológicos *naturalizados*. **Pode-se dizer que o próprio capitalismo desconstrói o gênero e o desnaturaliza.** A natureza - cuja crescente superfluidez anda de mãos dadas com a necessidade contínua do gênero - aparece como pressuposto do gênero e não como seu efeito. Em termos mais familiares, refletindo o "problema" do capital com o trabalho: a "natureza" (o lado "natural" do par sexo/gênero) torna-se cada vez mais supérflua em relação à reprodução geracional do proletariado, enquanto o "custo" atribuído aos corpos "femininos" - ou a contrapartida do sexo - torna-se cada vez mais essencial para a acumulação de capital como uma tendência à feminização. Assim, a reprodução de gênero é de grande importância, como reprodução de baixo custo da força de trabalho, enquanto um exército de reserva de proletários se torna cada vez mais redundante como população excedente.

O que o gênero feminino sinaliza - aquilo que está socialmente inscrito em corpos "naturalizados" e "sexuados" - não é apenas um conjunto de características "femininas" ou "de gênero", mas essencialmente uma etiqueta de preço. A reprodução biológica tem um custo social que *não está incluído na* força de trabalho média (masculina); ela se torna o fardo daqueles a quem esse custo é atribuído, independentemente de poderem ter filhos ou quererem tê-los. É nesse sentido que uma abstração, uma *média de gênero*, é refletida na organização dos corpos da mesma forma que o valor de troca, uma média cega de mercado, é projetada na produção, moldando e transformando a organização da produção social e a divisão do trabalho. Nesse sentido, a transformação da condição

das relações de gênero ocorre por trás das costas daqueles que ela define. E, nesse sentido, o gênero é constantemente imposto e *renaturalizado*.

Diferença e igualdade

"O movimento de mulheres oscilou entre duas posições. Por um lado, as mulheres lutaram pela equidade com base em sua igualdade fundamental com os homens. Mas, independentemente da semelhança de suas habilidades, mulheres e homens não são e nunca serão iguais para o capital. Por outro lado, as mulheres lutaram pela equidade com base em sua "diferença, mas igual dignidade" em relação aos homens. Mas essa diferença, aqui explicitada como maternidade, é precisamente o que explica o papel subordinado das mulheres." (*Endnotes, Communisation and the Abolition of Gender*)

O feminismo da diferença é uma corrente que surgiu a partir do feminismo de segunda onda (1960-70) e, com razão, faz da reivindicação da diferença o cerne de suas propostas na luta pela liberação das mulheres.¹⁷ Ela insiste que o sexo biológico determina se somos homens ou mulheres.

Essas teorias apontam as diferenças como essenciais e, portanto, haveria uma "essência feminina". Insiste-se também, contra todas as explicações históricas e sociais, que as mulheres são mais propensas e melhores cuidadoras do que os homens. E vai ainda mais longe ao propor a solidariedade (*sororidade*) com qualquer mulher pelo simples fato de ser mulher, seja ela uma mulher explorada, uma exploradora, uma presidente ou uma colaboradora de classe aberta, como as mulheres que participam das forças repressivas do Estado. Em uma posição extrema, mas não minoritária, esse feminismo da diferença pode levar à suposição de que as mulheres seriam incapazes de ferir, mentir ou prejudicar.

Essas posições são representativas, embora não exclusivas, dessa corrente e sua influência é notória em grande parte do feminismo. Em termos gerais, argumenta-se que pode haver igualdade apesar das diferenças, que não é possível tentar apagá-las e que, portanto, é necessário reivindicá-las, chegando a postulados absurdos. O principal problema reside no fato de que não se entende como essas diferenças explicam o papel subordinado da mulher no capitalismo, a começar por sua capacidade reprodutiva.

¹⁸Por outro lado, há o feminismo da igualdade, talvez o mais conhecido e com a mais longa trajetória histórica até os dias de hoje, que visa alcançar a igualdade na base fundamental da igualdade entre homens e mulheres. É a expressão mais ampla do feminismo, dentro da qual podemos situar as vertentes socialista, marxista e anarquista, bem como a vertente radical americana, ou materialistas como Christine Delphy. A partir do surgimento do feminismo da diferença na década de 1960, as vertentes mencionadas acima serão situadas principalmente dentro do "paradigma da igualdade".

O feminismo contemporâneo da igualdade, baseado principalmente em estudos de gênero, vê a masculinidade e a feminilidade como papéis de gênero socialmente construídos. Muitas vezes, parece afirmar que somos simplesmente pessoas iguais, tanto homens quanto mulheres, e que a

¹⁷ Seguindo essa cronologia dos estudos feministas anglo-saxões, podemos lembrar que a primeira onda do feminismo começa com o movimento sufragista que se desenvolveu nos Estados Unidos e no Reino Unido em meados do século XIX. E observamos que essa não é a cronologia de todo o feminismo mundial.

¹⁸ Embora valha a pena esclarecer que essa abordagem esquemática perde de vista o fato de que, por exemplo, na prática, o amplo movimento feminista de hoje contém elementos de ambos, mesmo que sejam inconsistentes entre si.

sociedade capitalista deveria simplesmente oferecer oportunidades iguais. Qualquer forma de alusão a diferenças é tachada de biológica ou em termos de superior ou inferior.

É certamente a partir das teorias de gênero que nos dizem que "a biologia não é um destino", mas que muitas vezes nos esquecemos de colocá-la no ponto de partida ou em algum lugar ao longo do caminho. A rejeição do determinismo biológico acaba esquecendo o biológico sem suas determinações. Assim como a rejeição daqueles que oprimem, exploram e discriminam com base nas diferenças sexuais nos faz lutar contra as diferenças e não contra aqueles que as instrumentalizam para manter a normalidade capitalista.

Outras correntes pós-feministas, como o feminismo *queer*, argumentam ainda mais fortemente que tudo isso é apenas uma questão de cultura e política.

Natureza e cultura

Politicamente, a igualdade é aceita como um valor desejável em face da diferença. Ser "diferente de" é frequentemente associado a ser "inferior ou superior a". Há uma tendência à uniformidade e à ideia de indivíduo ou cidadão (independentemente das categorias de homem e mulher).

"Esse debate sobre Igualdade/Diferença que marcou a história do feminismo durante o último século XX baseia-se na análise da oposição entre natureza e cultura, entre o inato e o construído, e por muito tempo pareceu ser a única análise capaz de interromper a atribuição de mulheres e homens a uma identidade sexual compulsória e opressiva para as mulheres. Porém, os seres humanos são uma mistura de natureza e cultura. A natureza humana é cultural e a cultura tem sua origem na natureza". (González-Mendiondo)

O debate estéril que opõe a natureza à cultura, ou seja, o inato e o adquirido, é um beco sem saída. E algo semelhante acontece com a própria noção de natureza, do natural, quando ela é percebida como algo alheio à cultura, pura e livre de humanos. Como se a natureza sempre tivesse existido, lá no coração da Amazônia, do rio ou da montanha, e não nas definições dos seres humanos civilizados.

Essa separação entre o biológico (associado ao sexo) e o cultural (associado ao gênero) é enganosa. A insistência em diferenças com base biológica está cada vez mais ligada a políticas religiosas, reacionárias e antifeministas, enquanto o antibiologismo está mais associado ao feminismo e às políticas progressistas. Não devemos nos deixar influenciar por simpatias políticas que colocam certos princípios antes que qualquer análise crítica tenha sido desenvolvida.

Em muitos casos, é preciso deixar claro que isso nada mais é do que uma discussão acadêmica e científica entre ciências "duras" e "leves". As ciências naturais e físicas geralmente estão incluídas no campo das ciências duras, enquanto as ciências sociais ou humanas geralmente estão incluídas no campo das ciências leves. Não é que essas discussões não sejam interessantes, o problema é que elas vêm orientando os movimentos sociais há décadas, e por quê? Porque esses movimentos sociais são mais movimentos de cidadãos, ou seja, movimentos entre classes, nos quais os intelectuais são membros proeminentes.

A proeminência dessas teorias universitárias ocorre dentro da estrutura de um racionalismo extremo que afirma que o único conhecimento válido é o conhecimento científico.¹⁹ E a ciência não é neutra,

¹⁹ Sobre ciência, tecnologia e a noção de progresso, lembramos CUADERNOS DE NEGACIÓN no.8: *Critique of capitalist reason (Crítica da razão capitalista)*.

ela é a reitora, guardiã e executora da ordem moral, assim como a Igreja era ontem. **Ontem era a teologia, e não a tecnologia, que autorizava as pessoas a fazer ou mesmo pensar qualquer coisa, que ordenava moralmente a sociedade.**

Se tomarmos a licença para intercambiar ciência e tecnologia, não será por acaso. A ligação é evidente e talvez seja mais correto falar de tecnociência devido à conexão inseparável entre a pesquisa científica e o aparato tecnológico, que exige maior especialização e complexidade, aprofundando a impotência da maioria não especializada diante dele.

Deus ou o cálculo técnico se apresentam como infalíveis e superiores ao julgamento humano. Mas sempre temos seus representantes na Terra, padres ou cientistas, para nos orientar e pensar por nós, sempre "para o nosso próprio bem".

Necessariamente, também devemos assumir a crítica da divisão corpo/mente, tão característica do método científico, ou corpo/alma, tão característica da religião.²⁰ É com base nessa separação, que é impossível na realidade, que podemos nos entender como corpos puramente "biológicos" ou puramente "culturais". Esse dualismo trunca qualquer possibilidade de análise. O termo gênero, colocado nessa dicotomia, necessariamente exclui o biológico dos corpos ou os assume como recipientes vazios ou completamente maleáveis pelo complexo médico-técnico-científico (quando não espera moldá-los simplesmente pelos golpes do discurso). Ou seja, como corpos abstratos (consulte o quadro: *Abstração do humano*).

Podemos conceder a alguns processos biológicos um status que preexiste à sua importância. Pensar que os instintos biológicos fornecem um tipo de base para o desenvolvimento da sexualidade. Mas essas bases não são suficientes. Sem a sociabilidade humana, a sexualidade humana não pode se desenvolver. Embora não saibamos de que maneira, sabemos que a sociabilidade com seus hábitos e costumes, que claramente se originam entre os corpos, acaba sendo incorporada à sua fisiologia e aos seus comportamentos conscientes e inconscientes. Eventos externos aos corpos são incorporados à nossa própria carne, modificando até mesmo essas "bases".

Isso fica mais claro com exemplos como as chamadas *crianças selvagens*, criadas sem restrições humanas. Esses são claramente casos isolados e não transformações sociais, mas, mesmo assim, são ilustrativos:

"No início do século XX, na província indiana de Bengala, o reverendo J.A. Singh "resgatou" duas meninas (que ele chamou de Amala e Kamala) que haviam sido criadas desde a infância em uma matilha de lobos. As duas meninas conseguiam correr mais rápido de quatro do que muitas pessoas com duas pernas. Elas eram noturnas, tinham desejo por carne crua e carniça e se comunicavam tão bem com os cães durante as refeições que estes permitiam que elas compartilhassem sua comida. Está claro que os corpos dessas meninas, desde a estrutura esquelética até o sistema nervoso, sofreram profundas modificações à medida que se desenvolveram entre os animais não humanos.

Os casos de crianças selvagens ilustram de forma dramática o que tem se tornado cada vez mais claro para os neurologistas, especialmente nos últimos vinte anos: os cérebros e os sistemas nervosos têm plasticidade. Sua anatomia geral (bem como as conexões físicas menos visíveis entre

²⁰ Se separarmos as partes de um corpo para estudá-lo, não teremos mais um corpo, mas um cadáver. Da mesma forma, o estudo dos efeitos hormonais sobre o comportamento sexual dos camundongos não é apenas inadequado para nós, mas também para os camundongos. Porque não se trata apenas de camundongos, mas de camundongos em cativeiro. Isso não significa que não possa nos dizer algo sobre o comportamento de nós, mamíferos; a questão é quanto interesse isso pode ter, além do desprezo pela vida que a experimentação tecnocientífica em animais significa.

os neurônios, as células-alvo e o cérebro) muda não apenas após o nascimento, mas até mesmo na idade adulta (...) Essa modificação anatômica geralmente decorre da resposta do sistema nervoso a experiências e mensagens externas e da incorporação delas.

(...) a experiência física e cognitiva precoce molda a estrutura cerebral. Até mesmo os movimentos musculares pré-natais desempenham um papel no desenvolvimento do cérebro.

Esse conhecimento enfraquece o esforço de manter a distinção entre corpo e mente e de apresentar o corpo como o precursor do comportamento, e justifica a insistência de que o ambiente e o corpo são coprodutores do comportamento, bem como a inadequação de priorizar um componente em detrimento do outro.

(...) Como tudo isso se aplicaria à diferenciação sexual e à expressão sexual humana? ²¹ As respostas oferecidas até o momento têm sido insuportavelmente vagas, em parte porque temos pensado muito na dimensão individual e muito pouco em termos de sistemas ontogenéticos. (...) Toda sensação, pensamento, sentimento, movimento e interação social modifica a estrutura e a função do cérebro. A simples presença de outro organismo vivo pode ter efeitos profundos sobre a mente e o corpo. Só começaremos a entender como o gênero e a sexualidade são introduzidos no corpo quando aprendermos a estudar a sinfonia e seu público ao mesmo tempo". (Fausto-Sterling, *Sexed Bodies. A política de gênero e a construção da sexualidade*).

Se nos construímos como sujeitos sexuados ao longo de nossa existência individual e em grupo, imaginemos isso no nível da espécie. São muitos os exemplos de mudanças físicas, e não apenas no sistema nervoso, decorrentes da interação social. Podemos então pensar em como **as tradições e os costumes são impressos nos corpos geração após geração**.

Casilda Rodrígáñez destaca que a sexualidade na infância é quase sistematicamente inibida e que isso tem enormes repercussões não apenas em bebês e crianças, mas também em nossa vida adulta, repercussões não apenas em nível "psicológico", mas também físico. Porque qualquer aspecto de nossa condição humana sempre é e sempre será psicossomático, embora seja difícil para nós pensar e viver nessa perspectiva, socializados como estamos em uma cultura que divide corpo/mente e que conceitua e ordena de acordo com essa divisão:

"Na realidade, essa cisão nada mais é do que o encobrimento da perda de consciência do que está acontecendo conosco; mais precisamente, é o resultado do que nos é feito para nos impedir de construir uma consciência de acordo com o movimento sábio da vida, com o impulso do desejo autorregulador de nosso ser psicossomático. Porque só assim o desejo frustrado pode ser codificado, idealizado e enganado com imagens falsas, desvinculado de seu sentido autorregulador dos corpos, para ser inserido no sistema repressivo do Poder. É sempre a devastação, a introdução da falta, que vem primeiro.

²¹ "A teoria dos sistemas ontogenéticos nega que existam dois tipos fundamentais de processos: um impulsionado por genes, hormônios e células cerebrais (ou seja, natureza) e o outro pelo ambiente, experiência, aprendizado ou forças sociais (ou seja, criação). (...) Como a teoria dos sistemas ontogenéticos pode nos ajudar a nos livrar dos processos mentais dualistas? Considere um exemplo descrito por Peter Taylor, um bode que nasceu sem as pernas dianteiras. Durante toda a sua vida, ele conseguiu se locomover pulando sobre as patas traseiras. Um anatomista que estudou a cabra depois de sua morte viu que ela tinha uma coluna vertebral em forma de S (semelhante à humana), "ossos espessos, ligações musculares modificadas e outros correlatos de movimento em duas pernas". Esse sistema esquelético (como o de qualquer cabra) se desenvolveu como parte de sua maneira de se movimentar. Nem seus genes nem seu ambiente determinaram sua anatomia. Somente o conjunto tinha esse poder. (Faust-Sterling)

A perda de contato com nosso próprio corpo, ou seja, a divisão entre consciência e corpo, tem sido uma estratégia indispensável e é uma característica da sociedade patriarcal. Porque o corpo não tem apenas sabedoria, ele também tem muita força, muita capacidade de resistência e rebeldia". (*The Assault on Hades: The Rebellion of Oedipus, parte 1*).

"Precisamos ver que outro corpo temos que não conhecemos ou sentimos. Precisamos entender como foi possível fazer com que a sexualidade uterina desaparecesse de tal forma e socializar gerações de mulheres com o útero espástico. Como foi possível que as meninas crescessem sem movimentar o útero, reprimindo seus impulsos espontâneos, sem corrosão autoerótica, sem uma cultura de danças sexuais.

Outro aspecto que tem a ver com a repressão da sexualidade feminina, que começa na primeira infância, é a educação postural rigorosa que nos disciplina a sentar em cadeiras com as pernas juntas e a pélvis rígida, forçando o ângulo correto e impedindo sua posição e oscilação naturais.

A vida ao nível do chão, como ainda vemos em alguns povos não ocidentalizados, e especificamente a posição de cócoras, com o sacro quase tocando o chão, as pernas dobradas e abertas, os joelhos na altura do peito, faz com que o útero se solte e desça; por outro lado, quando nos sentamos em uma cadeira, ele permanece preso. O modo de vida no nível do solo, com sua contínua flexão e elevação, também faz com que a pélvis esteja constantemente balançando, mobilizando os músculos da barriga. Sabemos que o movimento da pélvis desencadeia o movimento do útero, e vice-versa; como acontece quando apertamos as nádegas ou as coxas, cuja fricção interna acaricia as paredes uterinas e desencadeia seu tremor e pulsação. (...)

Toda essa educação que ocorre durante a socialização das meninas é o que tem tornado os úteros espásticos e o parto doloroso por séculos.

Às vezes, dou o exemplo do que acontece quando temos uma perna engessada: se apenas a imobilização muscular por um ou dois meses requer exercícios de reabilitação posteriores para restaurar a função muscular, o que aconteceria se a imobilização ocorresse na mais tenra idade de nosso desenvolvimento e durasse anos? Os músculos que não são usados ficam rígidos, perdem a flexibilidade e também causam o bloqueio das inervações neuromusculares correspondentes".
(Casilda Rodrígáñez, *Pariremos con placer*)

Por sua vez, Jacques Camatte aponta que o Capital se *antropomorfizou* e, assim, transforma os seres humanos em escravos em nome de si mesmos. De acordo com o glossário do site *Invariance*, ele define o conceito de antropomorfização do capital como "o fenômeno que faz com que o capital se torne homem, *um ser humano* de acordo com Marx. Seu complemento é a capitalização de homens e mulheres, que assim tendem a se tornar objetos técnicos, imersos na imediaticidade do capital, o que também pode ser percebido como sua imanência".

E em outro artigo intitulado *A comunidade abstraída: o Estado*, ele nos diz que "A formação do Estado é correlativa a uma intensa reorganização da comunidade que está se tornando uma sociedade. Temos um acúmulo de poderes em um polo, o que repercute na forma como as funções biológicas são realizadas (...) Há uma modificação profunda, pois há uma fixação de homens e mulheres não só por causa da sedentarização, mas também por causa de sua preservação em uma determinada determinação: a formação de papéis.

Além disso, se o tato é o sentido preponderante durante o período em que a comunidade imediata reina, com o nascimento do Estado, o tato é inibido para promover a separação dentro da comunidade, ou para fundá-la, enquanto o representante do poder se torna intocável, inacessível.²²

Igualmente importante é a *quiralidade* durante o primeiro período, bem como durante o período de caça ou prática agrícola. Esses dois períodos se distinguem pela predominância da oralidade no período de caça e pela predominância da sexualidade no período agrícola. O que será exaltado com a formação do estado, entretanto, é a cerebralidade, ou seja, a atividade do cérebro para elaborar representações. A imaginação se tornará então essencial. No entanto, isso ocorrerá de forma irregular, no sentido de que a produção de representação será monopolizada pelo Estado, que se tornará um cérebro social ao mesmo tempo conectado e separado do corpo social por sua função de dominação.

O impacto sobre as atividades biológicas pode ser visto claramente na ritualização de diferentes comportamentos, na produção de regras de conduta (códigos e papéis) (...) O poder concentrado no Estado é a representação e, portanto, domina a representação, de modo que, ao fazê-lo, captura a imaginação de homens e mulheres, ou seja, direciona sua imaginação de tal forma que ela fica presa a um determinado devir. Isso pode ser internalizado a tal ponto que qualquer imaginação que opere fora do canal determinado é vista como desviante e, portanto, perigosa".

Imagen: Abstração do ser humano

Em nome de um igualitarismo despersonalizante, característico da mercadoria, o fundamentalismo democrático tenta padronizar os seres humanos e as coisas em um totalitarismo de mesmice. Esse é o paradoxo de uma "diversidade" *equivalencial* que é tão característica da produção de mercadorias. Essa aparente diversidade é precisamente o que as mercadorias precisam para se diferenciarem umas das outras e poderem ser trocadas e competirem entre si. **Reducir-nos a unidades anônimas e isoladas é o sonho impossível do Capital: eliminar qualquer característica qualitativa que não sirva a fins quantitativos, a realização de uma democracia extremista em que todos seríamos verdadeiramente iguais**, úteis para tudo, ou seja, para nada.

Entretanto, tudo isso não é uma originalidade do pensamento político contemporâneo, é a expressão política das condições gerais de existência, da dominação do abstrato sobre o concreto, característica da sociedade capitalista. Isso é o que acontece toda vez que se afirma que os seres humanos se comportam como autômatos dessexualizados. É claro que, dessa forma, além de produzir com mais eficiência, evitariam todos os tipos de conflitos, o que pode ser uma boa ideia para alguns, mas é impossível, a menos que desapareçamos como espécie. É impossível abolir os sexos por decreto. Assim como é impossível abolir as tensões sexuais, que tanto assustam as diferentes igrejas.

A diversidade entre os corpos também não é um problema em si. E, embora tenha sido e seja uma oportunidade para a divisão do trabalho, a exploração e a humilhação não são um destino inevitável. Certas diferenças são impossíveis de serem banidas e são também a possibilidade de outras maneiras de nos relacionarmos uns com os outros, por meio da diferença e não da busca pela semelhança. Caso contrário, só nos resta renunciar à nossa humanidade, esperar ser a minoria

²² Do grego clássico χείρ (mão), trata-se de mais um dos neologismos característicos de Camatte para designar, nesse caso, a capacidade estruturante do tato na organização das experiências, reflexões, afetos e práticas de mulheres e homens nas etapas históricas referidas por Camatte. (Nota de tradução, Grupo Barbaria).

"privilegiada" a ser transformada em ciborgues e, enquanto isso, aceitar todo o peso da lei, da democracia ocidental uniformizada e uniforme.

Para entender por que apontamos a abstração do humano como seres humanos reduzidos a mercadorias, compartilhamos alguns parágrafos da edição 11 de nossa publicação:

"A essência da commodity-abstraction reside no fato de que ela não é um produto do pensamento, que não se origina no pensamento dos seres humanos, mas em suas ações". (Alfred Sohn-Rethel, *Manual Labour and Intellectual Labour. A critique of epistemology*)

A palavra *abstração* nos remete imediatamente ao pensamento. Ele é geralmente entendido como um exercício mental que, na melhor das hipóteses, serve para analisar a realidade.

Assim, o caráter abstrato da obra poderia ser interpretado, no máximo, como uma metáfora. Assim como a abstração no pensamento, ao analisar algo, reduz os componentes fundamentais e suas relações, isola-o ou o faz com algumas de suas propriedades, as características particulares do trabalho concreto são abstraídas do valor. A única coisa importante é sua dimensão quantitativa, ou seja, a quantidade de trabalho incorporada na mercadoria.

Mas isso não é simplesmente uma metáfora, mas uma realidade dominada pelo abstrato no sentido mais rigoroso e literal do termo.

Dissociação entre corpo e mente

Se pudéssemos acabar com a dissociação entre corpo e mente, com a alienação de nós mesmos, talvez parássemos (e paremos) de nos perceber como pessoas presas no corpo errado. Seja nossa sexualidade, altura, gordura/ magreza ou diferentes aspectos de nossa aparência física.

O travestismo (ou crossdressing), por exemplo, é uma rejeição ainda parcial dos códigos sociais de vestimenta e dos papéis sociais de comportamento. Os transexuais levam essa rejeição ainda mais longe, tomando hormônios ou submetendo-se a cirurgias de modificação genital. Entretanto, não se trata de uma rejeição dos códigos sociais, mas de como eles são determinados. Em geral, os papéis são aceitos, mas não os que são percebidos como atribuídos pela biologia.

"O discurso transgênero revela um sofrimento profundo que muitas vezes é expresso pela citação da narrativa de "uma mente feminina presa em um corpo masculino", ou vice-versa. Assim, Gwendolyn, uma britânica HaM [male-to-female], afirma: "uma das coisas clássicas da maioria dos transgêneros é que a mente diz que você é uma mulher, mas o corpo não corresponde à sua mente. Portanto, você tem essa imagem de como seu corpo deveria ser, mas quando se olha no espelho, ela está totalmente errada". As pessoas transgênero geralmente expressam ódio pelo próprio corpo e a consequente demanda por cirurgia de mudança de sexo.²³

(...) o dualismo mente/corpo é intrínseco à definição médica de transexualismo e seu tratamento cirúrgico. Assim, em seu discurso, Gabriel cita fielmente: "Se você não pode adaptar sua mente ao seu corpo, você deve adaptar seu corpo à sua mente" (...) No conflito transexual "a mente domina mais do que o corpo", como afirma Elsa. Como a mente é considerada mais significativa do que o corpo, pois é nela que se encontra a verdadeira essência da identidade pessoal, a prioridade é dada à mente como a força motriz e legitimadora da mudança corporal. O corpo é concebido como

²³ Note CUADERNOS DE NEGACIÓN: E aqui deve ser destacado que o ódio ao corpo não é exclusivo das pessoas transgêneras, mas um importante legado religioso de separação mente/corpo reforçado por vários estereótipos de beleza e constitutivo da sociedade capitalista.

desprovido de julgamento, errôneo, tolo, fluido e modificável, em contraste com a mente, que é percebida como verdadeira, transparente, fixa, a residência da racionalidade, da identidade e da inteligibilidade". (Patrícia Soley-Beltran, *Citações perversas? Sobre a distinção sexo/gênero e suas apropriações*).

A ideologia dominante não é dominante simplesmente porque é opressiva, mas porque se imprime na consciência de cada indivíduo sem ser percebida. Encontramos **aqui o argumento cristão da suposta pureza da alma contra o corpo pecaminoso, com a separação científica cartesiana entre corpo e mente**:

"A identificação da existência humana com o raciocínio puro, a ideia de que os seres humanos podem saber tudo o que lhes é dado saber pela razão, incluía para Descartes a suposição de que mente e corpo, sujeito e objeto, eram entidades radicalmente disíspares. O pensamento, ao que parece, me separa do mundo com o qual me deparo. Percebo meu corpo e suas funções, mas "eu" não sou meu corpo. Posso aprender sobre o comportamento (mecânico) de meu corpo aplicando o método cartesiano - e Descartes faz exatamente isso em seu tratado *Sobre o Homem* (1662) - mas ele sempre permanece o objeto de minha percepção" (Morris Berman, *The Re-enchantment of the World*).

Na edição 6 de CUADERNOS, já nos expressamos: É verdade que eu conheço e me desenvolvo graças ao meu corpo (que inclui um cérebro, é claro), mas meu conhecimento e desenvolvimento não se limitam ao meu corpo, embora ocorram por meio dele, pois fazem parte de um coletivo de corpos compreendidos em um ambiente. Meu cérebro não é nada sem meu corpo (e vice-versa), assim como eu não sou nada sem os outros corpos, e esse coletivo não é nada sem esse ambiente e suas inter-relações. A pessoa pensa primeiro ou existe? Muito provavelmente, esses são dois aspectos inseparáveis do ser humano, que nossa existência implica pensamento e vice-versa, que tentam ser separados por e para o benefício da lógica dominante.

A mente, que para ser preciso não está simplesmente no cérebro, não possui a exclusividade de nosso ser. O corpo não é o invólucro ou o obstáculo para a realização humana, é parte inseparável de nosso próprio ser. **O corpo não é o invólucro ou o obstáculo para a realização humana, ele é uma parte inseparável de nosso próprio ser.** Nossa corpo é nossa genitália, mas não é apenas isso. Nossa corpo são nossos órgãos genitais, mas não é só isso. Costuma-se dizer que devemos "sair do armário", mas também devemos sair do consultório, da sala de cirurgia e abandonar as esperanças da instituição médica: um psiquiatra para consertar a mente ou um cirurgião para consertar os órgãos genitais de acordo com os ditames da normalização.

Harry Benjamin, endocrinologista que faleceu em 1986 e é conhecido por seu trabalho pioneiro com a transexualidade e a chamada "disforia de gênero", apontou que: "A psicoterapia com o objetivo de curar o transexualismo é um projeto fútil com os métodos atuais. A falsa orientação de gênero na mente do transexual não pode ser mudada (...). Como é evidente, então, que a mente do transexual não pode ser mudada em sua falsa orientação de gênero, é lógico e justificável tentar o oposto, ajustar o corpo à mente." (citado por Patrícia Soley-Beltran) O termo "transexual" passou a ser amplamente utilizado no contexto clínico após a publicação de seu livro *The Transsexual Phenomenon*, no qual ela estabeleceu o uso do termo para diferenciar os pacientes que necessitavam de uma operação de mudança de sexo daqueles que simplesmente se travestiam.²⁴

²⁴ Acrescente-se que, a partir dessa concepção baseada na decisão e na identidade individual, acabou sendo proposto o gênero fluido, bem como a possibilidade de indeterminação de gênero, em

A partir dessa abordagem, que tem predominado na medicina, presume-se que a ideia domina a matéria: o gênero (consciência, mente, identidade, função) é apresentado como imutável, enquanto o sexo (o corpo) é apresentado como maleável, modificável à vontade de acordo com as possibilidades tecnológicas e a normatividade da época. E aqui vemos mais uma vez que a força material da ideologia não está simplesmente em um "sistema de ideias" abstrato.

Se equipararmos erroneamente o corpo ao conceito de gênero, continuaremos a endossar uma sociedade que nos deprime e depois faz cirurgias em nós, quebra nossas pernas e depois nos oferece muletas a um preço muito alto. E aqueles de nós que não se sentem confortáveis com o que deveriam ser, só podem tratar nossos corpos como um artefato. O que não seria nenhuma novidade, já que somos permanentemente objetificados no trabalho, no sindicato que negocia nossas vidas ou nas estatísticas com as quais o governo informa, em suma, pelo Capital.

Assim como podemos nos sentir presos no corpo errado, a alienação social pode levar ao idealismo existencialista de acreditar que somos indivíduos presos na sociedade errada. Mas, como não há nada fora dessa realidade, a luta revolucionária deve necessariamente partir da própria realidade e ter como objetivo acabar com suas imposições.

Para isso, não devemos ignorar nossas realidades corporais. E o fato de isso envolver sentimentos, emoções e desejos com os outros é natural. **É claro que não somos apenas um corpo, mas também somos um corpo.** Não somos apenas cultura, mas também somos natureza.

Lucía González-Mendiondo ressalta que: "Se alguém se concentra exclusivamente em nosso corpo, está simplesmente ignorando uma parte muito maior do todo que somos, está tendo uma atitude reducionista, mas não precisa ser uma atitude sexista "per se". Encarar qualquer impulso ou desejo dos outros em relação ao nosso corpo ou à nossa pessoa como uma agressão nos faz repudiar a nós mesmos, em vez de sentir orgulho de sermos como somos. Vemos uma tendência crescente por parte de algumas correntes feministas de associar o sexo e o erotismo à opressão e à violência. Curiosamente, essa visão se encaixaria perfeitamente na biopolítica misantrópica do poder, bem como no repúdio às pulsões humanas básicas para deixar o "trabalho sujo" (sexo, gestação etc.) nas mãos de serviços profissionais ou máquinas e técnicas". Também podemos acrescentar que são principalmente as mulheres mais pobres do proletariado que fazem o trabalho de prostituição, limpeza, cuidado de crianças, maternidade substituta, para que os homens e também cada vez mais mulheres possam assumir seus empregos, significando para o Capital uma transformação necessária na divisão do trabalho.

Retornando ao sexo, gênero e sexualidade

Rotular alguém como homem ou mulher é uma decisão social. A existência de ambas as categorias e o fato de apenas essas duas categorias predominarem também é uma decisão social. **Não há nada de errado em decidir, classificar ou concordar coletivamente, esse não é o problema. O problema real está no significado que essa divisão assume no modo de produção capitalista,** que historicamente estabeleceu suas próprias definições de homem e mulher e seus respectivos modos de vida, juntamente com toda uma série de procedimentos legais, educacionais e científicos para garantir sua centralidade como norma.

que, embora se proponha a possibilidade de mudança constante e uma identidade não fixa, é a mente que domina o corpo, reproduzindo essa cisão.

Para a sociedade, e por meio das ciências, a anatomia externa apresenta isso como uma questão simples: se há uma vagina, é uma mulher, se há um pênis, é um homem. Entretanto, não é tão simples, nem uma questão de aparência.

Fausto-Sterling dá um exemplo muito simples e esclarecedor: "Até 1968, as competidoras olímpicas eram frequentemente obrigadas a se despir diante de uma banca examinadora. Ter seios e uma vagina era tudo o que se precisava para provar a feminilidade. Mas muitas mulheres consideravam esse procedimento degradante. Em parte devido ao acúmulo de reclamações, o Comitê Olímpico Internacional (COI) decidiu recorrer ao teste cromossômico mais moderno e "científico". O problema é que nem esse teste nem o teste mais sofisticado atualmente empregado pelo COI (a reação de polimerase para detectar sequências de DNA envolvidas no desenvolvimento testicular) podem atender ao que se espera deles. Em termos simples, o **sexo de um corpo é uma questão complexa demais. Não existe preto ou branco, mas graus de diferença.**"

A ciência analisa nossos corpos como uma entidade complexa, para nos fornecer respostas científicamente definidas e definitivas sobre as diferenças sexuais. Em última análise, existem apenas "arranjos" sociais endossados pela ciência, mas estabelecidos por meio de tradição, repressão, recompensa e punição. **Quanto mais buscamos uma base física e individualizada para o sexo, mais claro fica o fato de que o sexo não é uma categoria puramente física ou individual. Os sinais e as funções corporais que definimos como masculinos ou femininos já estão incorporados em nossas concepções de divisão sexual.**

Em contraste com o conceito de gênero, o conceito de sexo poderia nos oferecer um arcabouço teórico sólido e coerente para compreender e criticar a divisão sexual na sociedade capitalista, atendendo à questão biológica, mas deixando de lado o determinismo biológico. Analisando a subordinação, a opressão e a exploração, a partir de uma abordagem que vai além da dicotomia instalada entre sexo e gênero, entre natureza e cultura.

González-Mendiondo sugere que o sexo é um conceito poderoso demais para ser confinado ao domínio da biologia. "Do ponto de vista empírico, atualmente defendido pelos principais ramos da sociologia e da psicologia, é necessário que um conceito seja operacionalizável, capaz de ser transformado em uma variável, para que seu estudo possa ser realizado. Não se pede mais que os conceitos se refiram a realidades, mas que tenham validade e confiabilidade estatística. É funcional manter essa diferença entre sexo e gênero, pois ela nos permite taxonomizar e quantificar diferentes realidades, papéis e comportamentos, deixando de lado as questões biológicas que são facilmente associadas ao determinismo. Vemos então como o gênero, que foi recuperado das disciplinas sociais como um conceito explicativo da natureza construída da desigualdade entre os sexos, tomou conta do campo teórico a ponto de bastar mencionar as diferenças biológicas para ser acusado de essencialista. Ao contrário do gênero, o sexo (ou seja, a diferença) é tratado como uma variável classificatória - uma fonte de possíveis vieses - na análise do comportamento humano. E, como acontece com qualquer fonte de preconceito, tenta-se fazer com que essa diferença desapareça" (González-Mendiondo). (González-Mendiondo)

Nesse e em outros idiomas, como o inglês, a palavra *sexo* geralmente se refere tanto à identidade sexual quanto ao ato sexual, o que, por si só, representa uma dificuldade ao começar a explorar essas questões. Ainda mais quando se busca ir além da estrutura biologicista de sexo e sexualidade, entendendo-os como inseparáveis da sociabilidade humana. Em contraste com a abordagem de gênero, embora a reforce, o **essencialismo sexual** refere-se à ideia de que o sexo existe antes da vida social e, portanto, é imutável, antissocial e não histórico.

"Dominado por mais de um século pela medicina, psiquiatria e psicologia, o estudo acadêmico do sexo reproduziu o essencialismo. Todas essas disciplinas classificam o sexo como uma propriedade dos indivíduos, algo que reside em seus hormônios ou em suas psiques. O sexo certamente pode ser analisado em termos psicológicos ou fisiológicos, mas dentro dessas categorias etnocientíficas, a sexualidade não tem história nem determinantes sociais significativos. (Gayle Rubin, *Reflecting on Sex: Notes for a Radical Theory of Sexuality* [Refletindo sobre o sexo: notas para uma teoria radical da sexualidade])

Sabemos que a sexualidade é constituída social e historicamente e que não é determinada univocamente pelo que chamamos de biológico: **"Isso não significa que as capacidades biológicas não sejam pré-requisitos para a sexualidade humana, significa apenas que a sexualidade humana não pode ser entendida em termos puramente biológicos.** Os corpos e os cérebros são necessários para as culturas humanas, mas nenhum exame deles pode explicar a natureza e a variedade dos sistemas sociais. A fome no estômago não fornece pistas para explicar as complexidades da culinária. O corpo, o cérebro, os órgãos genitais e a linguagem são todos necessários para a sexualidade humana, mas não determinam nem seu conteúdo, nem as formas concretas de vivenciá-la, nem suas formas institucionais. Além disso, nunca encontramos o corpo separado das mediações impostas a ele pelos significados culturais (...) A sexualidade é um produto tão humano quanto as dietas, os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, as formas de trabalho, o entretenimento, os processos de produção e as formas de opressão. Quando o sexo for compreendido em termos de análise social e histórica, será possível uma política sexual mais realista." (Rubin)

Em Cuadernos de Negación nr. 13: *Notas sobre Patriarcado, lembramos* que Gayle Rubin, em *El tráfico de mujeres. Notas sobre a "economia política" do sexo* aponta algo muito importante. O fato de que o uso de "patriarcado" obscurece certas distinções e seria análogo ao uso de "capitalismo" para se referir a todos os modos de produção, quando a utilidade do termo capitalismo reside precisamente na distinção entre os diferentes sistemas pelos quais as sociedades se organizaram e se reproduziram:

"A classe oprimida pode ser de servos, camponeses ou escravos. A classe oprimida também pode ser de assalariados e, nesse caso, o sistema é propriamente "capitalista". A força do termo está em sua implicação de que existem, de fato, alternativas ao capitalismo.

Da mesma forma, toda sociedade tem algumas formas sistemáticas de lidar com sexo, gênero e bebês. Esse sistema pode ser sexualmente igualitário, pelo menos em teoria, ou pode ser "estratificado por gênero", como parece ser a maioria ou todos os exemplos conhecidos. Mas é importante, mesmo diante de uma história deprimente, manter a distinção entre a capacidade e a necessidade humana de criar um mundo sexual e as formas empiricamente opressivas pelas quais os mundos sexuais foram organizados. O termo 'patriarcado' engloba os dois sentidos no mesmo termo."

O autor propõe o termo sistema de sexo/gênero: "um termo neutro que se refere a esse campo e indica que a opressão nele não é inevitável, mas é um produto das relações sociais específicas que o organizam".

Concluímos com outro trecho do texto: "Chamei essa parte da vida social de "sistema de sexo/gênero", por falta de um termo mais elegante. Como definição preliminar, um sistema de sexo/gênero é o conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica

em produtos da atividade humana e nos quais essas necessidades humanas transformadas são satisfeitas.

Gostaríamos de acrescentar agora, duas edições depois, que anos mais tarde, precisamente em 1984, ele contribuiu para a questão em seu artigo *Reflecting on sex: notes for a radical theory of sexuality* (*Refletindo sobre o sexo: notas para uma teoria radical da sexualidade*):

"Em um artigo anterior, *The Traffic in Women*, usei o conceito de sistema de sexo/gênero, definido como "uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana". Meu argumento era que "o sexo como o conhecemos (identidade de gênero, desejo e fantasia sexual, conceitos de infância) é, em si, um produto social". Nesse trabalho, não fiz distinção entre desejo sexual e gênero, tratando ambos como modalidades do mesmo processo social subjacente. *O tráfico de mulheres* foi inspirado na literatura sobre sistemas de organização social baseados em parentesco. Na época, pareceu-me que o gênero e o desejo sexual estavam sistematicamente entrelaçados em tais formações sociais. Essa pode ou não ser uma avaliação precisa da relação entre sexo e gênero em organizações tribais, mas certamente não é uma formulação adequada para a sexualidade nas sociedades industriais ocidentais.

(...) O gênero afeta o funcionamento do sistema sexual, e o sistema sexual sempre teve manifestações específicas de gênero. Mas, embora sexo e gênero estejam relacionados, eles não são a mesma coisa e formam a base de duas áreas distintas da prática social.

Em contraste com as opiniões que expressei em *The Traffic in Women*, agora defendo que é **absolutamente essencial analisar o gênero e a sexualidade separadamente para que suas existências sociais distintas sejam refletidas com mais precisão. Isso é contrário a grande parte do pensamento feminista atual, que trata a sexualidade como uma simples derivação do gênero.**"

Parece-nos importante ressaltar que as propostas e até mesmo os elementos para pensar e agir criticamente se baseiam em derivar a sexualidade e, portanto, também o erotismo, do gênero. Hoje, a noção de gênero está cada vez mais deslocando a de sexo e sexualidade, ou, como diz o autor sobre esta última, derivando-a de si mesma.

Gayle Rubin está comprometida com uma crítica fora do gênero e, portanto, do feminismo, para abordar o desejo sexual: "Quero desafiar a suposição de que o feminismo é ou deveria ser a sede privilegiada de uma teoria da sexualidade. O feminismo é a teoria da opressão de gênero, e presumir automaticamente que isso faz dele a teoria da opressão sexual é não distinguir entre gênero e desejo erótico". E, mais adiante, ela ressalta:

"Na ausência de uma teoria radical mais articulada sobre o sexo, a maioria dos progressistas se voltou para o feminismo em busca de orientação. Mas **as relações entre o feminismo e o sexo são muito complexas. Como a sexualidade é o nexo das relações de gênero, uma parte significativa da opressão das mulheres está contida na sexualidade e é mediada por ela.** O feminismo sempre demonstrou um grande interesse pelo sexo, mas há duas vertentes básicas de pensamento feminista sobre o assunto. Uma tendência criticou as restrições impostas ao comportamento sexual das mulheres e denunciou o alto preço que elas são obrigadas a pagar por serem sexualmente ativas. Essa tradição do pensamento feminista exigiu a liberação sexual tanto para as mulheres quanto para os homens. A segunda tendência tem visto a liberalização sexual como uma mera extensão do privilégio masculino. Essa tradição compartilha um tom semelhante ao do discurso conservador anti-sexo. (...)

A maioria das pessoas acha difícil entender que o que elas gostam de fazer sexualmente pode ser totalmente repulsivo para outra pessoa, e que o que as repele pode ser o prazer mais apreciado de outra pessoa. Ninguém precisa gostar, nem é obrigado a praticar um determinado ato sexual para reconhecer a liberdade de outra pessoa de praticá-lo, e essa diferença não indica ausência de gosto, saúde mental ou inteligência de nenhuma das partes. **A maioria das pessoas erroneamente considera suas experiências sexuais como um sistema universal que deve ou deveria funcionar para todos.** Essa ideia de uma única sexualidade ideal é característica da maioria dos sistemas de pensamento sobre sexo. Para a religião, o ideal é o casamento procriativo. Para a psicologia, a heterossexualidade madura. Embora seu conteúdo varie, o formato de uma única norma sexual é continuamente reconstituído em outras estruturas retóricas, incluindo o feminismo e o socialismo. É igualmente condenável insistir que todos deveriam ser lésbicas, não monogâmicas, assim como acreditar que todos deveriam ser heterossexuais ou casados, embora o último conjunto de pontos de vista seja apoiado por um poder coercitivo consideravelmente maior do que o primeiro." (Gayle Rubin, *Reflecting on Sex...*)

Gênero e tecnociência

"Compreender a história da tecnologia também é fundamental para entender a incorporação individual dos sistemas de gênero contemporâneos. Pense, por exemplo, na categoria transgênero. No século XIX não havia transexuais. Havia homens que se passavam por mulheres e vice-versa. Mas o transexual moderno, uma pessoa que recorre a hormônios e cirurgia para transformar sua genitália de nascimento, não poderia ter existido sem a técnica médica necessária". (Anne Fausto-Sterling)

Alguns podem pensar que estamos fazendo um julgamento moral ao apontar o surgimento da transexualidade atual como um produto histórico inseparável do acesso ao uso de hormônios e a cirurgias complexas. Longe disso, essa não é nossa intenção, mas sim a de sermos justamente históricos. E desnaturalizar o mundo que nos cercou não apenas séculos atrás, mas também décadas atrás. Queremos apontar as características da época em que vivemos e, portanto, **não naturalizamos nenhum comportamento. Nem aqueles que mantêm a ordem, nem aqueles que buscam subvertê-la.**

"Todo desenvolvimento tecnológico torna possível reinventar uma "nova condição natural""", disse a autora Beatriz Preciado, agora Paul B. Preciado, após tratamento hormonal. Preciado, depois de um tratamento hormonal. **A tecnociência como condição para a possibilidade de uma indeterminação de gênero é deixada de lado ou diretamente justificada.** Não se suspeita das consequências mais ou menos imediatas desse fato, nem do aumento do poder conferido à mega-máquina, ou seja, a convergência de tecnologia, ciência, economia e política. Em geral, há um silêncio sobre os problemas relacionados à tecnociência, o que é estranho em uma intelligentsia que continua questionando o questionamento e questionando nossas ideias "preconcebidas".

Mas os acadêmicos versados nessas questões não perdem tempo com esse aspecto dos fatos, porque se colocam em uma perspectiva "filosófica" e porque, no fim das contas, a realidade não lhes interessa. Como aponta Séverine Denieul em seu artigo *La ofensiva de los Estudios de Género. Reflexões sobre a questão queer*.²⁵

No entanto, nem todo mundo se cala sobre o tema da tecnociência; há aqueles que a defendem sem qualquer escrúpulo em nome de virtudes supostamente emancipatórias. Esse é o caso de Donna

²⁵ Artigo publicado no *Cul de Sac* nro.3-4 que recomendamos ler na íntegra para expandir o que foi explicado nesta seção.

Haraway, uma expressão caricatural, em nossa opinião, de toda essa tecnofilia que acaba defendendo o pós-humanismo. Entretanto, seu *Manifesto Ciborgue* goza de certa popularidade em esferas onde o inconformismo parece prevalecer. Sua teoria do ciborgue, ligada aos estudos de gênero, é um terreno fértil para o pós-humanismo e o transumanismo.

"Zoltan Istvan, líder do Partido Transhumanista nos Estados Unidos [Em 2014, ele anunciou que estava concorrendo à presidência dos Estados Unidos nas eleições de 2016 pelo seu próprio Partido Transhumanista para aumentar a conscientização sobre as questões políticas transhumanistas. Em 2017, ele se candidatou a governador da Califórnia nas eleições de 2018 como membro do Partido Libertário. E, em 2019, concorreu à indicação do Partido Republicano nas eleições presidenciais de 2020 nos EUA para competir com Trump], ele é ainda mais claro: "Um dia, nossa ferramenta será a inteligência artificial e a ferramenta nos substituirá. É claro que nos tornaremos parte da ferramenta. Nós nos tornaremos parte da tecnologia e nos fundiremos com ela". Ele promete que viveremos mais de 500 anos e que a discriminação desaparecerá porque poderemos mudar nosso sexo ou cor de pele toda semana graças ao desenvolvimento da nanotecnologia. Isso parece assustador, se bem que ridículo, mas é o extremo de uma linha de raciocínio que logo se espalhará." (*La Oveja Negra* nr.42, *Os ciborgues estão chegando*)

²⁶É surpreendente que algumas diferenças dentro do movimento feminista, como o debate sobre a prostituição, ou o chamado *terf*, e não sobre questões urgentes e decisivas como esta, estejam sendo discutidas.

Afirmações que podem parecer inofensivas por causa de sua abstração e falta de coerência, na realidade constituem a base teórica de uma ideologia que cultiva uma distopia real ainda pior do que aquela em que vivemos. O transhumanismo é uma teoria antiemancipatória porque a única estrutura possível na qual ele poderia ser "realizado" é um universo totalmente artificializado: o totalitarismo tecnológico generalizado.

A penúltima vertente filosófica, chamada *xenofeminismo*, merece um capítulo à parte. Em um extremismo acomodatício, eles alertam que o futuro é estruturado pela tecnologia e, portanto, a tecnologia deve se tornar feminista, ou melhor, pós-feminista. Recentemente, em 2015, o coletivo Laboria Cuboniks lançou um manifesto intitulado *Xenofeminismo: uma política de alienação*. Eles propõem uma maior alienação do natural e afirmam que "o verdadeiro potencial emancipatório da tecnologia permanece não realizado": "Nossa sorte está com a tecnociência, onde nada é tão sagrado que não possa ser reprojeto e transformado para ampliar a abertura de nossa liberdade, estendendo-se ao gênero e ao humano". E ele encerra de maneira supostamente provocativa com "Se a natureza é injusta, vamos mudar a natureza!". Como se esse não fosse um processo iniciado com violência incomum pela sociedade capitalista há alguns séculos. Essas frases supostamente subversivas, como aquelas expressões de "o que está errado é o corpo", parecem acompanhar discursivamente o que é um aprofundamento real da separação e da dominação do resto da natureza pelos seres humanos neste estágio de sua história.

O aceleracionismo, outra teoria universitária (e uma influência óbvia do xenofeminismo) que toma Deleuze e Guattari como ponto de partida, argumenta que é necessário um capitalismo mais rápido e mais forte: "O capitalismo começou a sufocar as forças produtivas da tecnologia ou, pelo menos, a direcioná-las para fins absurdamente limitados". Como "o verdadeiro potencial transformador de muitos dos avanços tecnológicos e científicos de nosso tempo ainda não foi explorado", o

²⁶ Trans-Exclusionary Radical Feminist pode ser traduzido como Feminista Radical Trans-Exclusiva. É usado para descrever feministas que consideram que as mulheres transgêneros não são mulheres.

desenvolvimento tecnológico precisaria ser intensificado e ampliado para uma sociedade pós-capitalista, que supostamente usaria a infraestrutura da atual apenas para outros fins. Eles propõem se livrar da "fobia tecnológica" argumentando em favor de uma suposta neutralidade da megamáquina: "A subjugação da tecnociência aos objetivos capitalistas - especialmente desde o final da década de 1970 - nos impede de saber o que uma máquina tecno-social moderna seria capaz de alcançar".²⁷

Não estamos surpresos com as novas expressões filosóficas, o que nos surpreende é como elas são toleradas nos movimentos sociais em geral e no feminismo em particular. Como podemos não ver nelas uma ameaça não apenas a elas mesmas, mas a qualquer experiência de luta emancipatória ou potencialmente emancipatória? Como não criticar abertamente a aliança que eles tentam tecer entre sua indefinida "abolição do gênero" e uma apologia específica da tecnologia altamente complexa e da luta contra a natureza? Talvez porque, como tentamos argumentar ao longo desta seção, essa é apenas uma consequência lógica dos estudos de gênero, um extremismo lógico, mas que não está fora de sincronia.

Com o passar do tempo, as pessoas aprenderam a tolerar, e até mesmo a aceitar, o uso recorrente de uma retórica que não é apenas falaciosa, mas também ilusória. Com uma certa capacidade, como qualquer proposta política, de modificar o discurso de acordo com os interlocutores ou simplesmente ouvintes. Dessa forma, ela se permite fugir da responsabilidade de assumir a responsabilidade pelo que diz. Se até mesmo a exigência de definições concisas pode ser considerada totalitária, é por isso que argumentos complexos e bombásticos como os de Derrida são preferidos, como apontamos na seção sobre desconstrução abaixo.

Tampouco é surpreendente como a suspeita obsessiva e o culto à indeterminação, tão típicos da filosofia pós-moderna, desaparecem na confiança cega na ciência e em toda a mega-máquina que a torna possível.

Da mesma forma que os debates sobre poderes e micropoderes desaparecem quando deixamos nossas vidas nas mãos da instituição médica ou do próprio Estado. Se o poder estaria em toda parte de qualquer forma, como afirmam as teorias foucoltianas, e qualquer definição seria ruim em si mesma, por que se envolver em qualquer forma de atividade emancipatória? Essa pergunta, que apresentada dessa forma parece um problema trivial de lógica, é uma pergunta importante a ser feita a qualquer pessoa que tente transformar a realidade a partir desses conceitos.

"Então, qual é o sentido de construir uma teoria tão sofisticada se, no final, acabamos nos lugares mais convencionais? Se essa filosofia supostamente "radical", que apela continuamente à subversão e ao desvio das restrições e normas, não permite nem uma abordagem mais lúcida dos problemas nem uma transformação real, para que ela serve, senão para conquistar um nicho para si no "niilismo professoral" da universidade?" (Denieul)

Então, o que nos resta? Uma proposta que chega a dizer que, como não haveria revolução possível contra o capitalismo, nossa esperança seria conseguir nos acomodar da melhor forma possível a ele.²⁸ Acrescentando certos aditivos, como zombar de algumas de suas consequências e encontrar "espaços de liberdade" dentro dele, trocar de papéis em vez de aboli-los, subverter o uso de algumas

²⁷ As citações são do *Manifesto para uma Política Aceleracionista* (2013), que pode ser considerado à esquerda dessa corrente.

²⁸ *Queer* é um exemplo exato disso. Usado para marcar como *estrano*, *queer* ou *bicha* de forma ofensiva, ele passou a ser assumido com orgulho. Não que essa prática possa ser descartada como inútil em um mundo de agressão e insultos, a questão é que esperança é delegada à linguagem e quão perigoso é isso se a intenção é transformar a realidade?

palavras, tomar insultos como sinais de identidade e desperdiçar nossas vidas em lucubrações linguísticas e filosóficas aparentemente radicais.

"O PESSOAL É POLÍTICO".

A religião e a política juntas expressam a ordem moral da sociedade capitalista e, cada vez mais, a partir de uma perspectiva terapêutica. As tristezas coletivas são abordadas como problemas pessoais e suscetíveis à intervenção terapêutica, que pode variar desde a psicanálise clássica até a penúltima terapia alternativa (nunca saberemos qual é a última, pois o mercado está constantemente se reinventando). O confessionário individual, aquela pequena sala isolada, perdeu espaço ou foi integrado a toda uma série de práticas *da nova era*.²⁹ A política, por sua vez, atende aos problemas sociais e também aos individuais. Ela atende ao cidadão, tentando também fornecer um paliativo para os desconfortos entendidos como "pessoais". Além disso, aqueles que têm sucesso na arena política são os que levam essa mentira o mais longe possível. Mas isso não é novidade, pois desde o sufrágio universal um indivíduo equivale a um voto. Assim como na igreja a confissão é individual e o deus ouve, ele também julga individualmente. E o especialista em pseudo-espiritualidade está nos martelando que "a felicidade está em si mesmo".

Tudo isso não é por acaso. **O indivíduo tem sua vida privada, privada de ser social**, e se relaciona com outros indivíduos que também são privados, geralmente por meio de troca e competição. Não porque ele seja simplesmente ganancioso, calculista e competitivo por natureza, mas porque, voluntária ou involuntariamente, ele é membro da comunidade do Capital. E é por isso que **ele sofre a questão social não apenas como um indivíduo, mas também como uma dor personalizada**.

"Não é o indivíduo "egoísta" que cria a propriedade privada, mas, ao contrário, é a propriedade privada que cria, produz pela primeira vez, o indivíduo. Na realidade, todas essas concepções do ser humano em geral partem do que querem provar. Querem provar que o ser humano é sempre egoísta, que sempre houve competição, e não se dão conta de que, quando estudam o passado, projetam para trás o miserável ser humano burguês e leem a história a partir dele (...) aceitam o indivíduo como pressuposto dogmático, como se ele fosse sinônimo de ser humano e não um produto de relações sociais de produção muito posteriores". (Miriam Qarmat, *Contra a Democracia*)

Vamos considerar por um momento como a forma de vender a própria força de trabalho sob o capitalismo dissolveu os critérios que mantinham unidas as relações interpessoais tradicionais sob o feudalismo ou a escravidão. Estamos nos referindo à **novidade da venda individual da força de trabalho. Isso deu origem a um novo critério de vínculo e legitimação entre os seres humanos**: egoísmo, competição e uma série de comportamentos que hoje nos parecem bastante naturais. Entretanto, com esse simples exercício de reflexão, levamos em conta o quanto eles são recentes do ponto de vista histórico.

Ao criar uma classe de trabalhadores livres que devem se apresentar no mercado para vender sua força de trabalho individualmente, o capitalismo introduziu uma novidade: o advento do indivíduo senhor de sua própria força de trabalho. Um mundo em que, para sobreviver, a grande maioria precisa vender seu próprio corpo, necessariamente abre a possibilidade de que todos queiram decidir sobre suas próprias escolhas de sobrevivência, inclusive em questões sexuais. Enquanto no passado pouquíssimas pessoas do mesmo sexo viviam juntas como um casal, nossa sociedade é formada por indivíduos supostamente soberanos que se associam e podem escolher exercer sua sexualidade entre as possibilidades existentes, da mesma forma que têm e criam filhos. É por isso

²⁹ Para voltar à *nova era*, à autoajuda e à adaptação da religião aos tempos atuais, lembramos a seção *Crenças personalizadas* em CUADERNOS DE NEGACIÓN nº 6.

que *temos* um corpo, e raramente *somos* corpos. É por isso que, nesta sociedade em que a religião está perdendo sua influência, a afirmação "meu corpo é meu" tem mais a ver com a necessária defesa da força de trabalho do que com transgressão. ([Veja o quadro](#)).

Na edição anterior, dissemos que a capacidade reprodutiva da espécie, bem como a mercadoria força de trabalho, são inseparáveis de seu portador. Qualquer ser humano proletarizado precisa vender sua força de trabalho e, com ela, seu corpo, sua energia vital, sua vida... A mercadoria força de trabalho e seu portador são uma e a mesma coisa. Portanto, um ser humano é uma mercadoria, mas não apenas isso.

Nossa existência como força de trabalho sob o capitalismo implica a noção de indivíduo e de cidadão. **A cidadania é a consequência lógica e coerente de nossa existência como cidadãos**, não é simplesmente um problema de consciência. Somos proletarizados, assim como somos cidadãos. Toda reivindicação política parte dessa premissa. Agimos como cidadãos iguais com o conhecimento de nossas diferenças. **É a consagração de seres humanos proletarizados transformados em indivíduos ideologicamente gentrificados, embora sua condição material permaneça a mesma**. A cidadania se desenvolve, além disso, como a ideologia de uma sociedade que pretende se autoperpetuar quando não concebe a superação de si mesma.

E há aqueles que vão ainda mais longe, aqueles que consideram qualquer diferença como um sintoma de desigualdade. Eles então buscam equalizar democraticamente os corpos, intervindo neles tecnocientificamente. Com o discurso da transgressão, e até mesmo da rebelião, eles propõem uma utopia androgina, uma eugenia generalizada, nascimentos artificiais e úteros de aluguel, se não a solução ciborgue, como já apontamos.

/ CAIXA

Em todo o mundo, um número cada vez maior de pessoas anuncia em classificados ou on-line que está disposto a vender um rim, um pulmão, parte de um fígado ou um olho; e, em princípio, não há nada que impeça a mesma pessoa de vender todos eles. O fato de o comércio de órgãos ser agora ilegal em quase todos os países não parece afetar o funcionamento do "mercado vermelho" global, as organizações mafiosas correspondentes e o "turismo de transplante". Dada a demanda global e os problemas associados ao tráfico de órgãos, não faltam apologistas que defendem a liberalização desse tipo de comércio. "Por que não?" "As pessoas modernas não são donas de si mesmas?" "Qual é o sentido de possuir algo se não podemos vendê-lo?" No fundo, esse argumento da ideologia neoliberal não faz mais do que levar cinicamente à sua conclusão lógica uma das premissas fundamentais do capitalismo, em torno da qual há um consenso geral: a "propriedade de si mesmo".

Isso não é totalmente novo. O cabelo humano era vendido muito antes do capitalismo; a venda de leite materno era comum na Roma antiga e foi até mesmo uma fonte de renda para muitas mulheres durante a Revolução Industrial. Mas o primeiro exemplo não era uma troca de mercadorias no sentido moderno, e o segundo não reconhecia as mulheres como verdadeiras proprietárias de si mesmas. A venda de sangue, permitida durante a maior parte do século XX, talvez tenha sido uma das primeiras formas generalizadas em que a autopropriedade deixou o "espartilho" abstrato da força de trabalho e passou a abranger também um elemento físico do corpo, embora renovável, permitindo uma renda adicional ou de último recurso para os proprietários mais vulneráveis. No entanto, a aplicação do desenvolvimento das forças produtivas nas ciências médicas (genética, cirurgia de transplante, fertilização in vitro, etc.) tornou possível uma dominação cada vez mais ampla da forma de mercadoria, uma extensão que também está ocorrendo dentro da estrutura de uma verdadeira globalização da autopropriedade.

(...) Para que um proprietário autônomo permaneça no mercado, ele deve ser solvente e, por meio da venda de sua força de trabalho, deve produzir mais valor do que o valor que consome. Mas o valor da força de trabalho é variável e relativo à consolidação geral da reprodução social capitalista, tendendo historicamente a se alinhar com o desenvolvimento das forças produtivas e a correspondente desvalorização dos meios de vida. Essa desvalorização da força de trabalho também implica uma produção decrescente de novo valor (mais-valia) na sociedade como um todo, uma diminuição que só pode ser compensada pela absorção de um número crescente de trabalhadores. Isso só pode funcionar enquanto o desenvolvimento do maquinário criar mais empregos do que eliminar. No contexto da Terceira Revolução Industrial da microeletrônica, esse mecanismo compensatório está esgotado e a massa de autoproprietários inúteis, objetivamente incapazes de vender sua força de trabalho, cresce irremediavelmente. No entanto, o fato de eles não poderem vender a energia de seus corpos não significa que os elementos físicos e químicos desses mesmos corpos não possam assumir a forma de mercadorias.

Bruno Lamas, *A insolvência dos corpos. A propriedade sobre si mesmo e a dinâmica histórica da relação capital.*

/ FIM DA TABELA

O pessoal...

O conflito social, se é que é abordado, é abordado do ponto de vista pessoal, com a suposição de que o descondicionamento (ou *desconstrução*) individual ou coletivo forneceria a base para a mudança social. Embora por coletivo geralmente entendamos uma soma de indivíduos egoístas, ou cidadãos, e por mudança social possamos entender qualquer coisa, desde uma mudança de governo, uma mudança de mentalidade, até uma revolução ou um pouco de cada.³⁰

Jerry Rubin argumenta que "a revolução interna dos anos 70" surgiu da constatação de que o radicalismo dos anos 60 não havia conseguido abordar a qualidade de vida pessoal ou as questões culturais, na crença equivocada de que o "sentimento pessoal" poderia resistir até "depois da revolução". Há um grão de verdade nessa acusação. Com muita frequência, a esquerda tem servido de refúgio contra os terrores da vida interior (...) Enquanto os movimentos políticos continuarem a exercer uma atração fatal sobre aqueles que procuram afogar o sentimento de fracasso pessoal na ação coletiva - como se a ação coletiva fosse, de alguma forma, exclusiva da consideração rigorosa da qualidade da vida pessoal - esses movimentos terão pouco a contribuir para a dimensão pessoal da grande crise social". (Christopher Lasch, *The Culture of Narcissism*)

O slogan "o pessoal é político" é atualmente uma prova disso e, ao mesmo tempo, uma tentativa de colocar a noção de revolução de volta ao seu lugar: na totalidade que necessariamente inclui o pessoal.

Esse slogan, que provavelmente já estava circulando nos debates existentes, pode ser rastreado até um artigo de Carol Hanisch intitulado *The personal is political (O pessoal é político)*, publicado pela primeira vez por seus editores em 1970 em *Notes from the Second Year: Women's Liberation (Notas do segundo ano: Liberação das mulheres)*. Pelo menos a partir dessa ocasião, afirma-se que nenhuma referência é feita à política estritamente eleitoral. O artigo começa assim: "Para este artigo, quero me ater a um aspecto do debate que é comumente discutido na esquerda, ou seja,

³⁰ Jerry Rubin foi um conhecido ativista entre 1960 e 1970, cofundador do Yippies (Youth International Party). Após a Guerra do Vietnã, tornou-se empresário, sendo um dos primeiros investidores da Apple.

"terapia" versus "terapia e política". Outro nome para isso é "pessoal" versus "político" e suspeito que tenha outros nomes porque se desenvolveu em todo o país (...); esses grupos têm sido chamados de "terapia" e "pessoal" por mulheres que se consideram "mais políticas". (...) A própria palavra "terapia" é obviamente um termo errôneo se a levarmos à sua conclusão lógica. A terapia pressupõe que existe uma pessoa doente e que há uma cura: uma solução pessoal. Fico muito ofendida que eu ou qualquer outra mulher pense que a primeira coisa de que preciso é terapia (...) Precisamos mudar as condições objetivas, não nos ajustar a elas. Terapia é se ajustar à sua própria alternativa pessoal ruim". Citamos isso para apontar a diferença entre uma intenção, além de nossas críticas, e a caricatura que pode ser feita de tal slogan e conceito.

No entanto, **qualquer intenção de restabelecer o social também no imediatamente pessoal é truncada antecipadamente se assumirmos que a totalidade é sinônimo de política, mesmo que isso não seja estritamente eleitoral.** Ao raciocinar dessa forma, encerramos o pessoal, e infalivelmente o social, na camisa de força da política, o que significa uma visão completamente parcial da totalidade social, como explicaremos a seguir. O pessoal é (também) o social. E como já foi dito: "Aqueles que falam de revolução e luta de classes sem se referir explicitamente à vida cotidiana, sem entender o que é subversivo no amor e positivo na rejeição de obrigações, têm um cadáver na boca". E nestas páginas já acrescentamos que aqueles que falam de transformação da vida cotidiana sem se referir explicitamente à revolução e à luta de classes, sem entender o que é subversivo na ação individual, mas ao mesmo tempo social e positivo na rejeição de ideologias individualistas, também têm um cadáver na boca.

Por outro lado, "o pessoal" também não é um fato da natureza. A possibilidade de pensar em uma "esfera pessoal" ou "privada" é o produto de um processo de transformação da sociedade, o mesmo processo que ampliou a separação entre a espécie humana e o resto da natureza, o mesmo processo que impôs a venda da força de trabalho individual, separando a esfera de sua reprodução (então privada e domesticada) da produção social (então pública).

O "pessoal" também é amplamente condicionado pela falta de sentido, pânico, individualismo, culpa, vergonha, vitimização e vários tipos de obsessões. Infelizmente e necessariamente, todos os chamados *movimentos sociais* também partem dessa realidade.

De grandes a pequenos políticos, as emoções são exploradas, com "fakenews" ou discursos que apelam cada vez mais para os sentimentos mais profundos das pessoas, seja para alimentar a xenofobia, banalizar o fenômeno da imigração, legalizar ou manter o aborto ilegal. Nos últimos anos, Donald Trump e Jair Bolsonaro apelaram para o ódio e a insensibilidade para vencer as eleições presidenciais de seus países. Até mesmo o fenômeno conhecido como "pós-verdade" nada mais é do que uma mentira que apela para o emocional e coloca as emoções à frente dos fatos, muitas vezes desvinculadas deles.

É quando o pessoal tem precedência sobre o social que vemos explicações como "o Estado é o agressor masculino". A sociedade chegou a tal grau de inversão na compreensão da realidade que a maioria do movimento feminista, para explicar um fato social como a natureza repressiva do Estado, apela para situações pessoais angustiantes. É por isso que, em meio a situações repressivas, é necessário alertar que "as mulheres policiais não são nossas amigas" - é a isso que chegamos! Alguém poderia nos dizer que é pedagogicamente bom fazer referências a situações pessoais para explicar a realidade. Pois bem, aqui estamos expondo os grandes riscos dessa forma de fazer

política, que, na maioria das vezes, subestima a capacidade reflexiva daqueles de nós que são alvos de seus auxílios pedagógicos.³¹

Considerar o pessoal como político a fim de tornar visível como essa sociedade opera nos aspectos mais íntimos da vida não significa necessariamente que o Estado deva intervir ainda mais na intimidade das pessoas. Entretanto, o feminismo institucional, e necessariamente a institucionalização, nos diz que o político deve intervir no pessoal. Dessa forma, a violência masculina é instrumentalizada para endurecer as leis, as restrições e a repressão, embora esteja claro que o Estado nunca poderá pôr fim a essa violência.

"Até a década de 1980, o termo *vítima* era reservado para aqueles que sofreram uma catástrofe natural ou um crime violento. As vítimas eram aquelas que sofriam danos causados por outra pessoa ou por algo que transcendia o humano (catastrófico). Assim, ser vítima era, acima de tudo, um infortúnio circunstancial: uma situação contextual em que a dominação, a violência, o abuso ou o infortúnio haviam colocado uma pessoa em uma posição de injustiça. No entanto, desde a década de 1980, o termo foi psicologizado a tal ponto que agora pode ser aplicado a qualquer pessoa que, consciente ou inconscientemente, esteja exposta a situações traumáticas, estressantes ou ansiosas. Sentimentos como infelicidade, angústia, raiva, culpa, tristeza ou tédio podem ser interpretados como um sintoma de um trauma atual ou passado, de modo que qualquer pessoa pode agora se considerar uma vítima e, portanto, aproveitar os benefícios dessa situação. Ser vítima, então, deixa de ser um acidente ou circunstância e se torna um atributo: um traço característico que define o modo de ser de uma pessoa, o papel a desempenhar em relação aos outros e às instituições sociais. Portanto, ser ou sentir-se vítima também pode ser uma estratégia.

A vitimização que caracteriza as sociedades contemporâneas é aquela que é construída com base nessa concepção da vítima atributiva, que passa a se posicionar como um modelo de relações sociais. Uma vitimização que somente o conceito moderno de cidadão legal pode fornecer com entidade suficiente como um fenômeno sociológico. Esse cidadão legal é caracterizado por ser um indivíduo enfraquecido e fragmentado". (Lucía González-Mendiondo, *El género y los sexos. Repensando a luta feminista*)

Quando nos consideramos vítimas e a responsabilidade é sempre de outra pessoa (dos homens, da burguesia, do Estado, da mídia), evitamos questionar nosso papel no tecido social e, portanto, esquecemos nosso poder de destruir, criar e subverter.

Coletivos masculinistas que insistem em defender os agressores ou irmandades masculinas que conscientemente defendem e praticam o machismo empregam essa mesma estratégia. Embora seja uma vitimização ainda mais manipuladora. Ao serem apontados como agressores e/ou cúmplices de atos de violência sexista, são eles que se declaram vítimas para se livrarem da acusação! Vítimas das mulheres, do feminismo e, por que não, também do Estado e da mídia. Usando emocionalmente casos isolados ou estatisticamente menores para tentar neutralizar o que é socialmente evidente.

³¹ Enquanto escrevemos este artigo, nos deparamos com um artigo exemplar: *Extractivism: the macho macho behind the state bashing*. Eles nos dizem que é o *heteropatriarcado* que explica o desenvolvimento capitalista. E comemoram a nomeação da nova Ministra da Mulher, Gênero e Diversidade da Nação Argentina por ser "uma advogada comprometida com as lutas de gênero e das mulheres indígenas". É com esse tipo de análise que o problema não pode ser visto nas estruturas da sociedade, nos papéis determinados (funcionários públicos, empregadores, banqueiros, etc.), mas naqueles que os exercem. Assim, um escritório do governo deve ser melhor se for dirigido por uma mulher comprometida com determinadas causas sociais. Mas não, o motivo não é simplesmente a personalidade de cada funcionário, mas a função social do Estado.

"A luta para acabar com essa ordem social exige necessariamente outra maneira de abordar nosso mundo. Sob o capitalismo, na existência contraditória da sobrevivência, somos levados a ser seres frustrados, passivos, traumatizados, entediados, ansiosos e banais, submersos na necessidade de dinheiro. É na luta contra essa forma de não-vida que descobrimos maneiras diferentes de nos relacionarmos uns com os outros, limitadas, mas de força indomável.

É nessa luta que devemos combater, entre muitas outras coisas, a imagem criada pela cultura machista e por grande parte da ideologia feminista, de uma mulher frágil e indefesa, praticamente estúpida e vítima da violência masculina. Essa caricatura é amplamente utilizada pelo Estado, porque é assim que ele gostaria que cada cidadão fosse. E todo patriarca a instrumentaliza para si mesmo e para manter a ordem social intacta, seja atuando como pai, marido ou irmão protetor, como um militante da lei, como empregador ou como governante.

É impossível, a partir da construção da própria identidade baseada no papel de vítima, aspirar à destruição dessa sociedade opressora, pois isso ameaçaria a segurança desse e de outros papéis fixos. Isso não implica ignorar o sofrimento das vítimas, mas alerta para o fato de que esse papel que se autoperpetua só gera mais vítimas, quando pode haver outra maneira de enfrentar a violência. A partir da vitimização, buscamos aliados e culpados, mas não resolvemos a situação, até reforçamos os laços de agressão e opressão. Sejamos sujeitos que tomam nosso destino em nossas próprias mãos e não vítimas!" (*La Oveja Negra* nr.34, *Cultura machista y victimización*)

... e política

Dissemos que apontar que o pessoal é político pode servir para tornar visível como essa sociedade opera no íntimo, no que consideramos ser precisamente pessoal. E também apontamos que, ao recorermos à noção de política, abrimos a porta para o Estado. É claro que muitos movimentos em luta não entendem a política como uma noção estatista, orientada para o governo. Mas uma definição simples de *política* esclarece o quadro: "1. a ciência que trata do governo e da organização das sociedades humanas, especialmente dos Estados. 2. a atividade daqueles que governam ou aspiram a governar os assuntos que afetam a sociedade ou um país". Entretanto, além das definições, é suficiente fazer um balanço de como a maioria das lutas políticas que afirmam ser "extraparlamentares" ou "fora do Estado" estão evoluindo em direção ao Estado.

Portanto, queremos insistir que nem tudo é política, que esse é o raciocínio daqueles que nos governam ou aspiram nos governar. **Eles querem nos fazer acreditar que não há nada fora da política, que não há caminhos para a emancipação humana fora e contra a política**, e é encontrando-nos nesses caminhos que podemos lutar pela emancipação humana!

Em CUADERNOS DE NEGACIÓN NR.4, mais precisamente sob o título *C ontra la política, o más allá de ella*, afirmamos: "Ser antipolítico não significa ignorar as chamadas questões políticas ou não levá-las em consideração. **Nós nos opomos à política precisamente porque a entendemos como uma parte parcial da realidade social que buscamos superar.**

(...) "O político" existe na medida em que está separado do resto da realidade social; é o fato de sua separação que o define como tal; se não estivesse separado, não poderia ser limitado à "política". Entretanto, observamos que a separação não pode ser resolvida pela soma das parcialidades como

tais, deixando de lado sua inter-relação e a importância de entender que a totalidade é expressa em cada uma de suas partes. O todo é mais do que a soma de suas partes.³²

A política, por sua vez, é frequentemente apresentada como a preocupação geral e, a partir daí, tudo pode ser apresentado como político. Mas quando dizemos que "tudo é político", estamos apenas olhando para a sociedade pelas lentes da política.

Somos contra a política, mas não para nos interessarmos por algo menor do que ela ou por outra coisa, mas por algo mais completo, abrangente, total: denunciando-a como uma árvore enganosa que tenta esconder a floresta frondosa da qual faz parte".

Seguindo Karl Marx em *On the Jewish Question (Sobre a questão judaica)*, **queremos expor o contraste entre a emancipação humana e a emancipação política**. O estado alcança sua emancipação política ao se libertar, por exemplo, da religião, mas essa emancipação não significa emancipação humana. Quando o cidadão alcança sua emancipação política por meio do Estado livre, ele se liberta apenas de uma de suas limitações. Esse estado, que não admite diferenças formais de hereditariedade, raça, sexo, religião, educação ou profissão, existe apenas por causa dessas diferenças, e é por isso que nós, proletários, somos livres, livres para vender nossa força de trabalho e os burgueses livres para comprá-la.

O *problema patriarcal*, que preferimos rotular como sexista, é apenas um aspecto particular do problema universal de exploração e opressão na civilização moderna. Há aqueles que se limitam a criticar o "estado patriarcal", mas o verdadeiro problema é o estado em si.³³

Continuando com a obra *Sobre a questão judaica*, de Karl Marx, tomamos a liberdade de parafraseá-la: As feministas estatais aspiram à emancipação das mulheres. Que emancipação? A emancipação da cidadania, a emancipação política. Elas reconhecem a legitimidade do Estado, portanto reconhecem o regime de subjugação geral. Por que, então, elas não gostam de seu jugo especial, se gostam do jugo geral?

³² O feminismo pós-moderno nos dirá o contrário: "A produção de teorias universais e totalizantes é um erro grave que está sempre fora de contato com a realidade, mas especialmente agora". (Donna Haraway, *Science, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*).

³³ Ver *Estado Patriarcal?* Em CUADERNOS DE NEGACIÓN nr.13

CONSTRUÇÃO?

Tomando como ponto de partida que "o pessoal é o político" e que "o gênero é uma construção social", nos últimos anos o conceito de *desconstrução* tem sido usado como um procedimento típico daqueles que se identificam com o feminismo, queer ou alguma variante do movimento LGBTTIQ+. Mas **não é uma novidade atribuível a essas correntes, nem é uma originalidade do pensamento pós-moderno propor que, a partir da consciência individual ou grupal, modificando o próprio comportamento, as construções sociais podem ser derrubadas.** Por outro lado, aqueles que se reconhecem como consumidores e modificam seu comportamento como tal em uma tentativa de combater uma injustiça propuseram algo semelhante. Durante muito tempo, as mudanças no proletariado contribuíram para o fato de que os proletários se percebem apenas ou predominantemente como consumidores. É notório que, repetidamente, aqueles que tentam argumentar a favor da não existência do proletariado o fazem em nome do consumo e evitam completamente a produção.

Dissemos na *Apresentação* que há aqueles que reduzem o racismo, assim como o machismo, a uma questão moral, não entendendo a exploração como fator estruturante dessa sociedade. E os moralistas sempre trazem consigo uma estratégia pedagógica e/ou culpabilizadora que se esquia e condena a abolição da sociedade capitalista. É daí que vem seu otimismo pedagógico. Se os relacionamentos nessa sociedade são assimilados a um sistema de crenças e comportamentos aprendidos na escola, na televisão e nas redes sociais, eles podem ser revertidos com as informações certas e um pouco de vontade própria. Mas nós "aprendemos" não apenas de forma consciente e discursiva, mas com base nos atos que reproduzem a vida cotidiana no capitalismo.³⁴

Qualquer pessoa que esteja ou tenha estado envolvida em uma luta pode corroborar pessoalmente que ela perturba a esfera íntima. O que criticamos em particular é quando o pessoal ou o grupo tenta substituir o social, ou até mesmo o perde de vista. Isso é incompleto porque, na maioria das vezes, essa "intimidade" está enquadrada nas demandas institucionais, democráticas e dos cidadãos, ou seja, nas demandas do Estado, que evidentemente não apenas excedem, mas também deslocam o "pessoal".

Agora, se as atribuições de gênero ou a divisão sexual do trabalho (para dar alguns exemplos) são construções sociais, isso não significa que elas possam ser "desconstruídas" voluntária e pessoalmente. Por outro lado, por que a masculinidade e a feminilidade (a primeira mais do que a segunda, é claro) são suscetíveis de serem "desconstruídas" e não a nossa condição de oprimidos por outros motivos?

Por enquanto, usaremos o termo "*desconstrução*" em seu uso mais popular, ou seja, de forma imprecisa e ambígua, que pode significar tanto destruir quanto desfazer, abolir ou até mesmo se esquivar.

Não é por acaso que esses conceitos não vêm das lutas ou dos balanços dos próprios protagonistas, mas das universidades de maior prestígio. De repente, eles nos fazem saber que o problema está dentro de nós e não que nossas vidas estão submetidas ao Capital, o que implica trabalho,

³⁴ De fato, a educação formal não se limita a determinados conteúdos e métodos pedagógicos, mas a uma doutrinação de acordo com as necessidades do mercado de trabalho. Assim, somos acostumados desde muito cedo a seguir horários, a frequentar o mesmo lugar por anos e a obedecer a ordens absurdas. Durante as medidas de isolamento em 2020 e parte de 2021, a educação foi transferida para os lares e através de telas para aqueles que podiam pagar, transmitindo, além de certos conteúdos, uma preparação para um mercado de trabalho em desenvolvimento e uma sociabilidade cada vez mais atomizada.

propriedade, tempos mercantis, ditadura da economia e alocações de gênero. O que, para os defensores das "revoluções internas", seriam no máximo fatores condicionantes, mas não condições materiais a serem superadas. Parece que a **única coisa a ser resolvida ou a mais importante seriam as relações de poder entre os pares, talvez porque essa seja a única coisa que se apresenta como possível**. Trata-se, portanto, de uma ideologia de derrota e impotência, e isso explica por que ela é produzida e assimilada e, em última análise, realimentada nas universidades.

Tempos de autoajuda, autoaperfeiçoamento, intensificação da competição entre os proletários, eliminação de "pessoas tóxicas" e "energias nocivas" para o progresso pessoal.³⁵ Alimentação consciente, linguagem inclusiva, estilos de vida. O ônus é colocado em cada um de nós como indivíduos e, se falharmos, seremos condenados e culpados individualmente. **Exige-se que o indivíduo seja mais forte do que a própria sociedade, que esteja acima das determinações sociais de seu tempo**. O paralelo com a corrente *da nova era*, tão característica do capitalismo nesta era do liberalismo existencial, é evidente. Os indivíduos devem acordar, tomar consciência e se *libertar* (outra palavra da moda). E, nessa conscientização individual, pode-se até mesmo recorrer a um passado indígena idealizado, filtrado pelo filtro de nossa cultura, ou a alguma religião adaptada para atender ao crente.

A teoria da desconstrução pressupõe que há identidades ou determinações das quais poderíamos nos desvincular por simples vontade, como se fossem uma escolha e não definidas por um processo de centenas ou milhares de anos e milhões de pessoas. Partindo da exaltação do indivíduo, surge a ideia de que todos são o que são porque escolhem ser, em outras palavras, porque querem ser. E não estamos colocando isso em uma perspectiva de que o indivíduo é o que é. E não estamos colocando isso de forma piegas e populista, estamos apontando que todo *estilo de vida* político tem a qualidade de demarcar entre aqueles que estão dentro e aqueles que permanecem fora.

Já é possível julgar e verificar, de acordo com normas padronizadas, quem foi desconstruído e em que medida. Esse exercício de moralização e, acima de tudo, de automoralização é inútil para um movimento de emancipação social. Ele oferece uma solução ilusória para um problema que nem sequer foi compreendido em sua dimensão real, mas reconceitualizado para se encaixar nas categorias dominantes da saída imediata e na normalidade capitalista.

O que faz parte da competição intrínseca entre os seres humanos no capitalismo não poupa aqueles que não gostam dele. Costuma-se dizer que o político é a demarcação entre amigo e inimigo (Schmidt). E como "o pessoal é o político", isso não é nada menos do que uma personalização e uma desculpa para a inimizade predominante. Em nossos tempos, o político (especialmente se estiver relacionado ao "pessoal") não pode ser definido apenas com base no Estado, embora, sem dúvida, o pressuponha, como apontamos na seção anterior.

Que fique bem claro que não estamos desencorajando nenhuma tentativa pessoal de questionar o próprio comportamento. Qualquer pessoa que se envolva em várias lutas coletivas tem grande probabilidade de questionar suas próprias ações e, se estiver sinceramente envolvida,

³⁵ O livro *Toxic People. Las personas que nos complican la vida, y cómo evitar que sigan haciéndolo* escrito por Bernardo Stamateas (psicólogo, sexólogo e pastor evangélico que se tornou estrela do coaching) publicado em 2011 populariza essa noção que não está muito distante desses novos conceitos de que estamos tratando aqui. Segundo ele, pessoas tóxicas são aquelas que estão ao seu redor e que dominam e controlam seus semelhantes, ignorando suas necessidades e sentimentos. "Ao seu redor" significa que ele não se refere àqueles que dominam e controlam de forma impessoal, ou seja, empresários, políticos, sindicalistas, banqueiros. Essa noção também apela para o indivíduo como parâmetro de tudo, preocupando-se com mudanças superficiais: se o seu trabalho o está estressando, mude de emprego, se o seu casamento não está dando certo, mude de parceiro, e assim por diante....

modificará alguns de seus comportamentos. Esse questionamento é quase inevitável nas tentativas de superar as condições de existência, experimentando, assim, mudanças que, em outros contextos, poderiam exigir muito mais esforço para serem realizadas.

Afirmar a importância de tentar não ser e, portanto, não se comportar como um idiota é muito diferente de perder de vista o fato de que tudo o que reproduzimos faz parte de um relacionamento social (não interpessoal) que deve ser destruído em sua raiz e superado. E não é por querer, mas porque não há outra maneira. Porque, precisamente, se dizemos que somos uma "construção", essa construção é social e sua destruição será social. É de vital importância entender que quem somos, os comportamentos que reproduzimos e que temos de destruir são o produto de uma vida que está sujeita às necessidades da economia.

Conseguiremos pouco mais do que nos acomodar nesta sociedade se nos propusermos a desconstruir conceitos e palavras a ponto de reduzi-los a nada. É difícil fazer isso porque, ultimamente, qualquer declaração que façamos pode ser acusada de ser autoritária e opressiva.

Para sermos mais claros, incentivamos o questionamento e a modificação do que está ao nosso alcance, embora acreditemos que a emancipação social não se trata de um acúmulo de desconstruções individuais. E é importante observar que criticamos **a noção de desconstrução em relação à emancipação social. Fora dessa perspectiva, nossa crítica não tem sentido. E sabemos que grande parte dos proponentes da desconstrução não almeja nada disso.** Nós nos dirigimos àqueles que supõem que há de fato uma determinação entre a sociedade capitalista e comportamentos estereotipados, autoritários, violentos, especulativos etc. etc. E lamentamos poder contribuir com aqueles que justificam sua própria imbecilidade e a dos outros.³⁶

Origens do conceito

Quando quisemos investigar as origens desse conceito, rapidamente nos deparamos com o filósofo pós-estruturalista Jacques Derrida (1930-2004).³⁷ Em uma entrevista inédita de 1992, entre algumas declarações enigmáticas, para não dizer incompreensíveis, Derrida afirma que "Devemos entender esse termo não no sentido de dissolver ou destruir, mas no sentido de analisar as estruturas sedimentadas que formam o elemento discursivo, a discursividade filosófica na qual pensamos. Essa análise passa pela linguagem, pela cultura ocidental, por tudo o que define nosso pertencimento a essa história da filosofia".

Lá, ele acrescenta que "a desconstrução também se referia a tomar uma posição com relação ao estruturalismo. Por outro lado, foi em uma época em que as ciências da linguagem, a referência à linguística e "tudo é linguagem" eram dominantes. É aqui, estou falando dos anos 1960, que a desconstrução começou a se constituir como... eu não diria antiestruturalista, mas, de qualquer forma, não marcada em relação ao estruturalismo, e protestando contra essa autoridade da linguagem".

Para finalmente admitir que se trata de uma "caixa de ferramentas", como Foucault gostaria de dizer: "a desconstrução não é simplesmente uma filosofia, nem um conjunto de teses, nem mesmo a

³⁶ Uma versão anterior desta seção pode ser encontrada em *La Oveja Negra* nº 62 com o mesmo título: *Deconstruction?*

³⁷ Por exemplo: "A desconstrução não deve ser considerada como uma teoria da crítica literária, muito menos como uma filosofia. É uma estratégia, uma nova prática de leitura, um arquipélago de atitudes em relação ao texto" ou que "diante da ditadura do cânone, propõe a democracia da polissemia, estabelecendo que o ato de ler gera infinitas disseminações".

questão do Ser, no sentido heideggeriano. De certa forma, ela não é nada. Não pode ser uma disciplina ou um método". E como o cliente sempre tem razão, o consumidor dessas mercadorias é livre para ver em cada "teoria" o que ele quiser ver, que geralmente é ele mesmo e seu próprio tempo.

Como também vimos, o tratamento de oposições binárias ocupa um lugar central nas estratégias desestruturativas, e é a partir daí que faz sentido nos estudos de gênero atuais. Isso se encaixa muito bem na importância dada à linguagem e, portanto, essa estratégia tenta abordar a realidade a partir da linguagem. Para isso, não é necessário ter lido Derrida ou mesmo saber de sua existência.

Como a desconstrução parte da premissa tipicamente pós-modernista do discurso como um constituinte social, ela é essencialmente um fenômeno discursivo e, como tal, seu poder transformador é limitado. Ao desestruturar textos inicialmente, a intenção é desestruturar o gênero, o racismo e até mesmo o capitalismo, como outros podem pensar. Entretanto, esses não são textos, mesmo que queiram ser tratados como tal.

Nossa crítica pode parecer exagerada ou talvez um esforço contra um oponente sem valor. A abordagem pós-moderna da linguagem pode parecer inofensiva devido à sua abstração, inacessível devido ao seu nível acadêmico e até mesmo ineficaz devido à sua praticidade. Entretanto, ela faz parte da ideologia dominante para manter intacta a linha de fundo da exploração, mantendo-nos atomizados. Ela nos diz para não fazermos nenhum esforço teórico ou organizacional, porque com palavras e gestos a opressão seria atacada até mesmo no isolamento social, até mesmo na sala de aula da universidade. **Sob uma estética transgressora e extremista, o objetivo é nos convencer de que temos de nos resignar a viver neste mundo como ele é.**

"Alegando que "a realidade consiste em linguagem" ou que a linguagem "só pode ser considerada em si mesma e por si mesma", os especialistas em linguagem se declaram "linguagem-objeto", "palavras-coisa", e se deleitam com o elogio de sua própria reificação. O modelo da coisa se torna dominante, e a mercadoria mais uma vez encontra sua realização e seus poetas. A teoria do Estado, da economia, do direito, da filosofia, da arte, tudo agora tem esse caráter de cautela apologética". (*Internationale Situationiste* nº 10, *The Captive Words*)

Somos determinados pela linguagem que criamos da mesma forma que pelos edifícios que construímos e nos quais nos refugiamos, pelos alimentos que produzimos e pelos padrões de parentesco e afetividade que recriamos toda vez que nos relacionamos uns com os outros. Mas uma coisa é reconhecer e assumir essa determinação como tal, ou seja, como uma base compartilhada, como um limite inevitável para um possível movimento coletivo de transformação social; e outra coisa bem diferente é fantasiar sobre uma superação individualizada dessa estrutura, que agora é vista como uma agregação de condicionamentos parciais, "desestruturáveis" um após o outro.

E já que estamos falando de edifícios, podemos lembrar que o desestrutivismo também é um movimento arquitetônico que nasceu no final da década de 1980 e que se distingue, de acordo com suas próprias definições, justamente pela "fragmentação e manipulação de ideias na superfície das estruturas". A aparência visual final dos edifícios da escola desestrutivista "é caracterizada por uma imprevisibilidade estimulante e um caos controlado".

O capitalismo não é um texto

As palavras não são suficientes e nunca serão, e mesmo assim ainda há coisas a dizer, que ainda fazemos entrar nas margens estreitas do vocabulário. Ainda depositamos alguma confiança na escrita e na leitura, nas palavras escolhidas não inocentemente e nas formas de expressão que estão disponíveis para nós. No entanto, não é e não será nossa tarefa central redefinir palavras. O "comunismo", assim como a "anarquia", o "proletariado" ou a "burguesia" são meras sucessões de sílabas se não lhes for dado um conteúdo histórico e social que não é resolvido em congressos, nem por meio da criação de novos dicionários.

Ao longo da história e em todo o planeta, os colegas se debruçaram sobre esse tema, como uma expressão natural da dinâmica da vida naquilo que é fixo, mas não fizeram disso uma especialidade. **Seria um grande idealismo supor que a realidade pode ser alterada mudando a linguagem. E também sabemos que a linguagem constitui uma enorme dificuldade para expressar um conteúdo que se opõe ao dominante.**

Quando usamos determinadas palavras e categorias, tentamos comunicar relações concretas e não abstrações que reduzem o mundo a um jogo de linguagem. Da mesma forma, rejeitamos a falsificação que consiste em parcializar e fixar o que está em movimento, como se fosse uma fotografia. É claro que as palavras representam uma grande dificuldade na tentativa de capturar ou representar o movimento, mas isso não deve nos levar a confundir uma imagem fixa com a realidade e, depois, a analisar a realidade social em termos dessa imagem.

Termos como trabalho abstrato, capital, classes, por exemplo, parecem categorias que perdem de vista o concreto, que são meras abstrações. Entretanto, essas categorias apontam para abstrações que subsumem e articulam a própria realidade. O dinheiro sintetiza a abstração capitalista por excelência e, ao mesmo tempo, em sua determinação como meio de troca e acumulação, como moeda, é uma terrível realidade material à qual estamos sujeitos diariamente. Ele é, ao mesmo tempo, uma forma sem conteúdo e uma expressão de praticamente tudo o que é concreto: pode ser transformado em um veículo, em alimento, na força de trabalho de um proletário ou em qualquer outra coisa que possa ser reduzida a uma mercadoria.

No passado, havia filósofos que afirmavam que tudo o que existia eram ideias. Hoje, certos intelectuais escrevem como se não houvesse nada além de textos. Assim, aqueles que os seguem querem reduzir o ataque ao que nos oprime com uma simples substituição de palavras, é claro, depois de ter rejeitado e condenado o ataque à raiz do problema.

Ideologia

O caso da chamada desconstrução é um caso típico de ideologia como uma força eficaz. A questão é **ideológica desde sua premissa: "somos construídos por discursos". Isso não é verdade. Somos construídos por relações sociais e, nesse processo, produzimos discursos**. A sociedade produz os discursos, não os discursos para a sociedade.

O tema da desconstrução também é ideológico porque tem como segunda premissa a existência do indivíduo como ponto de partida e entidade autossuficiente. Para que o indivíduo sequer considere a possibilidade de se desconstruir, e para que consiga realizar essa façanha, ele precisa se abstrair de suas determinações reais, exercendo sobre si mesmo uma ação voluntária e consciente de autotransformação deliberada. Tudo isso nos parece real apenas na medida em que imaginamos uma série de fenômenos psíquicos e comportamentais isolados, dando a eles, em nossa imaginação, uma existência própria e autossuficiente, o que é uma pré-condição para podermos

julgar o sucesso ou o fracasso da desconstrução própria e alheia. Da mesma forma, vários comportamentos são abstraídos e hierarquizados, criando novos pecados e crimes, condenando alguns mais do que outros e, **como esta era nos obriga a fazer, punidos individualmente, assim como o padre faz em sua igreja ou o juiz no tribunal**, que também não são estranhos aos nossos tempos.

A premissa de um indivíduo antes ou fora das relações que o determinam serve para elevar o julgamento moral sobre o qual seus esforços devem ser julgados, mas para nada mais. O que não é pouca coisa, pois, como sabemos, o capitalismo também é uma ordem moral. A única coisa que realmente importa, quando se trata de questões morais e ideológicas, como a questão da desconstrução, é que existe a "liberdade" para que os indivíduos sejam quem eles escolherem, para construir, desconstruir e reconstruir a si mesmos como quiserem, para "ser você mesmo". Mas o que significa ser você mesmo? Existe um ser individual anterior às suas relações sociais? Uma alma em cada corpo que clama para ser ela mesma?

Não é por acaso que a desconstrução é celebrada por amplos setores da burguesia. E não porque ela tenha sido assimilada e recuperada, ou seja, extraída em seu estado puro e alterada à vontade, mas porque não só não representa nenhuma ameaça, como também está completamente em sintonia com os princípios do capitalismo atual. Até mesmo no site da Forbes, uma revista especializada em finanças conhecida por publicar a lista das pessoas mais ricas do mundo todos os anos, você pode ler um artigo intitulado *The self-deception of feeling deconstructed (O autoengano do sentimento desconstruído)*, que poderia ser publicado em muitas revistas ou sites feministas, e até mesmo entre os mais protestantes. Ali, com a culpa masculina, o autor nos diz que "homens desconstruídos não existem porque entender essa ação como um participação passado nos impede de perceber que, na realidade, ela consiste em assumi-la todos os dias em um presente contínuo infinito".

A desconstrução é, em quase todas as ocasiões, um princípio que não é apenas moral, mas também terrivelmente subjetivista e, portanto, apresentado como impossível de ser contestado. Presume-se que fazer isso seja autoritário, sexista ou até mesmo "fascista". Mas o verdadeiro autoritarismo reside no fato de achar que se tem o direito absoluto, como um Estado, de não permitir perguntas ou questionamentos e de perseguir e punir o inimigo externo com um álibi incontestável: "meus próprios sentimentos". E afirmar que o que se sente é alheio ao que se pensa, ao que se faz, ao que se vive, significa partir de uma subjetividade associal.

Mas por que essa ideologia é tão inconsequente quanto ineficiente em seus próprios termos? Porque ela parte de um sexismo moral (da mesma forma que o racismo ou aquilo que pode ser desconstruído é abordado) e não de um sexismo social, que poderíamos rapidamente apontar como econômico e político. Assim, o sexismo ou o racismo não seria nada mais do que uma relação interindividual, uma questão de privilégio pessoal que a justiça cega da desconstrução iguala na balança com os ultrajes do Estado. Ela até se permite recorrer a este último para punir aqueles que "mantêm seus privilégios". É nessa estrutura que a luta contra o existente se torna uma mudança pessoal, um novo modo de vida, com grande probabilidade de ser protegido pela classe dominante.

Em nossa época, a reclamação é entendida como um desafio à ordem estabelecida. Para o desconstrucionista, pouco importa que sua reclamação individual ou em grupo não tenha impacto, porque o mais importante não é mais ser ou fazer, mas parecer. Ou seja, apresentar-se como um indivíduo que está ciente do privilégio e da injustiça. É por isso que os aliados feministas do sexo masculino, os defensores não trans das pessoas trans ou os fanáticos brancos do antirracismo e do

indigenismo parecem mais preocupados em se apresentar como aliados exemplares do que em acabar com certas expressões de opressão e exploração.

Nosso tempo prioriza o indivíduo em detrimento do social, e não por gosto, mas por incapacidade. Ativistas, militantes ou simpatizantes estão interessados na subjetividade, nesse caso, a subjetividade sexista ou racista dos indivíduos. Supõe-se que os fatos objetivos sexistas e racistas venham dessa subjetividade, simplesmente do "que está na cabeça deles". Assim, eles passam a vida atacando os sintomas e não as causas. Em um caso de racismo policial, eles apontam para o racismo do policial, sem perceber que ele tem os meios para reprimir porque pertence a uma instituição que exerce o monopólio da violência estatal para proteger a propriedade privada. Em um caso de machismo doméstico, eles se concentram no caráter do homem machista, perdendo de vista a sociedade que garante esse machismo e esse espaço doméstico.

Em outras palavras: o machismo individual e o machismo social são constitutivos dessa sociedade, mas não são a mesma coisa. O primeiro é percebido como mais visível e próximo e, portanto, faz com que as pessoas acreditem que ele é refutável sem levar em consideração o segundo. O segundo parece ser menos facilmente reconhecido porque não se trata apenas de atos praticados por indivíduos específicos, e é preciso fazer um esforço além dos sentidos imediatos para percebê-lo.

É o sexism constitutivo dessa sociedade, o machismo necessário à sociedade capitalista, que permite o desenvolvimento de atos e comportamentos machistas individuais. O foco no machismo geral da sociedade também nos permite envolver o social como um todo, e não simplesmente culpar alguns ou muitos indivíduos por nossos males. Por outro lado, não é pedindo ou exigindo a desconstrução ou a desconstrução de nós mesmos que conseguiremos acabar com isso. Precisamos destruir as bases materiais do capital que hoje instrumentaliza e reproduz o machismo. Se partirmos de cada experiência particular e percebermos o objeto a ser combatido como um sistema entrelaçado de opressões abstraído das condições materiais e históricas, ou seja, sociais, é impossível acabar com o problema. **Não devemos desconstruir os indivíduos, mas destruir todas as condições materiais que tornam o machismo possível.**

Dados posteriores

No início desta seção, dissemos que as chamadas atribuições de gênero não podem ser "desconstruídas" de forma voluntária e pessoal. Por outro lado, como álibi para essas práticas individualistas e individualizantes, que são altamente suscetíveis de serem punitivas e protoestatistas, faz-se referência às constantes agressões sexuais que são realizadas principalmente por homens heterossexuais. Os protagonistas de vários grupos ou movimentos se espantam com a presença de tais práticas terrenas em seus domínios celestiais, pois se consideram tão fora da sociedade que o mundano não os afetaria. Ressaltamos isso porque, como indicamos, estamos fazendo uma crítica à ideologia da desconstrução como um obstáculo à emancipação social. Mas reconhecemos que ela tem mais seguidores em áreas que não estão interessadas na desconstrução e que simplesmente, por escolha ou omissão, querem implementá-la principalmente ou apenas entre seus pares.

Obviamente, não temos solução para as agressões sexistas, sejam elas quais forem. Tampouco temos uma solução para acabar com elas, mesmo nas esferas mais imediatas. Além disso, há muitas nuances: situações que são mais desagradáveis do que outras, algumas que são diretamente insuportáveis, pessoas com comportamento repetitivo, outras que não, e assim por diante. A maioria de nós, se não todos, já teve de lidar com uma situação dessas pelo menos uma vez. Alguns de nós

decidem lidar com elas coletivamente, mas isso não significa agir cegamente como a Justiça, nem significa esperar que a punição resolva alguma coisa. É de vital importância entender que o que somos, muitas das atitudes que reproduzimos e que temos de destruir (não desconstruir) são o produto de uma vida que está sujeita às necessidades dos outros, às necessidades da economia. E, enquanto isso persistir, podemos nos conscientizar disso e colocar o máximo de tensão possível na luta contra a reprodução de suas lógicas. Isso não implica gerar cada vez mais atomização e desconfiança, ou pensar que estamos seguros e fora da sociedade.

Não confiamos na punição exemplar e corretiva, por exemplo, já temos prisões. Porque uma coisa é responder até mesmo com agressão ou expulsão à pessoa responsável por um ato, e outra é administrar um tipo de punição punitiva. Tampouco acreditamos que seja apropriado revitimizar as pessoas que foram agredidas, muito menos a proposta de reprimir o desejo erótico, vinculando-o irrevogavelmente à violência sexista.

É claro que é doloroso e cheio de ódio que tantas pessoas que enchem a boca com discursos rebeldes, desobedientes e até revolucionários sejam em sua intimidade (e às vezes até publicamente) homens machistas que batem e abusam, geralmente, de colegas mulheres. Nos últimos tempos, esse parece ser o único problema que nos preocupa e, infelizmente, não é o único. O foco necessário foi colocado em um problema fundamental, mas deixando outros na sombra.

É triste dizer que não existe uma solução isolada para essas situações, que nos últimos tempos temos visto serem mais do que imaginadas. Mas isso não é desanimador; pelo contrário, nos encoraja a querer transformar tudo, a destruir o que for necessário. E, entre outras coisas, faz com que as diferentes seitas percebam que não estão exiladas ou autoexiladas desta sociedade.

Alguns criticam a iniciativa desconstrucionista com base no fato de que ela enfraquece a luta de classes, em vez de vê-la também como uma resposta aos erros e omissões deliberados dos movimentos de luta. Em sua maioria, esses movimentos não conseguiram ou não quiseram levar em conta as necessidades da dissidência sexual para a moralidade de cada época, nem confrontaram os diferentes papéis atribuídos determinados pelo modo capitalista. Portanto, é natural que nos defendamos, ataquemos, expulsemos, repensem, mudemos comportamentos, mas sem alimentar a esperança de eliminar completamente o problema. Muito menos propor isso como meio e fim das lutas.

Se concordarmos que o Estado e o capital asseguram e necessitam da divisão sexual, do machismo e da separação entre as esferas pública e privada, a resposta não pode ser o apelo a uma absurda "unidade de classe" que ignore as diferenças materiais entre homens e mulheres, heterossexuais e não heterossexuais ou trans e não trans, na classe explorada, "em nome da revolução".

CRÍTICA DO FEMINISMO COMO IDEOLOGIA

O feminismo é inevitável, e não por causa de uma súbita conscientização generalizada. Mas devido ao protagonismo de um número cada vez maior de mulheres no local de trabalho, mas também nas esferas acadêmica, política e jurídica. Em outras palavras, ele adquire uma surpreendente massividade em um momento específico da história da sociedade capitalista, com base nas novas condições de trabalho e de vida que afetaram particularmente as mulheres e nas lutas em resposta ao longo de décadas e décadas. Lutas reformistas, bem como revolucionárias e disruptivas. Embora, sem dúvida, **na ausência de revolução, seja o feminismo dominante e oficial que também representa a herança dos revolucionários**. O mesmo se aplica a outras expressões de luta de trabalhadores, desempregados, dissidentes raciais ou sexuais.

Essa crítica ao feminismo que apresentamos aqui vem depois de termos tratado de sexism, patriarcado, trabalho doméstico, divisão sexual do trabalho e outras questões relacionadas nas duas edições anteriores desta publicação, e depois de termos abordado as noções de sexo e gênero ao longo desta edição. Fazemos esse esclarecimento, que consideramos importante, pois para nós a crítica do feminismo como ideologia não constituiu um ponto de partida para a análise, embora pudéssemos ver vários dos elementos levantados aqui. Pelo contrário, preferimos começar investigando as diferentes questões destacadas principalmente pelas lutas das mulheres e dos dissidentes sexuais nas últimas décadas. Ou seja, o que é sintetizado aqui como uma crítica geral do feminismo é inseparável da análise e da crítica de muitos de seus postulados e desenvolvimentos teóricos a partir de uma perspectiva radical. Convidamos você, mais uma vez, a ler as edições anteriores e as que estão por vir.

Sem dúvida, a falta de compreensão das formas particulares de opressão e exploração no movimento proletário levou a uma especialização em tais questões, de modo que hoje se encontram quase tantas lutas parciais quanto as diferenças entre os proletários. Mas o feminismo não é simplesmente proletário. Nem mesmo é possível definir exatamente o que ele representa hoje para milhões de pessoas que saem às ruas sob sua bandeira. **Para alguns, é uma ideologia acabada, abertamente interclassista, mas para muitos é um conceito que os une em uma luta compartilhada e um sentimento comum contra a opressão e a exploração masculina em suas características mais sexistas.**

A falta de demarcação de classes tem sido e continua sendo um problema para superar a situação atual. Ao pensar corporativamente sobre a unidade das mulheres e outras identidades, é muito difícil fazer autocríticas porque qualquer crítica é entendida como uma queixa coletiva, mas também como uma queixa pessoal. O mesmo acontece com o trabalhismo, o racismo e até mesmo com o anarquismo ou o comunismo entendidos de forma ideológica.³⁸

"Quando criticamos esta ou aquela ideologia, quando denunciamos esta ou aquela força que consideramos ser parte do inimigo, não entramos no mérito do que cada proletário pensará disso, do que cada um imagina sobre o que dizemos. Pensamos que a crítica revolucionária (tanto "teórica"

³⁸ No caso do anarquismo, por exemplo, por não ter se posicionado fora e contra suas formas dominantes e reformistas, por razões ideológicas e de identidade, custou às suas expressões mais radicais a tolerância e a convivência com setores abertamente social-democratas. Não se trata de lutar até que alguém assuma o título. Talvez precisemos ser um pouco mais indiferentes aos rótulos e mais atentos ao conteúdo social de um projeto.

quanto "prática") não pode partir dessas premissas (...) É claro que haverá muitos companheiros que se sentirão atacados, que não entenderão que o que estamos atacando é toda uma concepção alienante da luta, mas consideramos que, acima de todas essas questões individuais e imediatas, há toda a luta contra as posições que impedem nosso avanço e que partem precisamente da mesma luta social e da qual nossa crítica é apenas uma expressão. É claro que isso não significa que não existam outras formas de materializar a crítica, de expressá-la". (Proletarian Internationalists, *Critique of Insurrectionalist Ideology*)

Embora essa crítica seja importante para aqueles que se consideram feministas, não entendemos que essa seja a única área a que ela se destina. O que é apresentado aqui surge da luta de classes, portanto, é voltado para nossa classe e suas lutas.

Nessa situação, o movimento feminista, em uma definição ainda ampla, está relegando as mulheres a lidar apenas com questões "femininas", que se tornaram "questões de gênero". Esse é um problema de todos os movimentos sociais, em que milhões de proletários se limitam a participar como cidadãos. Em outras palavras, escolher uma questão real, com certeza, mas que, se abordada de forma parcial, obscurece as possibilidades de emancipação.

"Acreditamos que o feminismo atual está relegando as mulheres a lidar apenas com "questões femininas". Isso está fazendo com que, em nossa opinião, em determinados espaços, se a questão de gênero não for tratada, as mulheres não estejam mais presentes e até mesmo não pensem mais em outras questões. Parece que, quando as mulheres intervêm no mundo, elas precisam falar como mulheres, ou a partir de uma perspectiva feminina, ou sobre questões femininas. Assim, embora consideremos importante incorporar nossos discursos sobre quem somos e visualizar as mulheres em diferentes posições e papéis, para ampliar o arquétipo inconsciente que temos sobre o que é uma mulher e o que uma mulher deve fazer, também percebemos que, às vezes, estamos presas nessa gaiola de gênero e que somos valorizadas ou promovidas como mulheres, e não como pessoas. Em uma posição antissexista, pensamos que não deveríamos ter de aceitar esses preconceitos, esses privilégios envenenados.

Quando cantamos, quando escrevemos, quando atuamos, os feminismos geralmente nos rotulam como feministas simplesmente porque somos mulheres. (AA.VV., *Juntas contra o sexismo e a opressão*)

O feminismo equiparou *as mulheres rebeldes e combativas*, e até mesmo *o fato de serem mulheres*, ao feminismo. É inconcebível que as mulheres que querem acabar com o sexismo não possam ser feministas, ou mesmo criticar abertamente o feminismo. Assim como é impossível para algumas cabeças pequenas entender que alguns de nós nos manifestamos contra os patrões, mas também contra o sindicalismo, e que, além disso, não somos esquerdistas. E, acima de tudo, que isso é uma constante na história da nossa classe, que não estamos inventando nada.

Essa comparação não é em vão. **Acreditamos que o feminismo, como ideologia e movimento oficial, é para o sexismo o que o sindicalismo é para a questão do trabalho. Uma série de organizações e posições que se apresentam como a única opção diante de um problema real.** No que diz respeito ao trabalho, o sindicalismo dominou o terreno social de tal forma que qualquer forma de organização ligada à esfera do trabalho é rotulada como sindicato ou algo semelhante. O feminismo está à beira de algo semelhante, englobando qualquer resposta ou luta sobre as questões das mulheres sob a mesma bandeira, que já tem sua própria cor. Isso não seria perigoso se fosse simplesmente uma questão de nomenclatura, mas esses movimentos com interesses supostamente gerais têm seus líderes, seus programas e caminhos mapeados com antecedência.

É uma perspectiva organizacional que atende a algumas demandas decorrentes de necessidades concretas e desenvolve lutas, mas sempre dentro de uma esfera limitada.

Dessa forma, muitas propostas feministas são semelhantes às do sindicalismo: demandas mínimas, pressão, aceitação da ideologia dominante, projeção do problema em um inimigo externo personalizado fora do movimento, sem entender o problema como uma relação social (dupla, não unívoca). E em seus extremos mais institucionalizados, a busca de espaço político dentro do Estado. Alguns já transformaram o slogan "Nos queremos vivos e livres" em "Nos queremos vivos, livres, sem dívidas e governando".

Por sua vez, as expressões supostamente revolucionárias, sob o pretexto de reposicionar "a questão da mulher" na globalidade social, a deixaram completamente de lado. E o movimento feminista, ao reivindicar perpetuamente a especificidade das mulheres, perpetua a separação mantida pelos movimentos tradicionais.

Não vamos nos enganar, não se trata de uma questão de forma, mas de conteúdo. Os protestos, mesmo os violentos, podem reforçar a sociedade existente se não atacarem as bases, indicando aos executores da sociedade as contradições a serem gerenciadas.

Se quisermos compartilhar reflexões críticas sobre o feminismo, nos dirão que isso é errado porque não existe apenas um feminismo, mas muitos. Seguindo essa ordem, haveria quase tantos feminismos quanto feministas e, portanto, teríamos de criticar cada um deles, o que é impossível. Se é possível criticar o feminismo como tal, é porque **há um denominador comum entre todos os "feminismos": não apenas a exaltação do feminino, mas uma resposta parcial a um problema social concebido como um problema particular.**

Por outro lado, devemos salientar que, se o feminismo pode ser entendido como qualquer coisa, desde a ascensão das mulheres no Estado ou nos negócios até as organizações e lutas das mulheres proletárias que existem e existem há séculos, então esse rótulo não serve para muita coisa. Ou exatamente para esse propósito.

Assim como a representação da classe proletária se tornou seu inimigo, tudo o que diz respeito a questões reais e importantes é identificado com sua representação para, através do crivo da ideologia, não lhe dar uma solução, mas perpetuá-la. Os problemas com os quais estamos lidando aqui são assimilados ao feminismo da mesma forma que, por exemplo, a defesa da Terra é assimilada ao ambientalismo. Mas é preciso observar que não apenas a representação da classe se tornou sua inimiga, mas a própria fraqueza do proletariado é expressa nessa representação. A representação de suas fraquezas.

Esse problema transcende o feminismo e é o que estamos tentando expressar desde o início desta publicação. Já o colocamos em comum com a questão do marxismo e do anarquismo como ideologias. A destruição do Estado não é a única tarefa do anarquismo, nem todo esforço para destruir o Estado, mesmo de forma revolucionária, torna seus participantes anarquistas. Da mesma forma, os marxistas não são inventores nem proprietários da luta contra o capital. Como um aparte, não podemos deixar de lembrar que, ao longo de sua história, a grande maioria oficial de ambas as famílias fez enormes contribuições para manter a ordem existente das coisas.³⁹

O feminismo é a expressão de uma problemática existente que se tornou uma ideologia. A força de qualquer ideologia é que ela parte de uma questão real e, portanto, comovente, mas retorna

³⁹ Veja *Comunismo? Anarquia?* Em CUADERNOS DE NEGACIÓN nro.2

a ela com o peso morto do petrificado. Se a aparência externa e a substância das questões coincidissem diretamente, não haveria necessidade dessas reflexões.

Não usamos o termo ideologia de forma positiva. Entendemos a ideologia, como tem sido há muito tempo para os revolucionários, como o conjunto de ideias que tenta explicar o mundo de acordo com o modo de produção predominante. E assumimos com Marx que não é a consciência do ser humano que determina seu ser, mas, ao contrário, é o ser social que determina sua consciência.⁴⁰

A ideologia feminista, em particular, é definida hoje pelo que a domina e orienta, ou seja, um discurso vitimizador, hiper-simplificador e reacionário. Isso não significa que todos os defensores dessa ideologia sejam apenas isso, estamos definindo a ideologia e não seus simpatizantes. Entretanto, esse discurso é apropriado e levado adiante tanto por proletários quanto por burgueses, sejam eles social-democratas, liberais ou anarquistas. Isso sem falar nas constantes campanhas publicitárias realizadas por ministérios do governo, ONGs e empresas. Essa unanimidade é a ideologia dominante que mencionamos e, como dominante, ela "esquece" de denunciar o capitalismo e, quando o faz, é apenas da boca para fora.

É melhor chamar as coisas pelo nome. **Se eles querem que acreditemos que o capitalismo é um mal menor, agora não é hora de ficarmos calados**, não importa o quanto tenhamos que ir contra a maré.

Hoje chegamos a um ponto em que criticar o capitalismo sem colocar o machismo como sua causa, ou sua manifestação mais crucial, em alguns setores é automaticamente motivo de suspeita de misoginia. A apreciação da realidade foi invertida a tal ponto que, dentro do movimento feminista, para criticar o Estado, é preciso chegar ao ponto de fazer afirmações como "o Estado é o destruidor de homens". E um funcionário do governo pode ser rotulado como machista, mas a crítica não é compreendida se ele for rotulado como funcionário do governo.

No panorama atual de crenças, a ideologia feminista é altamente respeitada e vários de seus postulados são até mesmo impostos pelos governos. Certamente por causa dessa oficialização, sua aura de prestígio é ampliada por decreto e ousar questioná-la, ou simplesmente questioná-la, implica a acusação de machismo e a suspeita de violência de gênero. Por essas razões, progressistas da direita à esquerda pulam no cavalo do politicamente correto, independentemente de concordarem com ele ou mesmo de ser o oposto do que são em suas próprias vidas. Ocorre que o peso do discurso é tão grande que se confunde com as ações e até as ofusca.

Quando se descobre que este ou aquele governante, artista ou legislador que promove "campanhas contra a violência de gênero" é, na verdade, um abusador de mulheres, esquece-se que não se trata de uma questão de comportamento, mas que esses personagens deveriam ter adotado uma postura feminista ou filofeminista para não ficarem de fora dos tempos atuais. Da mesma forma que um empresário com repulsa aos que não são heterossexuais pode ter que abrir espaço nesse novo mercado. E não vamos nos esquecer do mais importante: **todas essas pessoas "politicamente corretas", sejam elas coerentes ou não com seu discurso, são as que produzem e reproduzem uma sociedade baseada na divisão sexual, no machismo e no racismo.**

Além das obrigações do politicamente correto, qualquer reivindicação de emancipação que não questione radical e ativamente a mercadoria, o trabalho, o sexismo, o Estado, a lei e a propriedade

⁴⁰ Para uma definição de ideologia, recomendamos, pelo menos, o prólogo de *A ideologia alemã*, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels. E lembramos o que está expresso em CUADERNOS DE NEGACIÓN nr.13, p.21.

privada, ou seja, os próprios alicerces sobre os quais esta sociedade está construída, só pode ser progressismo, uma acomodação à sociedade existente, o que significa perpetuar aquilo contra o que supostamente estamos lutando. **Para nos emanciparmos, devemos lutar contra tudo o que nos impede de fazê-lo, mesmo aquilo que o faz em nome da emancipação.**

Não estamos dizendo que o feminismo não tem anticapitalismo. Da mesma forma que aqueles que apontam que ele, assim como o ambientalismo, o antifascismo ou até mesmo o veganismo, sem uma crítica ao capitalismo seria incompleto. Acreditamos que é errado ver esses movimentos como inacabados. A questão não é acrescentar adjetivos aos rótulos existentes, mas ser e agir contra e além deles.

Precisamos de uma nova ação comum para nossa emancipação. Uma ação que renuncie à retórica e à prática de um feminismo impregnado de academicismo e legalismo e incapaz de se desvincilar da linguagem pobre e sombria de funcionários públicos, juízes, burocratas e militantes políticos profissionais. Isso não significa colaborar com o antifeminismo reacionário ou com o pós-feminismo liberal.

O movimento dos trabalhadores fracassou, entre outras coisas, por se apegar ao modo de produção dominante. E ao apontar, quando podia, para a burguesia, mas para os patrões, sem entender sua própria participação ativa no desenvolvimento e na atualização do capitalismo, como o único responsável por seu mal-estar. **O movimento feminista procura seu bode expiatório no "homem abstrato", tão típico das leis e das mercadorias.** Ele se apresenta e se percebe, assim como o trabalho e a esquerda faziam e ainda fazem, como desvinculado da responsabilidade de participar de uma sociedade que deve ser jogada na lata de lixo.

Apresentar as mulheres em geral como vítimas dos homens em geral só contribui para reforçar a competição e a inimizade, ou seja, com o capital e seu estado, com a sociedade de classes. A ideologia feminista torna visível a agressão de um marido contra sua esposa, mas naturaliza a agressão do empregador contra seu empregado, torna invisível a violência exercida por muitas mães contra seus filhos, condena a autoridade de um pai, mas não a transmissão de sua propriedade na forma de herança.

Há uma opressão constante e despersonalizada imposta pelas regras capitalistas, e essa opressão capitalista, na maioria dos casos, não é simplesmente pelo fato de serem mulheres, embora seja irrefutável que haja uma opressão e exploração específicas. **A dinâmica capitalista não tem como objetivo atacar nenhum grupo humano em particular (embora o faça!), sua dinâmica é voltada para sua própria reprodução com base no lucro.**

Mas vamos ser ainda mais claros: **as mulheres não são vítimas nem podem participar da sociedade apenas como mulheres.** Isso é impossível, a menos que você negar não apenas a existência delas na sociedade, mas também sua realidade humana. Isso significa considerar as mulheres como seres mutilados e inferiores, irresponsáveis por suas ações e sem vontade própria. Daí a demanda por leis e políticas paternalistas.

O feminismo assume as dicotomias típicas da ideologia dominante. Lutar contra "o masculino" e "o feminino" (ou "o não-masculino") como se um polo da relação pudesse subverter o outro. Como se certos comportamentos fossem essencialmente atribuíveis ao "masculino". A violência, a competição ou a desigualdade não são exclusivas dos homens, nem estão em seus genes.

O problema seria a dominação dos homens sobre as mulheres e os não homens. Isso leva à suposição, por exemplo, de que a publicidade exibe corpos femininos para denegrir as mulheres

quando o objetivo é vender mercadorias. Esquecer que, à luz do Capital, todos os corpos são objetificados e não apenas de forma sexual pode levar à suposição de que são os homens que se beneficiam da exploração das mulheres ou que é melhor se vender com roupas do que sem elas. Assim como pensar que a doutrinação das crianças é para fortalecer um patriarcado abstrato e não uma sociedade concreta, principalmente capitalista e estatista.

Dissemos na *Apresentação* da 13ª edição dos CUADERNOS DE NEGACIÓN que o feminismo é a resposta a uma situação particular. Seu ponto de partida é usar o que é particular na exploração das mulheres proletárias pelo Capital como condição geral das mulheres em geral, transformando assim a revolta proletária em um movimento interclasses cujo credo de adesão é que é o "homem em geral" que explora a "mulher em geral". Assim, o feminismo oficial é um instrumento decisivo do capital para multiplicar a exploração, a fim de, com o argumento da igualdade de direitos, levar as mulheres proletárias a assumir também um papel mais ativo na produção direta de mais-valia e até mesmo na guerra imperialista.

O feminismo atual não esqueceu a luta de classes porque ficou obcecado com a "questão de gênero", mas sim o contrário. Sua obsessão com a "questão de gênero" se deve ao fato de ter esquecido ou rejeitado a existência da luta de classes, algo que foi anteriormente assumido pela maioria do movimento social nas últimas décadas. Mas o antagonismo social é uma realidade que não desaparece se o ignorarmos e nos nomearmos cidadãos.

Quando a impossibilidade de uma transformação revolucionária é endossada, o capitalismo é aceito para ser irremediavelmente acomodado dentro dele. Um exemplo claro disso é o que é proposto quando se pensa no que fazer com relação à violência doméstica. Em geral, tenta-se acabar com o problema sem acabar com as condições que o tornam possível. Nós nos antecipamos às pseudocríticas e respondemos que não assumimos que temos de suportar isso "até que a revolução chegue", como costumam reprovar aqueles que nunca lutariam pela revolução (e, portanto, falam que ela "chegará" milagrosamente). É necessário apoiar aquelas que foram estupradas (e elas serão, em sua maioria, mulheres e crianças), defender-se e atacar os agressores (que serão, em sua maioria, homens adultos), criar, na medida do possível, situações de proteção e prevenção antes que esses eventos aconteçam, agitar e continuar a refletir coletivamente sobre a questão. Mas tudo isso não exclui o fato de começarmos a nos organizar e a lutar contra as condições materiais que mantêm as mulheres e as crianças na situação em que se encontram, ou seja, de nos engajarmos em uma luta solidária contra o Estado e o capital. O que nos impede de acabar com o problema é reduzir a "luta" a uma questão de reformas legais, de ação policial, em suma, de fortalecimento do Estado. Um Estado que é nada mais nada menos do que o monopólio da violência, seu gerente e suposto administrador, que também quer fazer o mesmo na esfera doméstica.

O perigo de criticar o feminismo

Corremos o risco de servir, sem querer, ao machismo e à manutenção da ordem das coisas quando criticamos o feminismo. Da mesma forma que podemos servir ao fascismo quando criticamos o antifascismo ou à esquerda quando criticamos a direita. Mas, para isso, nossa crítica deve ser mutilada e isolada de sua radicalidade. Se ela for considerada um fim em si mesma em discussões intermináveis e simplesmente lógicas. Se for assimilada à maioria, ignorando sua origem e propósito.

A crítica machista tem como objetivo neutralizar o feminismo para manter a normalidade conhecida, para defender as tradições, em suma, a velha ordem capitalista. Portanto, não é

coincidência o fato de a crítica reacionária ao feminismo estar cada vez mais ligada ao liberalismo extremista e à *direita alternativa*. De **nossa parte, nossa intenção ao criticar o feminismo é superar seus aspectos vingativos e atacá-lo em seus aspectos burgueses, com o único objetivo de aprofundar a luta pela emancipação social**, como foi dito há mais de um século, da raça humana.

Se a sociedade é "machista", não temos escolha a não ser admitir que não são apenas os homens envolvidos nela que são machistas, mas também as mulheres, as crianças e os idosos. Se até agora não se viu nenhum grande movimento organizado de homens, apoiado também por mulheres, em defesa do machismo, embora haja pequenas tentativas, é porque **o machismo não requer nenhuma defesa consciente por parte de um determinado setor da população, ele já existe intrinsecamente**.

O que também é perigoso é considerar a ideologia feminista acima de qualquer crítica.

Poupar-lhe a crítica é a garantia mais segura de que, em resposta a um feminismo cada vez mais unilateral e míope, um movimento reativo em favor de um antifeminismo igualmente unilateral e ainda mais absurdo se fortalecerá contra ele. E é exatamente isso que está acontecendo e pode ser observado em certos reacionários e na formação de uma grande parte do que veio a ser chamado de "neomachismo", que tem muito pouco a ver com novidade.

Nossa contribuição tem o objetivo de retomar, desenvolver e ampliar a crítica radical de todas as condições de existência dadas pela sociedade de classes, a crítica do fetichismo da mercadoria e da opressão em todas as suas formas. Portanto, uma "revolução das mulheres" não é necessária nem possível antes, nesse meio tempo ou depois. Se entendermos uma revolução como a reviravolta total da sociedade, ela não pode ser feita por e para apenas uma fração da sociedade.

O movimento feminista ainda está longe de formular uma crítica abrangente para cumprir a tarefa de seus elementos mais combativos e rebeldes de rejeitar a sociedade capitalista. A única maneira de superar essa limitação é criticá-la, mas isso está se tornando cada vez mais difícil, pois as feministas acreditam cada vez mais que suas ideias são inquestionáveis e que qualquer um que as critique é necessariamente um chauvinista misógino, ou seja, um "fascista patriarcal". O feminismo oficial, da forma como é apresentado, nada mais é do que um democratismo radical que atrai principalmente aqueles que se identificam com a "classe média", da mesma forma que o antifascismo do período entre guerras começou antes de se tornar a ideologia oficial do proletariado já oficializado após a Segunda Guerra Mundial.

"Os defensores vitoriosos do antifascismo oficial assassinaram trabalhadores e estupraram mulheres em massa durante a Segunda Guerra Mundial. E eles faziam parte diretamente dos governos vitoriosos que, em nome da luta contra o fascismo, submeteram tantos países a um regime capitalista democrático onde não devemos mais protestar porque somos supostamente livres e estariam em situação pior se os outros tivessem vencido.

O fascismo e a democracia sempre foram sistemas políticos complementares que atendem aos interesses dos ricos. Quando a democracia não consegue conter as lutas dos explorados e oprimidos, ou simplesmente para nos manter afastados, o Capital recorre a formas mais brutais. Hoje em dia, esses métodos que supostamente são reservados aos fascistas fazem parte de qualquer governo que se diga livre e antifascista, que, por sua vez, é abertamente totalitário." (*Viva a revolta!* panfleto anônimo de junho de 2020).

Não há nada de arbitrário na analogia proposta; como apontamos anteriormente, estamos em um momento em que criticar o capitalismo sem colocar o machismo em primeiro lugar é suspeito de

misoginia. Há várias décadas, todo um movimento social com ambições revolucionárias foi despojado de suas práticas, de sua linguagem, de seus slogans, forçado a renunciar a suas ambições em nome da defesa da democracia contra o fascismo, e esse silenciamento, que a maioria do proletariado aceitou de bom grado, defendendo fervorosamente o suposto "mal menor", ou de mau grado, com prisão, tortura e massacres, foi o prelúdio de uma derrota catastrófica.

"O identitarismo e a democracia fazem parte da genética da ideologia feminista. Seu caráter democrático é claramente visto no fato de que, limitada como é a uma luta parcial, ela não pode deixar de reivindicar a igualdade entre homens e mulheres como escravos assalariados e seu reverso, como cidadãos. É a defesa da igualdade na desigualdade, da mesma mistificação democrática que teve uma enorme força de recuperação ao longo da história e que continua a esconder o pano de fundo de nossa opressão: a subordinação de tudo e de todos às demandas da produção, por mais democraticamente gerenciada que seja." (Barbaria, *Why We Are Not Feminists*)

Pós-feminismo / Queer

O primeiro Encontro Nacional de Mulheres na Argentina foi realizado em 1986, em Buenos Aires. Hoje, depois de ser realizado em diferentes cidades do país, mudou seu nome para Encuentro Plurinacional de Mujeres, Lesbianas, Travestis, Trans, Intersexuales, Bisexuales y No Binaries (Encontro Plurinacional de Mulheres, Lésbicas, Travestis, Trans, Intersexuais, Bissexuais e Não Binários). Ontem, o transfeminismo parecia ser uma minoria, mas hoje ele não só é aceito como também faz parte do amplo movimento feminista oficial. Essas reuniões, endossadas ou rejeitadas por diferentes governos provinciais, já contam com uma grande participação do ativismo LGTTBIQ+ e da teoria queer, bem como do indigenismo e das teorias pós-coloniais. O transfeminismo se tornou tão difundido socialmente que sua influência é notória tanto na elaboração de leis e políticas públicas quanto na mídia.

O transfeminismo estende os temas do feminismo clássico àqueles que não são mulheres cisgênero. No último termo, o prefixo *cis* significa "deste lado", antônimo do prefixo latino *trans*: "através", "além", "de um lado para o outro".

O pós-feminismo, podemos arriscar, tem a ver com a teoria desse transfeminismo. Herdeiro das teorias pós-estruturalistas, que comumente e depreciativamente chamamos de pós-modernas, ele insiste que o sexo e o gênero são construídos por meio da linguagem. Isso explica a insistência na luta linguística.

"A crítica pós-feminista surgiu como uma resposta à teoria de gênero e suas limitações, e agora está bem estabelecida no meio acadêmico (...) **O queer nos obriga a repensar o gênero, a sexualidade, a orientação do desejo, sua articulação e a interseção dessas questões com as de classe e raça.** Nesse sentido, o pós-gênero tem sido extraordinariamente frutífero (...) Ele nasceu para romper com os rótulos, para dizer aos papéis de gênero: Foda-se, para reivindicar um espaço para as chamadas minorias eróticas e para lutar pela despatologização da homossexualidade, da transexualidade etc. Ele colocou a ideia de intersexo de volta no mainstream. Colocou a ideia de intersexo de volta na mesa de discussão após mais de um século de binarismo e determinismo biológico. Nos primeiros anos deste século, ela nos foi apresentada como a verdadeira e definitiva revolução sexual e, em pouco mais de quinze anos, tornou-se uma fábrica de novos rótulos (cis, trans, indivíduos não binários, pansexual, polissexual, omnisexual, sapiensexual), ao mesmo tempo em que continua apontando o homem heterossexual como a causa de todos os nossos males, como o inimigo a ser vencido.

O termo "cisgênero", que a teoria pós-feminista usa para se referir a homens heterossexuais com genitália masculina ou mulheres heterossexuais com genitália feminina, é hoje usado como um insulto. Como se ser cisgênero já fosse sinônimo de ser um opressor ou, no caso das mulheres cis, uma pobre mulher oprimida que nem sequer tem consciência de sua opressão". (Lucía González-Mendiondo, *El género y los sexos. Repensando a luta feminista*)⁴¹

"Tendo como pano de fundo os anos 80, após duas décadas de lutas derrotadas e a ascensão do "liberalismo", a equação "queer = desviante = discriminado = dominado = em revolta" se tornou uma referência obrigatória para aqueles que buscam uma visão geral que vá além das questões sexuais, mas que não podem, ou não querem, raciocinar em termos de classe. Qualquer pessoa que se diga queer sabe que a pressão heteronormativa não se aplica igualmente a uma mulher negra ou branca, a um advogado ou a um trabalhador. Mas como uma análise de classe, e muito menos a participação em uma luta de classes aparentemente inexistente ou extinta, parece impossível, o discurso queer oferece uma maneira de falar e lidar com a divisão social, dando menos importância à exploração do trabalho pelo capital. O fato essencial é a dominação. Como a atividade queer coloca aqueles que aceitam as normas contra aqueles que as rejeitam (o inimigo é a norma, o normativo, o heterossexual, em resumo), membros de todas as classes podem participar dessa luta. E como se trata de uma luta contra todas as formas de opressão, todas as lutas específicas devem convergir.

(...) Embora ainda dominante, a heterossexualidade não é mais tão dominante quanto era em 1970: o CEO da Apple, a maior empresa do mundo em capitalização de mercado, anunciou em 2014 que era gay, e muitos líderes políticos, incluindo chefes de estado, não escondem mais sua homossexualidade.

É natural que uma minoria sexual busque aceitação. Quem quer que queira viver sua vida gay livremente (e que muitas vezes alega não ter escolhido fazer isso) não é, apenas por esse fato, levado a tentar revolucionar a sociedade. Tampouco uma pessoa refratária necessariamente luta contra a ordem estabelecida. **O movimento gay e lésbico de Stonewall só pôde assumir um caráter revolucionário na breve fase em que prevaleceu uma tempestade social; seu programa só foi subversivo enquanto a sociedade lhe negou um lugar.** A integração do movimento veio mais tarde, mas para a maioria dos gays e lésbicas não é uma derrota, mas uma vitória, poder se tornar um soldado, um político ou um executivo de uma multinacional sem ter que se esconder". (Gilles Dauvé, *Queer, ou a identidade que se recusa a ser queer*).

Por outro lado, isso significaria tornar invisível a existência de expressões queer que não estão confinadas ao mainstreaming e à academia, embora elas claramente compartilhem um poderoso denominador comum. Muitas vezes, um conjunto de características fundamentais permite que diferentes expressões da mesma corrente ou ideia existam sob o mesmo termo. No caso do queer, trata-se de um antiessencialismo radical que não enfatiza a mesmice, mas a diferença e a particularidade, não assumindo a subordinação das necessidades concretas de diferentes grupos a um objetivo universal, mas fazendo com que cada necessidade particular seja considerada universal. Por isso, sua insistência e ponto de partida no marginal e no abjeto, muitas vezes caindo no risco de tornar invisível o mais geral por meio do particular.

⁴¹ Embora o autor aponte isso dentro do pós-feminismo, vale a pena enfatizar mais uma vez que "cisgênero" pode ser um insulto nessas esferas restritas. Porque sempre há um babaca que extrapola uma situação particular para a situação geral, a fim de se apresentar como uma pessoa oprimida pelas "ideologias de gênero", enquanto faz parte do que é dominantemente aceito.

NOTAS FINAIS

Até agora, ficou claro que o problema não é simplesmente um feminismo míope, mas principalmente aquilo que o torna possível: a necessária divisão sexual da sociedade capitalista. Nesse sentido, **identificamos os estudos de gênero principalmente como uma expressão atual de pensar e modificar a divisão sexual dentro dessa sociedade e em relação às suas próprias transformações gerais, e não a superação revolucionária dela**. Até onde sabemos, é muito provável que toda sociedade tenda a certos hábitos específicos com base na sexualidade humana, mas isso não significa que a forma atual seja inevitável. O que estamos nos referindo em toda essa questão é o sofrimento e a nocividade gerados pela divisão sexual capitalista, o quanto ela foi e é indispensável para produzir e reproduzir essa sociedade.

Terá ficado claro que não entendemos por comunismo um estado totalitário e a manutenção das categorias essenciais da sociedade capitalista (valor, mercadoria, dinheiro, propriedade, troca). Com suas próprias diferenças e ignorância, esse é o pressuposto daqueles que rezam muito porque "está sendo implantada uma ideologia de gênero", bem como daqueles que, convertidos ao feminismo, militam, por sua vez, nas diferentes vertentes da esquerda estatista e capitalista. Nada poderia estar mais distante de nosso horizonte do que aquele "comunismo" stalinista que, em 1933, acrescentou um artigo ao código penal da União Soviética, punindo a "sodomia" com até cinco anos de trabalhos forçados na prisão, o que serviu não apenas para condenar a homossexualidade masculina, mas também para acusar e perseguir os dissidentes políticos, independentemente de sua orientação sexual, como homossexuais.⁴²

É claro, por sua vez, que também não presumimos que o trabalho liberta. "Arbeit macht frei" (o trabalho liberta) é uma frase que pode ser lida nos campos de trabalho forçado nazistas, como Auschwitz ou Dachau, entre outros. Há uma frase apócrifa atribuída a Simone de Beauvoir, usada pelo empreendedorismo comercial: "É por meio do trabalho que as mulheres têm sido capazes de preencher a lacuna que as separa dos homens. O trabalho é a única coisa que pode lhe garantir total liberdade. Atrair as mulheres para o trabalho assalariado em determinados setores específicos é vendido hoje como liberdade e como uma novidade. **No entanto, nossas mães, avós e bisavós já tiveram um segundo emprego e isso não as libertou do primeiro, ou seja, o trabalho doméstico.** Por outro lado, mesmo que isso fosse possível, é preciso lembrar que, enquanto o trabalho assalariado existir, nunca haverá trabalho para todos, porque é uma condição sem a qual ele não poderia existir, o que significa que, mesmo que fosse assim, as "mulheres" como um coletivo nunca poderiam ser libertadas.

Divisão sexual e força de trabalho

A extração da mais-valia, a exploração da força de trabalho, depende, acima de tudo e cada vez mais, de processos que reduzem o valor das mercadorias a fim de aumentar a mais-valia que elas contêm, reduzindo o tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-las. Esses processos aumentam constantemente a produtividade do trabalho devido ao aperfeiçoamento da técnica e da tecnologia, ao surgimento da tecno ciência, ou seja, ao desenvolvimento das forças produtivas.

⁴² Uma carta de um membro do Partido Comunista da Grã-Bretanha para Stalin, datada de 1934, pergunta: "Um homossexual pode ser considerado digno de ser membro do Partido Comunista? Uma cópia do original encontra-se no Arquivo da Presidência da Federação Russa, em cuja primeira página há uma nota escrita à mão pelo líder: "Arquivo. Um idiota e um degenerado. J. Stalin". Consulte também "Cher comrade Staline". *Homo au pays des soviets* da série *Homo*, Gilles Dauvé.

A participação do trabalho vivo no processo de produção diminui em comparação com o trabalho morto. Assim, **o valor de uso da mercadoria força de trabalho perde suas características particulares** e se torna cada vez mais dependente da maior ou menor quantidade de trabalho excedente que pode ser produzido. Entretanto, **os portadores da força de trabalho continuam a existir em uma forma sexuada**.

Enquanto a força de trabalho se torna, na maioria dos casos, absolutamente intercambiável, ela encontra um limite na diferença sexual. (Veja o quadro) O capital pode modificar muitos aspectos de sua própria divisão sexual do trabalho em uma tentativa de contorná-la, mas nunca o fará completamente. Estamos nos referindo especificamente à gravidez, à maternidade, à *curva M* atenuada, mas persistente.⁴³ A produção depende cada vez mais da inovação tecnológica e, portanto, de trabalhadores masculinos e femininos com habilidades específicas e altamente padronizadas, atuando como apêndices das máquinas, misturando-se a elas. Mas somente as máquinas não têm sexo.

/BOX

O capital, em seu desenvolvimento, encontrou e continua a encontrar limites para sua sede de exploração e lucro. "A redução da jornada de trabalho foi o resultado da luta de gerações de proletários, mas também foi inevitável para o capital que, em nível internacional e por suas próprias contradições internas, estava atacando a própria base de sua reprodução. A extensão ilimitada da jornada de trabalho estava atacando a reprodução e a sobrevivência da força de trabalho, da fonte de mais-valia. Ao mesmo tempo em que a jornada de trabalho estava sendo reduzida, o capital estava se transformando, conseguindo aumentar seus lucros com a ajuda da ciência, com a introdução de máquinas, reduzindo o tempo de produção das mercadorias e intensificando a exploração do trabalho. No entanto, deve-se observar que, ontem como hoje, enquanto em alguns países a produção é modernizada, em outros continua a exigir pilhagem e trabalho escravo.

No caso da Argentina, a lei que regulamenta a jornada de trabalho de oito horas foi aprovada em 1929, já como legislação necessária da modernização capitalista e de sua própria regulamentação. Esse exemplo local mostra, junto com tantos outros na história e no mundo, que o que em um momento pode ser um objetivo de luta, um ataque direto ao lucro, uma necessidade imediata que não pode ser adiada e até mesmo uma força motriz para poderosas expressões revolucionárias, em outro momento pode ser simplesmente um direito concedido para lubrificar a máquina capitalista". (*La Oveja Negra* nr.76, *Mayday: memórias e perspectivas*)

Vemos, então, como o capital está em constante fluxo, buscando contornar os limites que encontra para a valorização. Da mesma forma, a grande crise da década de 1970 abriu as portas para uma reestruturação do capital em grande parte do mundo, que avançou sobre as condições de trabalho, tornando-as mais flexíveis e ainda mais precárias. Nesse sentido, as diferenças sexuais aparecem

⁴³ "Ao longo da longa história do capitalismo, a participação das mulheres no mercado de trabalho descreveu uma *curva em M* distinta. A participação aumenta rapidamente quando as mulheres entram na idade adulta, depois cai quando elas chegam ao final dos vinte e início dos trinta anos. A participação volta a aumentar lentamente quando as mulheres entram no final dos quarenta anos, antes de cair para a idade de aposentadoria. As razões para esse padrão são bem conhecidas. As mulheres jovens procuram trabalho em tempo integral, mas com a expectativa de que deixarão de trabalhar ou trabalharão em tempo parcial quando tiverem filhos. À medida que as mulheres entram em seus anos reprodutivos, sua participação na força de trabalho diminui. As mulheres que continuam a trabalhar enquanto seus filhos são pequenos estão entre os proletários mais pobres e mais sobrecarregados: mães solteiras, viúvas e divorciadas, ou mulheres cujos maridos têm salários baixos ou instáveis. À medida que os filhos crescem, mais e mais mulheres retornam ao mercado de trabalho (ou mudam para o trabalho em tempo integral), mas em clara desvantagem em termos de habilidades e experiência de trabalho, pelo menos em comparação com os homens com quem competem por empregos." (Maya Gonzalez, *Communisation and the Abolition of Gender*) Veja a edição anterior: p.11.

como um limite para a transformação da divisão sexual do trabalho, e o feminismo oficial atual faz parte da tentativa de superá-lo por meio de uma maior democratização e flexibilização da força de trabalho. Deve-se observar que nenhum desses processos está ocorrendo de forma homogênea e que, enquanto em um setor foram introduzidas máquinas sofisticadas, o trabalho é realizado em equipes e até mesmo descansa em um spa dentro da empresa, em outro setor a extensão da jornada de trabalho, a intensificação do trabalho e a exploração de grandes parcelas da força de trabalho em condições de semiescravidão continuam a prevalecer. Da mesma forma, certos aspectos da divisão sexual do trabalho são modificados em determinadas regiões ou esferas de produção (por exemplo, o Estado iguala as licenças maternidade e paternidade para igualar as condições de trabalho) e permanecem intactos em outras.

MESA FINAL/

O aumento da composição orgânica do capital resulta na desqualificação da mão de obra e na intercambialidade dos trabalhadores. "O trabalhador desaparece e o proletário permanece", apontou a revista francesa *Négation* já em 1974.⁴⁴ **"A relação cada vez mais abstrata do trabalhador com o processo de trabalho faz com que toda a "consciência do produtor" desapareça". Mas o que não pode desaparecer é a "consciência sexuada", acrescentamos.** Mesmo que se possa presumir que a força de trabalho não tenha sexo, abstraindo-se do ser humano, isso é impossível porque ela é indivisível do ser humano.

As transformações na produção implicam necessariamente em mudanças na reprodução da sociedade. A crescente massa de "população excedente" é um exemplo claro disso, que não pode ser ignorado ao analisar as políticas de controle de natalidade e, portanto, ao refletir sobre as mudanças na concepção da maternidade e do que significa "ser mulher". Ao mesmo tempo, o declínio da mortalidade infantil e o aumento geral da expectativa de vida reduziram consideravelmente a parcela da vida adulta e produtiva dedicada aos cuidados com os filhos. A crescente reentrada das mulheres no trabalho remunerado, a desintegração progressiva da família nuclear, bem como o relaxamento da imposição da matriz heterossexual (cuja principal função está na condenação de todos os relacionamentos não reprodutivos), são inseparáveis de todo esse processo. Em outras palavras, **o Capital busca contornar certos limites que fazem parte de sua própria divisão sexual imposta por longas décadas, e muitas das expressões que criticamos ao longo desta edição são completamente condicionadas por essa busca.** De fato, muitas das feministas que se referem ao gênero como um conjunto de características que definem "masculinidade" e "feminilidade" têm em mente as normas do período marcado, em grande parte do mundo, pela família nuclear e pela industrialização fordista.⁴⁵ É sempre mais fácil lidar criticamente com o passado, com o que já se esgotou ou está em vias de se esgotar, ao passo que entender e criticar as mudanças que estamos vivendo é mais difícil, ainda mais com o subjetivismo predominante.

Certas modificações nos costumes, tradições e comportamentos, portanto, estão profundamente ligadas tanto à crescente indiferenciação da força de trabalho quanto à sua reprodução, que, embora não apague a divisão sexual capitalista, permite certas licenças. É nesse contexto que as lutas das mulheres ressurgem, e é pelas razões que descrevemos que elas são frequentemente entendidas indiferentemente como "de gênero".

⁴⁴ *Lip e a contrarrevolução autogestionária. Négation* nr.2, março de 1974

⁴⁵ Consulte *The Logic of Gender, Notas finais* no.3.

Não é por acaso que são as empresas mais inovadoras que apoiam as chamadas "lutas de gênero" e que aqueles que se horrorizam com o que consideram uma "degeneração" - a Netflix ou um conglomerado de igrejas evangélicas, uma cidade ligada ao turismo internacional ou outra ligada à extração semiescrava de matérias-primas, os criadores de conteúdo para adolescentes na internet ou os proprietários de uma oficina mecânica - estão se tornando obsoletos.

Uma relação de produção não é uma relação entre indivíduos, sejam eles dois, dez ou um milhão. É uma relação social generalizada e totalitária que não pode ser abolida nem pessoal nem localmente. Mesmo aqueles que desejam escapar (mudando-se ou não sendo diretamente explorados por um patrão) ainda fazem parte das relações de produção estruturantes da sociedade capitalista como um todo.⁴⁶ O mesmo ocorre com a divisão sexual dessa sociedade; todos não podem escapar dessa divisão simplesmente abandonando-a, porque é algo que não começa e termina com cada indivíduo. As alocações sociais que derivam dela não podem ser abolidas por decreto ou por escolha pessoal, assim como a família, o trabalho, o dinheiro ou o Estado não podem ser abolidos.

O questionamento das tradições familiares, *os estudos de gênero*, as mudanças em relação à maternidade etc. também são produzidos pelo capital. E elas podem ser muito úteis quando, em tempos de crise, a baixa taxa de lucro não pode ser compensada por outros meios. Assim, a diminuição do salário que (por assim dizer) agora vale metade do salário, e é por isso que duas pessoas têm de trabalhar em uma casa para sustentá-la, é um fato que geralmente passa despercebido. Dessa forma, a taxa de lucro pode aumentar e a crise de valor parece ser enganosamente desacelerada. Muitas e muitas mulheres precisam, então, adiar ou delegar a gravidez, assim como certas tarefas reprodutivas que haviam sido assumidas pelo Estado ou mercantilizadas são transferidas de volta para o lar, e é nesse ponto que se torna necessária uma maior participação masculina.

"O número crescente de atividades reprodutivas transferidas do Estado para a esfera privada capitalista, ou seja, o declínio do salário indireto (...) transformou, em grande parte, a relação entre os gêneros e minou a família nuclear e, consequentemente, perturbou as hierarquias e os equilíbrios internos do proletariado. Esse elemento mudou significativamente as relações interindividuais dentro do proletariado. A posição do portador da função de reprodução social (que corresponde principalmente às mulheres, mas não exclusivamente hoje em dia) tornou-se ainda pior no período de reestruturação do capital. Dentro da dialética de "permitir que as mulheres se tornem trabalhadoras e, ao mesmo tempo, forçá-las a se tornarem trabalhadoras", o segundo aspecto é o mais importante. À medida que a família nuclear é cada vez mais enfraquecida, a carga sobre as mulheres é dobrada, pois elas tendem cada vez mais a desempenhar um papel reprodutivo e produtivo. A reestruturação intensificou o questionamento do papel reprodutivo das mulheres e tornou inevitável a identificação da destruição das relações de gênero com a destruição da exploração. **Essa dinâmica implica a produção histórica dos limites de qualquer tipo de feminismo, que, apesar de ter razão em criticar as relações capitalistas de gênero, não poderá realmente abordar a questão do gênero em sua totalidade enquanto permanecer feminista e não superar a si mesmo (uma superação que só pode acontecer como uma ruptura dentro das lutas)".** (Woland-Blaumachen, *A produção histórica da revolução do período atual*)

Na edição anterior, na qual dedicamos várias páginas à reprodução da força de trabalho, ressaltamos que o capital não pode eliminar a reprodução da força de trabalho no lar. Pois se a burguesia fosse diretamente responsável pela sobrevivência do proletariado, ao transferir sua reprodução da esfera

⁴⁶ Veja *Capitalismo omnipresente*, colaboração de LOS AMIGOS DE LA NEGACIÓN para a revista *Salamandra* nº 23-24.

privada para a pública, não seríamos mais obrigados a vender nossa força de trabalho.⁴⁷ Embora esteja começando a ser debatido se, com os salários tendo caído tanto, o capital está agora em posição de pagar por uma parte crescente da reprodução da força de trabalho/sobrevivência do proletariado (renda mínima, "renda básica universal" etc.), pelo menos em certos países, de modo que cada vez mais proletários passem do emprego para a sobrevivência de uma forma lucrativa para o capital. Por outro lado, nesses tempos de crise e confinamento, é importante observar como cada vez mais o trabalho, sob o nome de teletrabalho, é transferido para a esfera doméstica, ao mesmo tempo em que absorve os efeitos do desemprego e das demissões, e as tarefas domésticas, como cuidar dos filhos e da educação, são aprofundadas.

Estamos tentando refletir sobre uma questão de substância e não simplesmente de forma. **Portanto, seria um erro supor que, ao escolher métodos mais violentos ou horizontais, as lutas poderiam ser mais radicais.** Se elas fossem mais massivas ou se os partidos ou representantes oficiais não conseguissem trair o movimento em desenvolvimento, elas poderiam ter ido mais longe. Isso seria dar aos partidos e líderes um poder total que eles não possuem, não apenas sem entender que suas ações são profundamente moldadas pelas circunstâncias em que operam, mas até mesmo presumindo que eles têm a capacidade de defini-las. Essas críticas foram feitas às lutas dos trabalhadores, aos desempregados, às lutas territoriais e agora, é claro, é a vez do movimento e da dissidência das mulheres (nessa área, a palavra "dissidência", sem qualquer explicação, como se não houvesse outras formas de dissidência, refere-se à chamada "dissidência de gênero").

O confronto com a polícia e outras agências de aplicação da lei, bem como a repressão e a prisão, marcam uma unificação. Entretanto, a repressão ou o confronto em si não é um sinal de radicalismo coletivo. Essa maneira de ver as lutas resulta da empatia, mas também está misturada com a concepção fundamentalmente política das lutas com seus reducionismos correspondentes de cidadania, sindicalismo, ONGs e partidarismo. Isso também se encaixa na máxima reformista de que "a ação nos une e a teoria nos separa", quando seus defensores já criaram uma teoria a ser aplicada e querem nos privar de nossa capacidade de reflexão, autocritica e equilíbrio como um momento necessário das lutas.

É claro que a maioria dos reformistas estará se perguntando como conseguir mais projetos de lei no parlamento, como vencer mais lutas simbólicas, como conseguir mais funcionários públicos não homens, etc., etc., etc. Não é a isso que estamos nos dirigindo principal e obviamente. Mas àqueles que, como nós, estão tentando transformar radicalmente a realidade.

Por enquanto, a resistência e a luta defensiva são as formas predominantes de ação coletiva. "Resistência" é um termo que começou a ser usado há algumas décadas como sinônimo de luta, e isso não é coincidência. Em tempos de recuo e derrota, o simples fato de resistir é apresentado como uma conquista, não mais como uma conquista de vitória ou transformação.

O salto qualitativo entre essa situação e uma situação revolucionária será obviamente dado pela força que tivermos em um contexto propício. **Não basta a vontade ou simplesmente as "condições objetivas" que automaticamente superam as condições. É por isso que não se trata de uma questão de unidade política, mas de uma ruptura com o existente, nas próprias lutas.**

Consideramos necessário travar uma luta sexual revolucionária que não tenha como objetivo a tolerância ou o aumento da classificação estatal de identidades, mas a emancipação do desejo erótico da divisão sexual imposta, a emancipação humana da divisão sexual do trabalho. Uma

⁴⁷ Veja o quadro *Socialização do trabalho doméstico?* na p.10 da edição anterior.

emancipação que não se limita a algo existente, mas reprimido, mas principalmente à sua transformação.

Cidadania

Hoje, a massa crescente de proletários que gastam sua força de trabalho de forma indiferente os torna tão intercambiáveis que não há mais conflitos entre trabalhadores como havia há quatro ou cinco décadas. Os empregos temporários, independentes e autônomos, a precarização - se não diretamente o desemprego em massa -, o encolhimento das fábricas que empregam cada vez menos proletários e o desaparecimento das vizinhanças dos trabalhadores ao redor delas criam condições diferentes para o protesto e a luta.⁴⁸

Pode-se até dizer que não há mais um "movimento de trabalhadores" como se pensava na década de 1970. **Não se trata de feminismo, mulheres ou da crítica das tradições que dividem o proletariado para enfraquecê-lo. Essas são as condições atuais em que o conflito social está se desenvolvendo. Essas são as condições atuais em que o conflito social está se desenvolvendo.** Elas implicam uma identidade operária em declínio (que também não é desejável recuperar) que dá lugar a outras identidades, quase sempre em relação à do cidadão. É nesse contexto que ressurgem os movimentos feministas, de mulheres e de dissidência, e o Estado se torna um ponto de referência para todas as lutas, como já apontamos e voltaremos a abordar mais adiante.

O cidadão aparece como um sujeito abstrato. Dizem-nos que "somos todos iguais perante a lei" e, embora isso seja expresso na nova linguagem inclusiva, também não é verdade. Assim como a força de trabalho, na realidade, o cidadão tem gênero.

A cidadania não é simplesmente uma identidade política, mas uma realidade social, vejamos:

"Quando o Estado [que podemos considerar uma divisão interna da classe capitalista] se apropria de uma parte do valor da força de trabalho, a parte correspondente ao salário indireto, isso atesta que o proletariado é propriedade da classe capitalista como um todo, em sua forma estatal ou diretamente capitalista. Se a apropriação individual direta do trabalhador por seu empregador é contrária à natureza da relação social capitalista, a renovação e a estabilidade dessa relação implicam uma apropriação coletiva do proletariado como um todo: o Estado, que tem poder legal e prático sobre seus súditos, pode desempenhar esse papel. **O cidadão, então, completa o proletário e permite que ele exista como tal.**

Vemos aqui que o proletário, como sujeito, está sempre, por assim dizer, em um campo de forças cujos polos são o Estado e o Capital: a maneira mais ou menos equilibrada com que ele é capturado por esse campo de forças define seu nível de integração. Ter um salário estável é ser um sujeito social cujas lutas e a maneira como são conduzidas pressupõem essa integração desde o início. Assim, somos confrontados com o Estado como cidadão-sujeito, contribuinte, eleitor, e com o Capital como produtor de valor, como proprietário de um comércio, etc." (Carbure, *Notes on the role of the State in the reproduction of labour power*).

Juntamente com as do movimento de mulheres, é nas lutas ambientais ou anti-repressão que os proletários mais exigem como cidadãos, ou seja, exigem mais leis, mais direitos, mais deveres, mais controle do Estado sobre suas próprias instituições, a população e as empresas. Nessas lutas, que

⁴⁸ Neste parágrafo, estamos nos referindo à Argentina e a tantos outros países, e obviamente não a situações como a de várias regiões da China, onde a concentração da produção em indústrias gigantes reproduz constantemente inúmeros conflitos trabalhistas.

ultimamente são as mais massivas fora dos surtos sociais de revolta, a incapacidade de confrontar uma relação social é revelada, talvez porque elas não possam ser personificadas em uma única ou em um punhado de pessoas responsáveis, como era feito no passado, como o chefe da grande empresa que ocupava um escritório na mesma sala que suas centenas de trabalhadores. Quando aqueles que lutam começam a ver as diferentes implicações do desastre, começa-se a vislumbrar a enorme relação entre uma questão e outra e, como se costuma dizer, "como tudo tem a ver com tudo".

Na maioria dos casos, o inimigo que nos destrói não é simplesmente um capitalista específico identificável, mas cada vez mais uma rede que nada mais é do que a sociedade capitalista como um todo, que é percebida de forma mais ou menos confusa. Talvez seja em relação a isso que nas "questões de gênero" surja uma rejeição indiferenciada dos "homens", procurando para onde direcionar o conflito. E isso não é surpreendente quando, até agora, a maioria esmagadora dos tomadores de decisões individuais são homens adultos. Somado a isso, há uma estrutura *homossocial* da vida, ou seja, uma preferência por relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo (excluindo relacionamentos românticos e sexuais) que, não raramente, leva a uma "guerra de gênero" ou, pelo menos, a uma briga.

Nessas condições, não apenas um feminismo reacionário ou liberal, mas também um anticapitalismo superficial pode crescer maciçamente. Na ausência de uma ruptura radicalmente anticapitalista, o caráter sexista dessa sociedade prevalece sobre o antagonismo de classe e não encontra sua ligação com ele.

Interclasismo

⁴⁹Com relação às questões com as quais temos lidado e suas respectivas lutas, temos o direito de falar de interclassismo, mas não simplesmente em termos de uma aliança política, mas como uma realidade social relativa à divisão sexual do trabalho que leva o proletariado a lutar junto com a chamada "classe média", ou melhor, com a pequena burguesia e até mesmo com setores abertamente burgueses.

Na Argentina, a classe média é geralmente considerada como aqueles que não são ricos ou extremamente pobres. Isso ocorre porque as classes não são referidas em termos de exploração capitalista, mas de um ponto de vista cultural e de identidade, ou de um ponto de vista sociológico medido de acordo com o nível de consumo, renda ou condições de vida.

Certos setores de trabalhadores assalariados, comerciantes ou autônomos muitas vezes sentem que "os extremos", ou seja, os muito pobres e os ricos, são parasitas. Por outro lado, toda a América Latina sonha em se tornar uma região de classe média, e não mais uma parte pobre, indígena, do Terceiro Mundo e subdesenvolvida do mundo.

Na ausência de um bom salário e, mais ainda, sem um lar próprio e diante da incerteza cada vez mais opressiva, essa identidade é definida por uma espécie de culturalização compartilhada baseada na confiança e na apologia ao trabalho, à educação e às instituições, bem como por uma forte

⁴⁹ Desde CUADERNOS DE NEGACIÓN nunca limitamos a noção de proletariado a uma categoria sociológico-estatística, muito menos a uma questão política ou a um sujeito político em que a classe explorada seria sinônimo de trabalhador assalariado, homem, adulto, branco, ocidental e industrial. Desde o início lutamos contra essas noções burguesas! Nesse sentido, parece-nos fundamental refletir sobre a exploração de grande parte do proletariado não assalariado e sobre a necessidade e as possibilidades de sua luta revolucionária.

individualização que muitas vezes leva não apenas à defesa da independência pessoal ou familiar, mas também da meritocracia.

"Mas não se trata tanto de descartar o conceito quanto de deixar de assumir a priori a existência de uma classe média e de tentar entender os processos sociopolíticos e/ou discursivos pelos quais, em contextos específicos, uma "classe média" é recortada. Isso faz parte de uma formação metafórica muito antiga que se tornou senso comum, por meio da qual a sociedade é compreendida em termos do mundo físico, como se tivesse um volume do qual se pode distinguir uma parte superior, uma média e uma inferior. Essa imagem mental, por sua vez, está associada às suposições da doutrina moral do meio-termo, segundo a qual o meio-termo aparece como o local da moderação e da virtude (em oposição aos extremos da pobreza e da riqueza exagerada, que seriam o local do vício e do excesso que ameaçam o equilíbrio social). A tradição liberal aproveitou essa operação metafórica de várias maneiras, tanto para apresentar visões do social como um todo harmonioso quanto para reivindicar prioridade para a burguesia e desacreditar visões políticas classistas. Também associou essas noções à narrativa do excepcionalismo europeu, segundo a qual a Europa é o 'berço da civilização' precisamente porque também deu origem a uma classe média independente e racional, o motor do progresso capitalista e, ao mesmo tempo, a garantia da estabilidade democrática." (Ezequiel Adamovsky, *"Middle Class: Myths, Uses and Realities"*)

O interclassismo une momentaneamente duas classes com necessidades diferentes. Nada de novo, podemos nos lembrar da aliança entre as classes proletárias e burguesas nascentes em suas lutas contra a ordem feudal. Essa aliança não impediu a aliança que a burguesia também fez, mas dessa vez com a nobreza, para suprimir as revoltas dos servos, dos camponeses pobres e dos proletários.

Se, no momento, as duas classes não têm um interesse comum, o discurso enganoso dos políticos da burguesia não é suficiente e não faz sentido em escala de massa. Se seções do proletariado se envolvem com profissionais proletarizados e pequeno-burgueses, é porque essa luta corresponde a certos interesses materiais compartilhados. E também entendemos por que, nessas lutas, é principalmente o Estado que é apontado como o problema e o interlocutor. Porque, aos olhos do Estado, somos todos formalmente iguais (mesmo que isso não seja socialmente verdadeiro). No local de trabalho, por outro lado, nos encontramos em posições diferentes, e cada um de nós tende a reclamar com nosso empregador mais ou menos imediato de forma cada vez mais atomizada.

O capital tem uma tendência histórica permanente de se reestruturar, mantendo, é claro, os fundamentos: a exploração e a opressão, embora elas também não permaneçam inalteradas. A pequena burguesia e certos setores de vanguarda da burguesia se apresentam como alternativas às formas tradicionais e apresentam as reformulações como o objetivo de toda a luta. E, nessa luta entre as classes, eles aparecem como os setores capazes de colaborar com o Estado no controle e na repressão das expressões mais radicalizadas do proletariado. E por "radicalizadas" não queremos dizer as mais violentas, mas aquelas que buscam a raiz do problema. Isso é paradoxal, pois eles precisam do proletariado porque não possuem números ou forças suficientes.

⁵⁰Essa confluência ocorre em manifestações, reuniões nacionais e multinacionais, greves e até tumultos. Esse interclassismo não é uma questão de aparatos políticos. E o que chamamos de

⁵⁰ Esse interclassismo pode explicar por que as greves do 8M têm um caráter mais simbólico do que uma paralisação da produção e da reprodução. Não apenas porque a paralisação do trabalho doméstico apresenta outras dificuldades em comparação com outros tipos de trabalho, mas também porque, em geral, as trabalhadoras formais e sindicalizadas e, mais ainda, as funcionárias públicas ou as trabalhadoras independentes, sejam elas profissionais ou autônomas, podem parar.

interclassismo nada mais é do que o termo amplo "povo", uma noção tão intimamente ligada aos "movimentos sociais". Aqueles que **fazem exigências ao Estado, abstraindo de seu status de classe, fazem exigências como cidadãos e, no caso em questão, como mulheres e dissidentes.**

Lutar como proletários também não é uma superação se for apenas uma afirmação de nós mesmos como uma classe na sociedade capitalista, como uma defesa de nosso papel indispensável, nossos direitos e lugar na sociedade.

"Se nossas vidas não valem nada, produzam sem nós" é o que está sendo dito ao Estado para exigir o fim dos feminicídios. Trata-se de tornar visível o papel produtivo das mulheres, bem como seu papel reprodutivo e especificamente sexual.

Por outro lado, e não menos importante, **se as mulheres e os dissidentes podem unir suas lutas além da classe**, é porque compartilham algo além de sua condição de classe. Elas sofrem, de uma maneira particular, com o sexismo da sociedade capitalista.

As manifestações são momentos típicos de convergência entre as classes. Nessas manifestações, a realidade de classe torna-se secundária e discutível, enquanto a "condição de gênero" é predominante e indiscutível. Onde há uma classe de gênero com múltiplas condições e problemas, a diversidade é frequentemente vista sem a questão da classe. Quando milhares e milhares de mulheres proletárias saem às ruas para se reunir, para exigir, enfim, para lutar, **o feminismo geralmente vê o gênero e não a classe**, sem mencionar os sindicatos ou os jornalistas.

As manifestações interclasses são caracterizadas pelo fato de serem manifestações de massa e estáticas, ou seja, a ocupação de locais próximos aos locais de poder político. Assim como décadas atrás os trabalhadores se manifestavam principalmente nos locais de trabalho, há algum tempo os proletários desempregados têm se manifestado nas ruas, não mais interrompendo a produção de bens, mas sua circulação.

Essas manifestações estáticas oferecem aos manifestantes a oportunidade de se sentar e discutir suas preocupações. Em geral, não estamos lá como uma classe, como uma força comum, mas como indivíduos. Algo que também somos quando se trata de votar, vender nossa força de trabalho e criar laços. Essas são as condições em que operamos, não podemos nos abster delas, portanto, qualquer pessoa que leia nessas críticas um apelo para nos retirarmos da dinâmica social está nos entendendo mal. E como são principalmente os proletários que participam das lutas, nossas demandas imediatas surgem inevitavelmente; se elas recebem uma saída reformista ou são ocultadas, é outra questão. Portanto, salários, pensões, benefícios sociais, trabalho doméstico e escolaridade são questões que surgem imediatamente. Ao mesmo tempo, inter-relacionadas, há demandas que admitem o interclassismo, mesmo que afetem a população de maneiras diferentes: feminicídio, aborto, assédio sexual. **A questão não é separar o que é absolutamente proletário do que é apresentado como classista, mas entender como essas questões estão ligadas, qual é a prioridade e o que é decisivo.**⁵¹

Como é de se esperar, a burguesia fala mais alto na luta entre as classes. Isso significa que ela está mais certa e tem melhores razões? Não, significa simplesmente que ela tem os meios para sustentar o discurso que se adequa ao nível em que a luta entre as classes está situada: o nível político, que se dirige ao Estado como um igual. Isso não diminui a possibilidade de que os proletários, de alguma forma, vejam algumas de suas demandas refletidas ali.

⁵¹ A ampla participação dos proletários na luta contra o aborto, em defesa da família e até mesmo contra a implementação de novos programas de educação sexual nas escolas merece uma reflexão à parte.

Na Argentina, como em outros países, a luta pela legalização do aborto tornou-se central para o movimento de mulheres, talvez como uma possibilidade diante da impossibilidade de encontrar uma solução para a questão da violência de gênero e do feminicídio.⁵² E, embora seja verdade que em todo aborto ilegal "os ricos podem e os pobres colocam suas vidas em risco", é notória a composição das reivindicações do lenço verde, em sua maioria mulheres sindicalizadas, profissionais e estudantes. Devemos saber que o aborto legal no hospital, que permite à maioria das mulheres proletárias maior controle sobre a reprodução, é fundamental para poder competir de forma mais igualitária com os homens na venda da força de trabalho.

Tudo isso não implica necessariamente que, em lutas como essas, o proletariado desempenhe um papel secundário e se submeta aos imperativos da burguesia e da pequena burguesia. Ele está simplesmente engajado em uma demanda e/ou luta reformista. Até certo ponto, ele tem as mesmas demandas, quer as mesmas reformas que aqueles que comandam as lutas. Enquanto estivermos abaixo desse ponto, eles são o porta-voz oficial que melhor pode formular os objetivos conjuntos das duas classes, o porta-voz autorizado que fala claramente na linguagem do Estado a quem as demandas são dirigidas.

Nas demandas por legislação social, como a classificação legal de feminicídio, transfeminicídio, crime de ódio ou mais leis sobre violência de gênero, o Estado intervém no nível jurídico-político. As lutas não atacam diretamente o capital, mas também não atacam o Estado. As soluções são exigidas dos administradores da violência. Isso parece coerente, mas somente se o objetivo for melhorar a administração da violência e não acabar com ela.

Quanto mais as demandas sobre o Estado se generalizam, mais os objetivos estabelecidos se multiplicam e se entrelaçam. **Pode parecer uma luta contra o Estado quando, na verdade, seu controle, função punitiva e monopólio da violência são exigidos e reforçados.** Mesmo quando o movimento inclui greves para exigir medidas, ou até mesmo destruição.

A luta entre as classes não é contra o Estado em si, contra o princípio do Estado, como alguns ativistas querem acreditar. Ela é contra o Estado existente, quer eliminar seu machismo, restabelecer um programa social, democratizar as instituições e assim por diante.

O confronto contra o Estado será um componente inevitável da revolução comunista, mas enfrentá-lo apenas com base em alguns de seus "defeitos" é engajar-se em uma luta reformista que tem sua legitimidade, mas que é tão pouco conducente à superação dessa sociedade quanto as lutas sindicais contra o capital. De modo geral, quando as classes unem suas lutas, elas não questionam o Estado ou o modo de produção capitalista em geral, mas a administração específica das relações sociais por um determinado Estado.

A relação entre as classes continua sendo decisiva e haverá momentos em que a aliança interclasses colidirá com seus próprios limites. Se o movimento se radicalizar e o proletariado em luta tomar medidas imediatas, ou pelo menos tiver a intenção de tomar medidas imediatas, contra as condições sexistas especificamente capitalistas que desafiam a produção e a reprodução do capital, o interclassismo se tornará impossível.

Contra o sexismo, o Estado e o Capital!

⁵² Lembremos também que a questão do aborto hoje está ligada principalmente ao controle populacional e, portanto, à reprodução da força de trabalho necessária para a reprodução do capital.

Sob os "estudos de gênero", a sociedade (que não é percebida como capitalista, ou pelo menos não como a estamos expondo aqui), com as tradições derivadas de sua divisão sexual, acaba sendo entendida como um ataque, não mais à classe proletária como um todo, mas especificamente às mulheres e aos dissidentes. Interseccionalidade por meio da interseccionalidade, haverá aqueles que procuram a equação que soma uma opressão maior para mostrar quais grupos são os mais vulneráveis.

Como temos insistido ao longo destas páginas, não é simplesmente uma questão de discriminação, nem de moralismo, nesta sociedade, o que não é considerado normal é penalizado economicamente e, portanto, dificulta a sobrevivência. A questão dos *travestis* é exemplar. A prostituição é seu principal meio de sobrevivência e uma pequena parte delas trabalha de forma precária e informal como cabeleireira, costureira e doméstica. Isso significa que elas não têm cobertura médica, contribuições, férias, etc., etc. A marginalização é, portanto, institucional e social, e afeta as pessoas trans e travestis desde a mais tenra idade. Por sua vez, a permanência na educação também não é fácil. Na Argentina, o Estado impôs recentemente a "cota de trabalho para transgêneros" em diferentes repartições públicas, o que não é um grande benefício. Ele obriga a contratação de 1% de funcionários trans, mas apenas em poucos setores, o que não representa nem mesmo um benefício médio, mas conquistas simbólicas para comemorar em tempos em que há muito pouco trabalho a ser distribuído.

Ninguém pode ser contra o objetivo da subsistência, sejam pessoas trans, mulheres ou o restante da classe proletária. Muito menos em uma situação como a atual, não apenas de enorme desemprego, mas também de escassez e fome. De poluição ambiental, de piora nas condições de moradia e alimentação, de degradação dos vínculos humanos, de violência doméstica e urbana, de machismo assassino. Da emigração em massa e dos campos de refugiados, das prisões superlotadas. Entretanto, **considerar a subsistência como um horizonte político não é a mesma coisa.**

É necessário vincular o que é percebido como os "defeitos" dessa sociedade com seus "sucessos" e perceber como eles se condicionam mutuamente. E, acima de tudo, devemos entender que, se o Estado se encarrega de nossa sobrevivência (quando o faz), é claro que não é para o nosso próprio bem. O Estado não é todos nós, nem é um instrumento neutro que pode ser usado dependendo de quem governa.

O Estado está lentamente incluindo as mulheres em suas hierarquias. E o trabalho já está sendo "feminizado", não há necessidade de lutar por ele. A precariedade mais difundida e cada vez mais "des-gendrada" é aquela que há muito tempo é a regra nos setores "femininos" de trabalho: informal, em tempo parcial, baixos salários, intensificação e condições precárias.⁵³ Hoje, essa é a regra para os trabalhadores em aplicativos de transporte, por exemplo. Esses empregos não fazem parte da produção de valor em sentido estrito.⁵⁴

Por outro lado, uma certa reforma comunitária dentro do capitalismo também não é desejável ou possível, mesmo que seja considerada fora do Estado ou "mista". Não é possível viver fora dessa sociedade, não importa quantas microeconomias de subsistência (urbanas e rurais) e desconstruções individuais sejam acrescentadas. Tampouco há inspiração para o radicalismo em qualquer um dos dois polos: feminino ou masculino. O feminino não é o "lado bom", mas apenas o outro lado da moeda. **Não se trata de lutar para conquistar os supostos "privilégios" atribuídos ao**

⁵³ Veja *The Gender Fetish* nesta edição.

⁵⁴ A mesma atividade pode ser produtiva ou improdutiva, dependendo da relação em que se encontra, independentemente de ser ou não importante para a vida, é uma questão de ponto de vista do Capital. Veja *Produtivo ou improdutivo?* na edição anterior.

masculino. A luta contra o sexismo é a luta contra as alocações sexuais comumente chamadas de gênero.

Mesmo que a subsistência possa ser garantida de acordo com as propostas de uma economia feminista de distribuição equitativa do trabalho doméstico, ela ainda é uma esfera de produção da mercadoria força de trabalho que o capital explorará. Essas experiências (por mais interessantes que sejam) estão integradas ao capitalismo, que continuará a garantir a mercadoria força de trabalho e, em muitos casos, a um custo menor.

"A reprodução da força de trabalho não tem como objetivo melhorar as condições de vida dos trabalhadores, nem permitir que todos encontrem um emprego. **O que o Estado reproduz é, sem dúvida, trabalhadores individuais, mas essencialmente uma relação social**, na qual os trabalhadores imediatos são meios de acumulação. Pois o que é produzido por meio da reprodução é aquela mercadoria específica, que não pode resultar de um processo de produção capitalista nem produzir mais-valia para quem a vende, mas apenas para quem a consome: a força de trabalho. Esse caráter de mercadoria naturalmente supera por todos os lados seu infeliz portador, que se identifica um pouco demais com essa famosa pele feita para ser levada ao mercado, para ser curtida, e à qual ele é exageradamente apegado. No contexto de uma crise pandêmica, onde mais do que nunca slogans como "Nossas vidas, não seus lucros" serão ouvidos, e onde o Estado será solicitado a desempenhar um papel protetor que não pode e não vai desempenhar, pode ser importante lembrar disso." (*Carbure*)

Portanto, **não se trata de empreender uma economia feminista ou construir um "estado-mãe".** Porque não se trata de gerenciar e administrar o capitalismo e seu estado de forma alguma.

Desejamos, mais uma vez, contribuir para uma reflexão sobre a relação fundamental entre o capitalismo e a divisão sexual com as alocações sociais que isso implica, bem como para uma crítica das abordagens predominantes a essas questões. Dessa forma, esperamos contribuir para as lutas em andamento.